

*Ca o vej'eu assaz om'ordinhado. Airas Nunes no “coro” clerical trovadoresco*¹José António Souto Cabo²

Recibido: 15 de xullo de 2022 / Aceptado: 7 de setembro de 2023

Resumo. A atualização de dados relativos aos poetas que integram a (denominada) “compilação de clérigos” dentro da tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa é objetivo central deste trabalho. Trata-se de um agrupamento composto pelos nomes de Airas Nunes, Gomes Garcia, Martim Moxa, Paio de Cana, Rui Fernandes de Santiago e Sancho Sanches, aos quais se pode somar o de A. Gomes, jogral de Sárria, nele inserido por ter dedicado uma cantiga satírica a Martim Moxa. Na revisão geral das informações históricas que lhes dizem respeito, algumas com reflexo poético, o destaque vai para as novidades sobre Rui Fernandes e Airas Nunes. No primeiro dos casos, foi possível apurar informações inéditas respeitantes ao seu percurso profissional e, sobretudo, à integração familiar do religioso. A proposta de identificação histórica de Airas Nunes com o clérigo homónimo registado, entre 1250 e 1292, na documentação da Sé de Lugo é o aspeto de maior relevo. Com efeito, não se contava com qualquer indicio confiável sobre o percurso vital de uma das personalidades mais destacadas e originais do lirismo trovadoresco; acresce o facto de ser o único poeta cuja intervenção nas *Cantigas de Santa Maria* parece inegável. Com os dados de que agora se dispõe, podemos confirmar a definição do conjunto em questão como formado por religiosos de origem galega associados a um cabido catedralício durante o último terço do séc. XIII.

Palavras-chave: lírica galego-portuguesa; Airas Nunes; Rui Fernandes de Santiago; Sé de Lugo; corte de Sancho IV; *Cantigas de Santa Maria*.

[es] Ca o vej'eu assaz om'ordinhado. Airas Nunes en el “coro” clerical trovadoresco

Resumen. La actualización de los datos relativos a los poetas que integran la (llamada) “recopilación de clérigos” dentro de la tradición manuscrita de la lírica gallego-portuguesa es el objetivo central de este trabajo. Se trata de una agrupación formada por los nombres de Airas Nunez, Gomez Garcia, Martim Moxa, Paio de Cana, Rui Fernandez de Santiago y Sancho Sanchez, a los que se suma el de A. Gomez, juglar de Sárria, incluido en ella por el hecho de haber dedicado una canción satírica a Martim Moxa. En el repaso general de las informaciones históricas que les conciernen, algunas con reflejo poético, se destacan las noticias sobre Rui Fernandez y Arias Nunez. En el primer caso, fue posible obtener información inédita relativa a su trayectoria profesional y, sobre todo, a la integración familiar del religioso. La propuesta de identificación histórica de Airas Nunes con el clérigo homónimo registrado, entre 1250 y 1292, en la documentación de la Catedral de Lugo es el aspecto más importante. De hecho, no se contaba con indicios fidedignos sobre la biografía de una de las personalidades más destacadas y originales del lirismo trovadoresco; además de ser el único poeta cuya intervención en las *Cantigas de Santa Maria* parece innegable. Con los datos ahora disponibles, es posible confirmar la definición del grupo en cuestión como formado por religiosos de origen gallego asociados a un cabildo catedralicio durante el último tercio del s. XIII.

Palabras clave: lírica gallego-portuguesa; Airas Nunes; Rui Fernandes de Santiago; Sede de Lugo; corte de Sancho IV; *Cantigas de Santa Maria*.

¹ Este artigo integra-se nos seguintes projetos: *Stemma. Do canto à escrita - produção material e percursos da lírica galego-portuguesa* (PTDC/LLTEGL/30984/2017) e *Voces, espacios y representaciones femeninas en la lírica gallego-portuguesa* (PID2019-108910GB-C22). Agradecemos a colaboração que, por diversas vias, nos foi oferecida por Alberto Outeiro López, António Resende de Oliveira, Arturo Iglesias Ortega, Déborah González, Graça Videira Lopes, José Luís Rodríguez, Maria Ana Ramos, Marta Afonso, Mercedes Brea, Miguel García-Fernández, Ramón Mariño Paz, Ramón Yzquierdo Peiró, Xosé M. Sánchez e Yara Frateschi Vieira. Uma síntese deste trabalho foi apresentada em *No 800 aniversario de Afonso X o Sabio*, evento organizado pelo Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento / CSIC-Xunta de Galicia (Santiago de Compostela, 2021.11.23). A nossa intervenção (“A casa do rei e o trovadorismo galego-português”) teve como contexto a mesa-redonda “As contribucións literarias de Afonso X e a corte afonsí” em que também participaram Elvira Fidalgo Francisco, Esther Corral Díaz, Henrique Monteagudo e Pilar Lorenzo Gradín.

² Universidade de Santiago de Compostela. Departamento de Filoloxía Galega.
Correo-e: joseantonio.souto.cabo@usc.gal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4779-8115>.

[en] *Ca o vej'eu assaz om'ordinhado.* Airas Nunes in the Troubadour Clerical “Choir”

Abstract. The main aim of this paper is to update data concerning the poets that make up the so-called “compilation of clerics” included in manuscript tradition of Galician-Portuguese lyrical poetry. This group is composed of the poets Airas Nunes, Gomes Garcia, Martim Moxa, Paio de Cana, Rui Fernandes de Santiago and Sancho Sanches, to which we can add A. Gomes, a minstrel from Sárria, also included in the compilation because he dedicated a satirical song to Martim Moxa. In the general review of the historical news that has to do with them, some with a poetic reflection, those about Rui Fernandes and Airas Nunes are highlighted. In the former case, it was possible to obtain unpublished information regarding his professional path, and above all, his family integration. As for the latter, the most important aspect referring to Airas Nunes is the proposal of his historical identification with the homonymous priest recorded, between 1250 and 1292, in the documentation available at the Cathedral of Lugo. In fact, there was no reliable evidence of the life course of one of the most outstanding and original personalities of troubadour lyricism, in addition to the fact that he was the only poet whose involvement in the *Cantigas de Santa Maria* seems undeniable. With the data that we now have, it is possible to confirm the definition of the group in question as one formed by clergymen of Galician origin associated with a cathedral chapter during the last third of the 13th century.

Keywords: Galician-Portuguese lyric; Airas Nunes; Rui Fernandes de Santiago; See of Lugo; Court of Sancho IV, *Cantigas de Santa Maria*.

Sumario. 0. Introdução. 1. Paio de Cana. 2. Rui Fernandes de Santiago. 4. Martim Moxa. 5. Gomes Garcia. 6. Airas Nunes. 6.1. *Arias Nuniz, presbiter, nepos meus*. 6.2. *Arias Nuñez, trobador*. 6.3. Aras Nunez. 7. Conclusões. 8. Apêndices. 8.1. Apêndice 1. 8.2. Apêndice 2. 9. Referências bibliográficas.

Como citar: Souto Cabo, José António (2023): “*Ca o vej'eu assaz om'ordinhado*. Airas Nunes no “coro” clerical trovadoresco”, em *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos* 26, e104412, DOI: <https://dx.doi.org/10.5209/madr.104412>.

0. Introdução

Carolina Michaëlis (1990: 582), no segundo volume do *Cancioneiro da Ajuda*, prestando

atenção à organização do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (B)*, identificava de modo impreciso “nas cantigas 924-976 (pelo menos) um cancionzinho com versos de *clerigos* e *burgueses* gallizianos que floresceram em meado do séc. XIII”. A sequência indicada abrange os poetas que vão de Gomes Garcia a Fernão Padrom, na secção das cantigas de amigo desse códice. Oliveira (1994: 196-197) isolou, num primeiro segmento, uma “compilação de clérigos”, considerando a possibilidade de ter constituído uma unidade autónoma antes da sua integração no segundo nível de formação da tradição manuscrita dos cancioneiros conhecidos³. Esse grupo só coincide parcialmente com o identificado por Michaëlis, sobretudo porque Oliveira não associa João Airas de Santiago a essa coletânea. Por outro lado, ele descarta alguns nomes por provável incorporação tardia –Pero Gonçalves de Portocarreiro, Pero Goterres e Estêvão Peres Froiam–, mas insere logicamente os cinco poetas anteriores a Gomes Garcia (cf. *infra*) que foram excluídos, por lapso, no trabalho de Michaëlis. É objetivo do presente estudo analisar o grupo de autores que constituem a compilação clerical, com destaque para Airas Nunes.

Como se sabe, o conjunto de religiosos de que falamos não se encontra representado do mesmo modo no *Cancioneiro da Ajuda (A)*. Nesta coletânea ocorrem unicamente, na mesma sequência que observamos no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e no *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana (V)*, Martim Moxa e Rui Fernandes de Santiago, sendo deles as composições que preenchem os últimos fôlios do códice ajudense. Este foi interrompido, abruptamente, quando se efetuava a cópia da primeira estrofe de *Que mui gran prazer oj'eu vi* de Rui Fernandes (cf. *infra*)⁴. A situação descrita impede-nos de chegar a conclusões definitivas, mas poderá sugerir, pelo menos, a existência de um embrião da compilação em questão formado por esses dois autores⁵.

³ Stegagno Picchio (1968: 57-60) já tinha notado a existência desta “silloge clericale” e considerado as circunstâncias da sua existência.

⁴ Ramos (2008: I, 370, 486), em conclusão que nos parece discutível, considera a presença de Martim Moxa e de Rui Fernandes de Santiago nesse códice como “inclusão inesperada” ou “inserção adventícia”.

⁵ Veja-se Oliveira 1994: 197, 383, 431. Sobre a organização do *Cancioneiro da Ajuda*, na secção em que ocorrem Martim Moxa e Rui Fernandes, e o relacionamento com os outros testemunhos manuscritos, leia-se Ramos 2008 e Penafiel 2019.



Fig. 1. *Códice Rico* (T), Ms. T.I.1., RBME, f. 5r. Sob a orientação de Afonso X, um clérigo escreve a primeira composição das *Cantigas de Santa Maria*⁶

O professor de Coimbra definia o grupo como formado por “autores cuja junção parece ter obedecido a um critério de ordem sociológica, no caso a condição clerical de todos eles” (Oliveira 1994: 196)⁷. Essa caracterização repousava, entre outros motivos, no conteúdo das rubricas atributivas relativas a Airas Nunes, Gomes Garcia, Paio de Cana, Rui Fernandes e Sancho Sanches. Outros trabalhos, que serão aqui referidos, confirmaram documentalmente a pertença a essa camada social de Paio de Cana (1243-1283) e de Sancho Sanches (1260), e

ainda de Martim Moxa (1281), autor a que não se apõe tal etiqueta⁸. Quanto a Gomes Garcia (1275-1286) e Rui Fernandes (1236-1273), as linhas gerais dos respetivos perfis biográficos eram já conhecidas desde há bastante tempo, tendo-se somado novas informações em tempos recentes (e ainda algumas neste artigo) (cf. *infra*). Só não se tinham produzido novidades relativamente a Airas Nunes (1250-1292), sem dúvida, uma das personalidades poéticas mais excelsas do nosso trovadorismo⁹. Ele constitui o centro de interesse deste trabalho e será considerado após a apresentação atualizada daquilo que conhecemos sobre os restantes clérigos¹⁰. Aos anteriores devemos somar o nome de A. Gomes, “jogral de Sárria” de biografia desconhecida, cuja integração dentro desse agrupamento resulta do facto de a única cantiga dele conservada, *Martim Moxa, a mia alma se perca*, ter como protagonista o poeta citado no primeiro verso (cf. *infra*)¹¹.

1. Paio de Cana

Apesar da notável notoriedade pública deste clérigo poeta, a sua identificação histórica precisa só se verificou nas primeiras décadas do século XXI (Souto Cabo 2012a: 778-790; 2012c: 278)¹². Com efeito, até então, a biografia do autor fora estabelecida a partir daquilo que se conhecia a respeito de outros membros da sua linhagem, o que resultou em dados inexatos sobre a sua cronologia, nomeadamente pela citação de um “Pay da Cana” –na

⁶ Trata-se dum fragmento da iluminura reproduzida na última secção deste trabalho (§ 8.1).

⁷ Note-se, contudo, que não existia uma organização prévia das cantigas, mas apenas aposição de material. Montea-gudo (no prelo) contempla várias fases na constituição do que denomina “cancioneiro de clérigos galegos”, a última das quais teria suposto a incorporação de Airas Nunes e das composições satíricas de A. Gomes e Martim Moxa procedentes do “estrato tardio”.

⁸ A ausência desse rótulo e, no caso de Rui Fernandes, a variação entre “de Santiago” e “clérigo” poderão estar relacionadas com a existência de uma compilação prévia destes dois autores, visível no *Cancioneiro da Ajuda*, antes de serem inseridos no grupo clerical que encontramos em *B* e *V*.

⁹ Opinião consensual entre os investigadores, como se reflete nas palavras de Michaëlis (2004: 324): “um dos poetas mais talentosos da sua época”; Tavani (1964: 19): “il canzoniere di «Ayras Nunez, clérigo» è tuttavia caratterizzato da una policroma profondità di orizzonti, da una molteplicità polifonica di temi, da una feconda duttilità di ricreazione artistica, inconsuete tutte alla trama poetica [...] della prima lirica galego-portoghese”; Lapa (1981: 211): “um dos mais cultos e perfeitos escritores de poesia do nosso século XIII” ou Fidalgo Francisco (2016: 112): “Airas Nunez, dueño de un riquísimo genio poético puesto de manifiesto en su innovadora poesía, cualquiera que sea el género escogido”.

¹⁰ Ignora-se de quem partiu a iniciativa de reunir a obra destes poetas clérigos, decisão localizável já no segundo nível de formação da tradição manuscrita. Oliveira (1994: 196) considerou a possibilidade de a atribuir “a um clérigo interessado nessa recolha, ou então ao compilador ou compiladores deste nível”.

¹¹ Note-se, aliás, a colocação na posição imediatamente anterior ao primeiro grupo de cantigas de Martim Moxa.

¹² No trabalho de Hernández (2021) surge com frequência a figura do poeta em questão, pelo que nos limitamos a sublinhar os dados mais importantes da sua biografia. Note-se que indicação sobre o desconhecimento “hasta ahora” da “carrera eclesiástica y cortesana del trovador Pay Dacana al lado de Alfonso X” (2021: I/II, 222, n. 65) deve ser reconsiderada a partir das informações por mim apresentadas já há mais de dez anos.

verdade, parente do trovador¹³ – num testamento de 1348 (Oliveira 1994: 399). O primeiro registo de “Pelagius Petri, dictus «de Cana»”, em 1243.03.5, apresenta-o como testemunha de uma transação económica sobre bens em S. Tomé de Ames (conc. Ames), mas não se especifica o seu estatuto social¹⁴. É de supor, contudo, que estivesse a representar o Cabido Compostelano na Maía, área de especial interesse patrimonial para este agrupamento. Ele terá sido filho do cidadão compostelano “Petrus Arie de Cana” que atesta, em 1242, um documento de compra de herdades nessa mesma terra por parte do arcebispo compostelano João Airas (ACS, *Tombo C*, fs. 208r-v).

Ele pertenceu a uma família, amplamente documentada, sediada no coração de Compostela¹⁵, entre cujos membros se encontrava Mor da Cana – talvez sobrinha do poeta¹⁶, personagem citada numa cantiga jocosa de João Airas de Santiago (*Ai Justiça, mal fazedes que non*), o que nos permite inferir a existência de interessantes nexos sociais entre ambos os poetas compostelanos¹⁷.

Algumas indicações contidas em dois códices do ACS, o *Livro primeiro de Tenências* (f. 13v) e o *Livro segundo de Constituições* (f. 54v), dadas a conhecer por Souto Cabo (2012c: 278), desvendaram os aspetos mais importantes da biografia pública de Paio de Cana: “Paay da Cana, abade que foy de Valladolid et coengo de Santiago”, “Pelagius Petri, abbas Vallis Oleti, vicarius archiepiscopatus Sancti Jacobi” (1281.09.11)¹⁸. Paio de Cana, além de cônego compostelano (e arcediogo de Astorga)¹⁹, foi abade da colegiada de Santa Maria de Valladolid (ca. 1281-1283)²⁰ e, no mesmo período, administrador da diocese compostelana por designação de Afonso X, em substituição do arcebispo D. Gonçalo Gomes, expulso de Santiago pelo monarca em 1277. A confiança que o rei castelhano depositou em Paio Peres, nunca defraudada por aquele que foi um dos seus mais fiéis servidores, reflete-se, por exemplo, no facto de integrar o grupo de emissários enviados, entre 1276 e 1277, junto do visconde Aimeri IV de Narbona para planear uma (malograda) conjuração contra Filipe III da França²¹.

¹³ Utilizamos o termo “trovador” como sinónimo de “poeta” e não apenas com o significado restrito de ‘compositor aristocrata’. Como veremos, na documentação de Sancho IV, Airas Nunes recebe a denominação de *trovador*.

¹⁴ ACS, *Tombo C*, fs. 241v-242r. Numa escritura de 1244 pela qual o “magistro Fernando, compostellano canonico” adquiria uma propriedade nessa mesma terra encontramos um “Pelagius Petri, dictus da Canal” em que, muito provavelmente, devamos reconhecer o mesmo personagem, aliás acompanhado de um jogral de nome Fernando Peres. Consideramos, portanto, um eventual erro de transcrição do cognome “Cana”, apresentado paleograficamente em forma que pode ser interpretada como “Canal”, “Cãal” ou “Cáál”. Numa edição anterior desse texto (Souto Cabo 2012: 39), optávamos pela última interpretação, estampando-o como “Caal”, mas preferimos agora reconsiderar essa opção a favor da lição “Cana(l)”.

¹⁵ O *Livro primeiro de Tenências* (fs. 3v, 12r, 20r, 25r, 59v, 66v, 70r, 70v, 79v, 100r, 100v, 125v) evidencia a importante participação desta família no património económico da Sé de Santiago. Uma inquirição régia na freguesia de Rio Frio (conc. Arcos de Valdevez) inclui referência a uma propriedade que pertencera a um Pedro da Cana (Afonso 2023: n.º 218). Encontramo-nos no território português que, até 1378, formou parte da diocese de Tui.

¹⁶ Ela poderá ser a “Moor Paez da Cana” a que se alude em passado no testamento do cônego Fernando Fernandes: “Item outro casal en Cesar, en que mora Joan Dominguez, que fui de Moor Eanes, filla de Moor Paez da Cana” (ACS, *Tombo C*, fl. 324r [1375]) (Souto Cabo 2012: 39, n. 22). Rodríguez (1980: 18, n. 19) sugeria a possibilidade de Mor da Cana ter sido irmã do trovador.

¹⁷ No topónimo Pai da Cana (Castinheirinho, conc. Santiago de Compostela) podemos reconhecer a referência a uma posse do clérigo (ou à de um familiar do mesmo nome). Sobre o percurso desta linhagem urbana, em período posterior, vejam-se algumas informações contidas em García-Fernández (2021: 342, 351, 360).

¹⁸ Nesse dia, preside a uma reunião do Cabido em que se promulga uma “constituição” sobre a manutenção de imóveis alugados: “Statuit Pelagius Petri abbas Vallis Oleti, vicarius archiepiscopatus Sancti Jacobi, et Capitulum Compostellanum [...]”. Hernández (2021: 177, n. 235; 431, n. 169) fez menção, por lapso, a dois factos diferentes que situa em 1281.09.11 e em 1282.09.11, supondo, neste último caso, que o rei tinha enviado Pai de Cana a Santiago “tal vez para recoger los fondos que pudiera de la mesa arzobispal”.

¹⁹ A sua comparência, em 1263.08.08, como testemunha numa sentença do cardeal romano Uberto di Cocconato, acompanhado de Fernando Frutuoso (cônego, documentado entre 1254 e 1300, que chegou a ser tesoureiro da Sé compostelana), leva a pensar que residiu na cúria papal (Linehan 1975: 64, n.º 11; Hernández 2021: 221, n. 62): “Pelagio de Cana et Fernando Fructuosi canonicis Compostellanis”. A condição de arcediogo asturicense é-lhe atribuída em duas escrituras de 1280 (Daumet 1913, n.º XII e XIV). Hernández (2021: 177) relaciona esse facto com “el prestigio del cabildo astorgano como centro de prelados letrados al que don Sancho recurrió para equipar su cancellería”. No entanto, não parece que essa associação seja extensível ao de Cana, dado que, como esse mesmo investigador reconhece, ele foi “un eclesiástico pluralista, que tampoco parece haber frecuentado las iglesias donde tenía beneficios” (*Ibid.*: 222); o que se deve aplicar, especificamente, a essa prebenda na Sé de Astorga.

²⁰ Por ser igreja de patronato régio, a nomeação para este cargo era prerrogativa da coroa.

²¹ Ao que parece, o destino final de Paio de Cana e de frei Juan García, o outro emissário, era a cúria papal.

No contexto da sublevação do (infante e) futuro Sancho IV, Paio de Cana não deixou de apoiar o rei, sendo um dos próceres que, em 1282.11.09, anuem à sentença com que Afonso X pretendia deserdar o filho²². Poucos meses depois o monarca somou à dignidade de abade de Valladolid a de chanceler, tal como se reflete em escritura de 1283.03.04²³. No entanto, o desempenho desse cargo será breve, pois Paio Peres faleceu, em data imprecisa, na segunda metade desse mesmo ano²⁴.

Afonso X e docente no Estudo universitário salmantino, que mandara lavrar o seu testamento em 1273.12.16 na cidade do Tormes (*Tombo C*, fs. 46v-48r)²⁵. Constitui uma importante novidade do trabalho que agora apresentamos o reconhecimento dessa mesma personalidade histórica noutros diplomas (inéditos), nomeadamente num de 1236.07.25 (reproduzido no apêndice 8.1) pelo qual esse mesmo Rui Fernandes e dois irmãos, Pedro e Sancho, vendiam a Martim Pais de Avanha e à mulher,

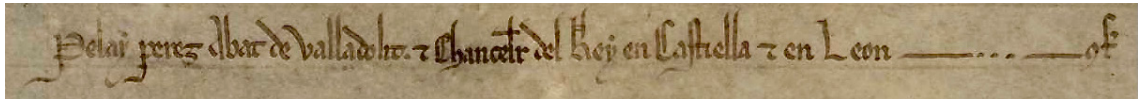


Fig. 2. “Pelay Perez, abat de Valladolid e chanceler del rey en Castiella e en Leon, confirma” (ATT, Most. de Santa Maria de Aguiar, maço 1, nº 16)

Na tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa, Paio de Cana ficou apenas representado por duas cantigas de amigo, *Vedes que gran desmesura* e *Amiga o voss'amigo*, em que se observam elementos de intertextualidade, uma vez que refletem dois momentos do diálogo entre o sujeito poético feminino e uma companheira.

2. Rui Fernandes de Santiago

López Ferreiro (1902: 276) propôs, há mais de um século, a identificação do poeta com um religioso de origem compostelana, clérigo de

Elvira Fernandes, irmã dos anteriores, posses na *villa* do Ribeiro (S. Fins de Briom, conc. Briom)²⁶. Na escritura é declarada a identidade do pai, Fernando Sanches, e dos avós paternos, Sancho Juiães e Maria Pais (antigos possuidores da propriedade vendida), e ainda a do pai do cunhado, Paio Pais de Avanha²⁷.

Essa carta de compra-venda abriu a porta, como vemos, para desvendar os antecedentes familiares de Rui Fernandes. Relativamente ao progenitor paterno, enfrentamos algumas dificuldades para distinguir registos seguros dele, pela ausência de dados individualizadores nos

²² Supomos que o devemos identificar com um dos capelães citado por Assas (1857: 40) por ocasião da mal sucedida eleição de D. Fernando, abade de Covarrubias, como arcebispo de Toledo em 1276: “Contradijeron su elección los canónigos D. Fernán Perez, dean de Sevilla, y Pelay Cava, ambos capellanes del rey; pero al fin dieron su asentimiento, por haberlos prestado el electo ciertas cantidades de dinero perteneciente á la Santa Iglesia metropolitana”. Na edição parcial da carta de renúncia desse arcebispo, em 1281, aparece como “Pay de Cava” clérigo do rei (*Ibid.*: 41), provável erro de transcrição por “Pay de Cana”.

²³ ATT, Most. de Santa Maria de Aguiar, 1, nº 16.

²⁴ De acordo com a informação disponível, ele faleceu sem fazer testamento, o que nos leva a pensar num decesso inesperado e súbito: “Item, a auçon que o cabidóo ha ennos bẽes que foron de Paay da Cana, abade que foy de Valladolid e coengo de Santiago, porque morreu sem testamento” (ACS, *Livro segundo de Tenências*, f. 13v).

²⁵ Não encontramos nenhum motivo para duvidar da sólida proposta de identificação, uma vez que se adequa, de todo em todo, ao perfil previsível do clérigo poeta, até nos vínculos entre biografia –sobretudo o seu relacionamento com Afonso X– e conteúdo da produção literária (cf. *infra*). Pelo contrário, parece menos provável a identificação do “escolar” com um indivíduo homónimo citado, em 1251, numa missiva do bispo salmantino ao Papa entre os que contribuíram, além dos cônegos, para satisfazer dívidas da Sé: “Item contribuerunt etiam cum canonicis in supra dictis morabitinis: [...] Rodericus Fernandi VIII solidos” (Martín Martín *et. al.* 1977: nº 237b).

²⁶ Uma décima parte da propriedade será, por seu turno, vendida por Martim Pais e Elvira Fernandes, em 1242.05.12, ao Cabido de Santiago (ACS, *Tombo C*, fs. 239r-239v).

²⁷ A denominação desta estirpe remete para o atual concelho da Vanha/Banha/Baña. Encontramos indivíduos caracterizados por esse elemento toponímico desde meados do séc. XII (Pérez Rodríguez 2004: nº 503 [1162.09.06]). Paio Pais de Avanha está documentado, na cidade de Santiago, entre 1216 e 1229 (ACS, *Tombo C*, fs. 109r [1216.07.21], 254v [1225.02.27], 70v [1225.08.25], 216v [1229.06.03]). Ele contava com um imóvel na rua do Vilar que, em 1248.01.25, já pertencia a uma neta, Marina Martins de Avanha (ACS, *Tombo C*, fs. 117r-117v [1248.01.25]). É nessa casa que morava o progenitor dela, Martim Pais de Avanha, junto com a irmã Maria Pais e o marido desta, o cambeador Julião Guilherme (ACS, *Tombo C*, fs. 32r [1248.06.03], 90v [1248.07.26]). Além dos citados, contamos com registos históricos para esse Martim Pais em 1235 e 1239, alguns dos quais relativos à aquisição de uma casa na rua da (Fonte da) Rainha (ACS, *Tombo C*, fs. 125v [1235.06.04], 124v-125r [1239.03.21], 14r [1239.04.04]) (cf. *supra*).

documentos, até agora conhecidos, em que surge o nome de “Fernando Sanches”. Ele poderá ser o *miles* que atesta duas escrituras de 1186 e 1195 relativas a transações sobre propriedades situadas no atual concelho de Lousame, limítrofe com o de Briom (Pérez Rodríguez 2004: n° 629, 536), e ainda o avô do Fernando Eanes, filho de Maior Fernandes e cônego de S. Lourenço de Trás-Souto, cujo testamento, redigido em 1245 (*Ibid.*: n° 420), evidencia que uma parte do seu património se encontrava na mesma área²⁸.

Por vários motivos, a presença histórica de Sancho Juiães (1174-1202), avô de Rui Fernandes, é muito mais perceptível, até por causa da (menor) frequência onomástica. Notemos, em primeiro lugar, que contamos com um diploma de 1182 em que aquele age como representante dos interesses do cônjuge, Maria Pais, e dos filhos no ato de venda de uma casa na (antiga) rua compostelana de Valadares que

pertencera a Diogo Pais e à consorte (avós da mulher)²⁹. Sabemos que, junto com a esposa, possuía um imóvel na rua do Val de Morraz³⁰, podendo ainda ser reconhecido no indivíduo, também citado em tempo passado, que deu à igreja de S. Bento do Campo uma casa na cidade de Santiago situada no Cinto Velho³¹. Por outro lado, os contextos em que se produz a comparência do antropónimo “Sancho Juiães”, designação em que identificamos o nome do cavaleiro em questão, inclinam-nos para o considerar irmão de Ardilo, João e Maior Juiães³². Esta última foi a primeira mulher de D. Cotalaia (1151-1196)³³, importante personagem da Compostela da segunda metade do séc. XII, com quem teve vários filhos, entre os quais se encontra Julião Peres (1183-1232)³⁴. Ele foi também conhecido como “domnus Julianus”, “magister Julianus” ou, tal como é mencionado no testamento do progenitor, “domnus Giau”³⁵. Ao que parece, trata-se de um cônego

²⁸ O nome “Fernando Sanches” surge noutros documentos de interesse para a Sé de Santiago nas últimas décadas do séc. XII e primeiras do séc. XIII, mas não temos indícios para suspeitar que se trate do pai de Rui Fernandes.

²⁹ Os direitos de propriedade eram compartilhados com Miguel Martins, também neto desse Diogo Pais: “Ego Martinus Didaci, ex autoritate filii mei, Michaelis Martini, qui fuit nepos et heres domni Didaci Pelaez, et ego Sancius Juliani, ex autoritate uxoris mee, Marie Pelagii, qui fuit neptis et heres domni Didaci Pelaez, pro nobis e pro filiis et filiabus nostris et pro omni voce ipsius Didaci Pelaez [...] facimus scripturam firmitatis et cartulam vendicionis de domibus que fuerunt soceri sive prosoceri nostri, supramemorati Didaci Pelaez, et uxoris sue” (ACS, *Tombo C*, fs. 211r-211v [1182.11.23]).

³⁰ “in vico qui vocatur Val de Morraz, que adheret [...] ex altera parte domui que fuit domni Sancii Juliani et uxoris sue domne Marie Pelagii” (ACS, *Tombo C*, f. 191v [1232.08.19]).

³¹ “domum quam domnus Sancius Juliani legavit ecclesie Sancti Benedicti” (ACS, *Tombo C*, f. 71v [1231.08.19]). A referência surge num escrito pelo qual o chantre, Bernardo Martins, entregava à Sé de Santiago uma casa adjacente a essa. Note-se que o nome deste último encabeça a lista de testemunhas da compra-venda acima citada, o que sugere a existência de vínculos com a estirpe de Rui Fernandes.

³² João e Sancho ocorrem, em sequência, como testemunhas de documentos lavrados em 1174 (ACS, *Tombo C*, f. 136v [1174.03.24]) e 1182.08.05 (ACS, *Tombo C*, fs. 81v-82r). João Juiães exerce essa mesma função na compra e venda da casa que pertencera a Diogo Pais, avô da mulher de Sancho Juiães (cf. *supra*). João Juiães e a mulher, Maria Calçada, vendem à Ardilo Juiães –irmã de João Juiães– e ao marido, Guilherme Eleazar, uma casa na Boca do Campo que os pais compraram a João Airas de Nôvoa (pai do trovador Osório Eanes) (ACS, *Tombo C*, f. 123r [1183.01.13]). Ambos são designados executores do testamento de Maior Juiães em 1185.06.08 (Souto Cabo 2012b: 280-281).

³³ Os nomes de D. Cotalaia e João Juiães, contíguos, integram a lista de confirmantes do diploma pelo qual se definem os termos do Hospital de S. Lázaro (CDGH, n° 18 [1165.10.01]) e de outro em que se plasmou uma transação económica entre Fernando Ponce o “Menor” e o mosteiro de Sar (Souto Cabo 2012b: 269 [1175.02.06]). Ambos reaparecem, em 1175.11.03, entre os atestantes do ato documental relativo ao litígio patrimonial entre o mosteiro de Sar e Fernando Eanes (CDGH, n° 19). A lista de testemunhas de uma doação de 1196 abre-se assim: “domnus Cotalaia confirmat; Sancius Juliani confirmat” (ACS, *Tombo C*, f. 194v [1196.08.11]). Sancho Juiães confirma a venda de uma casa efetuada por Maria Peres, filha de D. Cotalaia (ACS, *Tombo C*, fs. 105v-106r [1202.06.16]). Encontramos associados os nomes de Vermudo Peres e Fernando Peres, filhos de D. Cotalaia, ao de João Juiães como testemunhas numa escritura de 1182 (ACS, *Tombo C*, f. 96r [1182.01.08]).

³⁴ Souto Cabo 2012b: 281 (1185.06.08), 284-286 (1195.07.12); ACS, *Tombo C*, fs. 104r (“Magister Julianus”, [1199.03.12]), 105v-106r (“Julianus Petri” [1202.06.16]); 179v (“Julianus Petri, clericus” [1217.12.06]), 184r-184v, 184v (“Julianus Petri, canonicus compostelanus” [1231.08.20]), 235r (“Julianus Petri, canonicus” [1228.09.8]); Souto Cabo e Vieira 2003: n° 4 (“Julianus Petri, canonicus” [1232.08.21]). A última referência remete para o testamento de Adão Fernandes, provável irmão do trovador Airas Fernandes “Carpancho”. Um Julião Peres de Padrom parece ser um indivíduo diferente da personagem em questão.

³⁵ O seu antropónimo terá coincidido, porventura, com o do avô materno –bisavô de Rui Fernandes–, pois pensamos que se trata do “Julianus Petri” indivíduo documentado entre 1150 e 1159 (CDHB, n° 1 [1150.01.25]; Lucas Álvarez 2003, n° 42 [1151.02.14]; AHN, Most. de Meira, 1126, n° 9 [1159.09.18]).

compostelano que, de acordo com a hipótese por nós sugerida, poderá ser identificado com D. Juião, um dos trovadores de obra perdida cuja memória onomástica, sob a forma estropiada de *D. Juano*, foi preservada pela Tavola Colocciana³⁶. A coincidência no ofício eclesiástico e (porventura) na prática poética, por parte de ambos os parentes, constitui um dado muito significativo.

A base para a proposta de López Ferreiro encontrava-se, como dissemos, na citada manda testamentária de Rui Fernandes (cf. *infra*)³⁷. Nela, o testador apresenta-se como: “Ego **Rodericus Fernandi**, compostellanus, domni Adefonsi regis Legionis et Castelle clericus ac salamantinus scholaris”³⁸. A sua presença em Salamanca implica a integração prévia na Sé de Santiago, sem ter pertencido, contudo, ao corpo capitular propriamente dito, uma vez que ele não se declara em nenhum momento “cónego”. Ora bem, a documentação do *Tombo C*³⁹ guarda a memória de um Rodrigo Fernandes que, pelo menos entre 1244 e 1250, pertenceu ao agrupamento dos denominados “clérigos do coro” compostelanos⁴⁰. No caso do registo mais antigo, ele é uma das testemunhas citadas no ato documental de aquisição de uma casa na rua da Fonte do Franco por parte do Cabido: “**Rudericus Fernandi** et Nuno Johannis, clerici cori Beati Jacobi” (fs. 66v-67r [1244.07.12]). Pelo segundo testemunho documental, uma composição entre o arcebispo e um cónego iriense, vimos a saber que esse mesmo clérigo era o titular de uma

tenência à qual pertencia um imóvel na rua de S. Miguel: “illius domus que stat in vico Sancti Michaelis [...] et ex alia parte [...] domus de tenencia quam tenet **Rodericus Fernandi**, clericus cori” (fs. 191v-192r [1250.02.23])⁴¹. O dado coaduna-se com a informação da manda testamentária, uma vez que, segundo o que nela lemos, Rui Fernandes detinha a tenência denominada de “Abadengo e Pousada”⁴², antes gerida pelo tio, o cónego Diogo Sanches, e cedida pelo escolar salmantino ao sobrinho João Martins de Avanha, também clérigo:

Item, do [et] lego Johanni Martini de Avania, clerico, nepoti meo, tenenciam illam quam ego teneo, et primo tenuit domnus Didacus Sancii, quondam canonicus compostellanus, patruus meus, cum omnibus elegariis, juribus, directuris et pertinenciis suis; que tenencia vocatur “Abbadengo et hereditas de Pousada” et nichilominus [r]atam et gratam habeo donationem quam de ipsa tenencia feci jam dudum ipsi Johanni Martini.

Pela escritura em questão, donde se retira ter sido uma pessoa abastada, vimos a conhecer o relacionamento patrimonial do testador com as cidades de Salamanca e Santiago e ainda com o conjunto da diocese compostelana. Relativamente ao seu grupo familiar, além das referências a outros membros do mesmo⁴³, interessa assinalar a integração na classe clerical de um tio paterno já falecido, Diogo Sanches (“Didacus Sancii, quondam canonicus compostellanus, patruus meus”), documentado como capitular

³⁶ Sobre D. Cotalaia e o seu grupo familiar, veja-se Souto Cabo 2012b: 189-197. Note-se, contudo, que agora atualizamos vários dados e introduzimos uma nova perspetiva sobre os irmãos de Maior Juiães, confirmando algumas das nossas suspeitas (*Ibid.*: 196, n. 27).

³⁷ ACS, *Tombo C*, fs. 46v-48r. O testamento foi publicado por Beltrán de Heredia (1970: 619-622) e, mais recentemente, por Arias Freixedo (2010). O trabalho do professor viguês, que será a base para alguns dos dados aqui apresentados, inclui ainda um estudo sobre a biografia e a obra deste autor.

³⁸ López Ferreiro notava que “Don Alfonso el Sabio le premió sus servicios nombrándole Capellán”. Esta afirmação é, na verdade, uma ilação do cónego compostelano, a partir dessa primeira frase da manda, mas parece ter sido entendida por alguns estudiosos como proveniente de outra fonte.

³⁹ O facto de este *Tombo*, formado por 351 fôlios (= 702 pp.) de grande formato, não contar ainda com uma edição impressa supõe uma notável dificuldade para manejar todas as informações nele contidas.

⁴⁰ Sobre o (duvidoso) estatuto deste grupo, veja-se Pérez Rodríguez 1996: 83-85. Apesar da distância temporal, lembremos que Rui Vasques, autor da (conhecida como) *Crónica de Santa Maria de Íria* (1467-1468), chegou a ser procurador dessa mesma confraria (Souto Cabo 2001: 28-29).

⁴¹ Sobre a realidade das tenências, unidade em que se inserem as posses do cabido, leia-se Pérez Rodríguez 1996: 205-215. O usufruto das mesmas está associado de modo preferencial ao corpo capitular.

⁴² Ainda que a denominação que lhe é atribuída no testamento seja confusa, na margem direita do f. 47r figura como “Abbadengo et Pousada”. Não temos dados posteriores sobre esta tenência.

⁴³ Alude-se a dois dos irmãos, Sancho (já falecido) e Pedro Fernandes, também citados no documento de 1236. Por diversos diplomas do *Tombo C*, conhecemos a existência de um Sancho Fernandes, cónego compostelano, que manda lavar o seu testamento em 1265.04.30 (ACS, *Tombo C*, fl. 5v), mas não temos elementos que nos permitam identificá-lo com esse irmão.

entre 1219 e 1231⁴⁴, e do sobrinho João Martins de Avanha (“Johanni Martini de Avania, clerico”), filho de Martim Pais de Avanha e de Elvira Fernandes (cf. *supra*)⁴⁵.

No testamento, Rui Fernandes, manifestando um estado precário de saúde (“eger ibi corpore”), escolhia como sepultura o claustro da (velha) Sé salmantina (“mando corpus meum sepelliri in claustro beate Marie Virginis Ecclesie cathedralis”), donde se deduz que não voltou a Compostela⁴⁶.

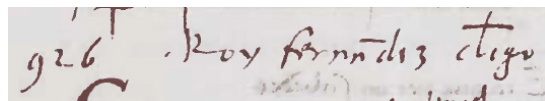


Fig. 3. *Cancioneiro da BNP* (f. 199r)

Ele manteve importantes vínculos, a vários níveis, com a Ordem dominicana, a que pertencia o seu próprio confessor, o cónego compostelano e também “escolar” salmantino Domingos Peres⁴⁷. Os estabelecimentos salmantinense e compostelano dessa ordem junto com os dos Franciscanos são também contemplados no testamento: “fratribus Predicatoribus salmantinis”, “fratribus Minoribus salmantinis”, “fratribus Predicatoribus compostellanis”, “fratribus Minoribus eiusdem civitatis”. Entre as instituições beneficiadas também se encontra o mosteiro compostelano de Conjo/Conxo (“monasterio Sancte Marie de Canogio”), o que constitui um caso singular, dada a ausência de outros estabelecimentos monásticos do mesmo

tipo, e pode apontar para um relacionamento estreito de Rui Fernandes com esse cenóbio.

A sua condição de “escolar” do Estúdio universitário constitui um dos aspetos mais notáveis da biografia de Rui Fernandes⁴⁸. Como se sabe, tal entidade foi, desde as suas origens (ca. 1218-1219) até ao séc. XIV, um organismo cultural e jurisdicionalmente compostelano (Beltrán de Heredia 1999: 24-28), mas situado em território salmantinense, dado que Salamanca, sufragânea de Santiago, mantinha uma maior equidistância em relação às diferentes áreas da extensa província eclesiástica⁴⁹. O testamento inclui referências, de diferentes tipos, a essa instituição, a começar pela integração do próprio testador na mesma, ao salário que recebia por parte dos “conservadores” do Estúdio (“morabitanos [...] quos mihi debent de sellario meo conservatores Studii Salamatini”) ou ao, já citado, Domingos Peres, confessor e colega docente (cf. *supra*). Ainda que com a finalidade de o vender, a manda inclui uma alusão ao material bibliográfico “libros meos: Codices et Institutionum”, identificáveis com o *Código* e as *Institutas* de Justiniano, donde se poderia deduzir especialização em leis de Rui Fernandes⁵⁰.

O facto de aparecer como clérigo do rei Afonso X (“domni Adefonsi, regis Legionis et Castelle, clericus”) logo remete para as menções ao monarca na cantiga –*Madre, quer 'oj' eu ir veer* em que a namorada manifesta o desejo de ir ver o amigo antes de este se encaminhar para Sevilha com o intuito de prestar serviços

⁴⁴ ACS, *Tombo C*, fs. 92r-92v (1219.06.06), 188v-189r (1230.03.13), 111v-112r (1231.09.05); Pérez Rodríguez 2004, nº 783 (1231.07.25).

⁴⁵ João Domingues, cónego compostelano e salmantino, declara ser parente desse João Martins de Avanha, contemplando-o no seu testamento: “remitto Johanni Martini de Avania, parenti meo, debitum in quo mihi tenetur per placitum” (ACS, *Tombo C*, fs. 48r-49r [1272.08.01]).

⁴⁶ Por este e outros motivos, excluímos a possibilidade de o identificar com um frade beneditino de S. Paio de Ante Altares (Ron Fernández 2005: 184). Também não o reconhecemos no Rodrigo Fernandes que, em 1276, era capelão do cardeal compostelano Lourenço Domingues e da igreja de S. Fiz de Solóvio (ACS, *Tombo C*, fs. 44r-46v). Lembremos que os elementos onomásticos “Rodrigo” e “Fernando” contam com uma alta frequência na altura, donde resulta um número elevado de indivíduos com a mesma denominação do trovador.

⁴⁷ “fratri Dominico Petri, galleco, eiusdem Ordinis, confessori meo”, “Dominico Petri, canonico compostellano et scolari salmantino”.

⁴⁸ No caso que nos ocupa, o termo pode ser considerado equivalente a “docente”, “professor”.

⁴⁹ Com efeito, desde que Gelmires conseguira para Santiago, em 1120-1124, a jurisdição sobre a antiga arquidiocese Emeritense, a cidade passou a ser capital eclesiástica de um amplo espaço territorial que, além do ocidente galego –antiga diocese de Íria–, chegou a incluir, como sufragâneas, as dioceses de Zamora, Ávila, Salamanca, Plasência, Cória, Ciudad Rodrigo, Mérida, Badajoz, Lamego, Guarda, Idanha, Évora e Lisboa. Não sabemos até que ponto essa situação favoreceu as trocas culturais no referente à lírica galego-portuguesa, sobretudo na camada clerical, objeto de atenção preferencial neste trabalho. Lembremos que Compostela era a capital da Província franciscana de Santiago, à qual também pertencia o reino de Portugal.

⁵⁰ Arias Freixedo (2010) nota que “nunha constitución de 1225, Honório III estendeu a prohibición de estudar leis a todos os presbíteros e dignidades eclesiásticas, prohibición que só derrogaría trinta anos despois o papa Alexandre IV, por petición do propio rei Sabio –quen deixou na súa obra xurídica mostras máis que suficientes do seu interese polo dereito civil– polo que o noso clérigo só podería exercer ese labor docente despois de 1255”.

ao soberano: “quer’oj’eu ir veer / meu amigo, que se quer ir / a Sevilha el-rei servir” (vv. 1-3). A composição *Ora non dev’eu preçar parecer* apresenta um momento narrativo posterior em que a donzela admite não ter a capacidade de persuadir o namorado a que regresse para junto dela, uma vez que ele parece preferir ficar com o rei em Sevilha. Trata-se de duas amstras desse “autobiografismo” de contornos indefinidos que, amiúde, encontramos na lírica galego-portuguesa. Do nosso ponto de vista, o cenário histórico não será o da tomada da cidade hispalense (1247-1248), mas apenas uma difusa alusão à integração do amigo na corte de Afonso X, cujo estreito relacionamento com essa capital é bem conhecido⁵¹.

Sem margem para dúvidas, a cantiga mais conhecida do poeta em questão é *Quand’eu vejo las ondas*, um dos mais belos exemplos da lírica galego-portuguesa, na qual “às vagas fluctuantes do oceano são comparadas as pulsações do coração amante” em palavras de Michaëlis (1990: 478)⁵²:

Quand’eu vejo las ondas
e las muit’altas ribas,
logo mi veen ondas
al cor pola velida.
*Maldito sea’l mare
que mi faz tanto male!*
(vv. 1-6)⁵³

A filóloga alemã já notara a proximidade “com um fragmento de cantiga tradicional italiana, citado no *Decamerone*”. Com efeito, o refrão do poema do clérigo santiaguês (“*Maldito sea’l mare / que mi faz tanto male!*”) logo nos

lembra o excerto de uma composição que Boccaccio põe em boca de Dioneo: “L’onda del mare mi fa sì gran male”⁵⁴. Não sendo de excluir a possibilidade de tal apropriação literária ter sido resultado de uma viagem de Rui Fernandes à Península italiana⁵⁵, também poderá ser atribuída à presença de italianos, sobretudo genoveses, no sul da Península, em concreto na cidade de Sevilha⁵⁶. Lembremos que, de facto, é essa circunstância que poderá explicar a comparência de Bonifaci Calvo na corte de Afonso X (Beltrán 1989: 9-12).

3. Sancho Sanches

No conjunto de poetas clérigos analisados neste trabalho, Sancho Sanches é aquele cuja biografia nos é menos conhecida; dado que, por enquanto, só contamos com um registo seguro da personalidade histórica em quem reconhecemos o poeta em questão (Souto Cabo 2012a: 778-781). “Sancius Sancii” surge como testemunha de um ato documental que reflete a aquisição, em 1260.10.12, de propriedades em Oseve (conc. Teo) por parte de D. Fernando Afonso –filho ilegítimo de D. Afonso IX–, deão da Sé de Santiago (1246-1281) e arcediogo de Salamanca, representado pelo seu clérigo João de Barcala. Sancho Sanches é acompanhado por um Domingos Peres, recebendo ambos a denominação de “clerici”, certamente integrados na Sé compostelana. Entre as testemunhas também comparece o João Airas, barbeiro do arcebispo (“*Johannes Arie, rasor domini archiepiscopi*”), referido numa cantiga de João Airas (*Quando chaman Joan Airas reedor, bem cuid’eu logo*)⁵⁷, e um

⁵¹ De acordo com a documentação, observamos períodos de presença continuada da cúria régia na cidade do Guadalquivir em 1260-1268, 1279-1280 e 1281-1284. Veja-se González Jiménez e Carmona Ruiz 2012.

⁵² As peculiaridades desta cantiga, no conjunto da lírica galego portuguesa, foram analisadas por Brea 2021.

⁵³ Para a reprodução de textos poéticos, além da consulta dos manuscritos, tomamos em consideração os dados contidos em Brea e Lorenzo Gradín 2020, Ferreiro 2018 e Lopes e Ferreira 2011.

⁵⁴ Sobre o assunto, veja-se Larson 2010: 88.

⁵⁵ O que se poderia inserir, como vimos no caso de Paio Peres de Cana, no contexto de uma estadia na cúria vaticana, ou na Universidade de Bolonha, o mais antigo estabelecimento de ensino desse tipo na Europa. Lembremos a figura de *Bernardus Compostelanus Senior* que exerceu o seu magistério nessa cidade italiana (Díaz y Díaz 1971: 197).

⁵⁶ A instalação de mercadores genoveses em Sevilha remonta ao séc. XII, sendo, portanto, muito anterior à reconquista cristã. A colaboração com Fernando III na tomada dessa cidade resultou na obtenção de um importante conjunto de privilégios, em 1251, a pedido do embaixador genovês Nicolau Calvo –provável parente de Bonifaci Calvo–: “*Noveritis quod concilium et commune civitatis Ianuensis miserunt ad nos Nicholam Calvum, ambaxatorem suum, suplicantes nobis quod concederemus eis foros et statua in quibus viverent et mercarentur in civitate Hyspalensi*” (Dellacasa 1998: nº 721). Leia-se o trabalho de González Arévalo (2021) centrado no reinado de Afonso X.

⁵⁷ Conhecemos outros registos do barbeiro, em 1241 e 1244, quando comprava, junto com a mãe, Maria Eanes, propriedades em Vilhestro (conc. Santiago de Compostela) (ACS, *Tombo C*, fs. 135v [1241.04.21], 112v-113r [1244.04.28]). Só no mais recente é que surge no exercício daquele ofício, mas ainda não ao serviço do prelado. Ele foi filho dessa senhora e de Airas Dias, também barbeiro (ACS, *Tombo C*, fs. 229r [1229.05.13], 131v-132r [1230.07.17], 228r [1234.04.27], 122r [1242.07.12 = 1237.07.12 (?)]).

“Petrus Moogus”, clérigo-presbítero de S. Simão de Ons (Cacheiras, conc. Teo), cuja identificação com o jogral Pedro Meogo foi por nós sugerida.

Sancho Sanches foi autor de seis cantigas de amigo. Em função da informação biográfica coletada, poderemos reconhecer o templo de S. Salvador de Bastavales (conc. Briom) como o santuário referido na composição *En outro dia, en San Salvador*. Trata-se da cabeça da antiga paróquia desse nome, hoje integrada na de S. Julião de Bastavales⁵⁸:

En outro dia, en San Salvador,
vi meu amigo, que mi gran ben quer,
e nunca mais coitada foi molher
do que eu i fui, segundo meu sén,
cuidand', amiga, qual era melhor:
de o matar ou de lhi fazer ben.
(vv. 1-6)

4. Martim Moxa

A partir de uma conjectura (um tanto ou quanto intrincada) de Carolina Michaëlis (1990: 466-470), perfilhada por Stegagno Picchio (1968: 35-38), foi considerada uma provável origem aragonesa para o poeta⁵⁹. Posteriormente, Oliveira (1994: 383-384) ponderou a sua integração numa estirpe castelhana originária de

Moya (Cuenca), uma vez que aceita a suposição de Stegagno Picchio (1968: 23-25) sobre a forma do sobrenome como sendo coincidente com a desse topónimo⁶⁰. Essas hipóteses, sobretudo no que se refere à sua naturalidade, não conciliam bem com o que sabemos sobre as biografias dos restantes clérigos que o acompanham na tradição manuscrita (cf. *infra*), nem com o conteúdo da cantiga satírica *Martin Moxa, a mia alma se perca* de A. Gomes centrada na longevidade do clérigo⁶¹.

Com efeito, pensamos que o jogral de Sárria relaciona de modo implícito Martim Moxa com a Sé de Compostela quando lhe endereça a seguinte questão: “Dizede-m’ora, se vejades prazer: / de que tempo podiades s[e] er / quand’estragou ali o Almançor?” (vv. 12-14)⁶². Trata-se, muito provavelmente, de uma referência ao saque de Santiago perpetrado por Almançor em 997 e fixado na memória popular através da lenda relativa aos sinos da Sé levados para Córdova nos ombros de cativos cristãos⁶³. É importante lembrar que o tema fora “atualizado” na primeira metade do séc. XIII com a alegada restituição daqueles instrumentos sonoros a Santiago por parte de Fernando III, aquando da reconquista dessa cidade andaluza, tal como vemos no *Cronicão* de Lucas de Tui ou em Rodrigo Ximénez de Rada⁶⁴.

⁵⁸ O arcediago Adão Fernandes, considerado irmão do trovador Airas Fernandes “Carpancho”, era proprietário de uma “VIII partem de quarta ecclesie Sancti Salvatoris de Bastavales”. Ele deixou essa porção ao Cabido de Santiago, de acordo com o seu testamento de 1232 (Souto Cabo e Vieira 2003: 261). Apesar de ter sido reconstruída em época moderna, a igreja conserva no interior diversos elementos que remetem para um exemplar românico.

⁵⁹ O facto de o bispo satirizado em *Eu convidei un prelado a jantar, se ben me venha* ser identificado, na rubrica explicativa, com um prelado aragonês levou Michaëlis a estabelecer, em modo interrogativo, aquela hipótese: “E se por acaso Martim Moxa (aragonês como Miguel Vivas e Estêvam da Guarda?) fôra um dos familiares da casa do bispo?” (p. 470).

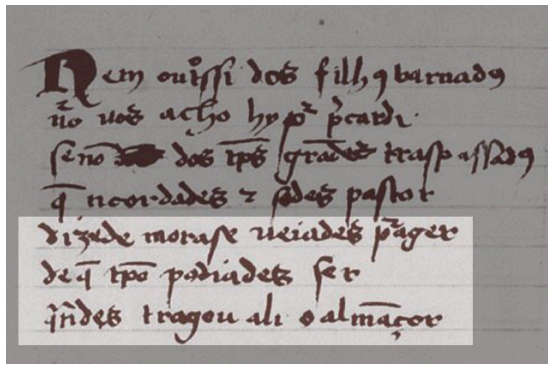
⁶⁰ O professor de Coimbra faz alusão a personagens dessa estirpe referidas na documentação de Sancho IV e, em concreto, a um indivíduo citado na *Crónica de Alfonso X*: “Estaria nestas circunstâncias o Estêvão Moya enviado em 1272 como embaixador régio junto da nobreza rebelde”. Ora bem, cumpre não esquecer que o topónimo utilizado na denominação é precedido sistematicamente da preposição “de”. Quanto a esse Estêvão de Moya, na verdade, ele foi um dos treze *mandaderos* (‘mensageiros’) de condição fidalga enviados por Afonso X aos vassallos de cinco ricos-homens rebeldes com cartas do monarca: “E a los vassallos de Esteuan Ferrández fueron mandaderos Esteuan de Moya e Ruy Ferrández de Çamora” (González Jiménez 1998: 77).

⁶¹ A denominação do autor coloca algumas dúvidas, dado que na tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa alternam as formas “Moya” e “Moxa”, mas é esta última que surge em rima com “roxa” numa cantiga de João de Gaia, o que assegura a sua legitimidade (Fernández Campo 1993: 438). A conjectura lançada por Stegagno Picchio (1968: 30) consoante a qual a segunda seria uma espécie de galeguização da primeira não é suportada pela linguística histórica. Lembremos, contudo, que a professora italiana (*Ibid.*: 30-31) reconhecia tratar-se de um problema que “rimane in certo senso aperto” perante a força de “l’argomento del nome in rima”. A hipótese mais plausível aponta para uma contaminação pelo citado topónimo “Moya” (utilizado também como sobrenome), favorecida pela proximidade gráfica entre <x> e <y> na escrita manual do período.

⁶² O sujeito pergunta pela idade (“de que tempo”) de Martim Moxa na altura em que Almançor causou danos “ali”.

⁶³ São conhecidas 56 campanhas de Almançor (Molina Martínez 1981), mas nenhuma delas teve a carga simbólica da acometida contra Santiago, levando em linha de conta o protagonismo do Apóstolo no processo da Reconquista.

⁶⁴ Eis a descrição do episódio no *Chronicon Mundi* (ca. 1230-1239): “Inuente sunt ibi campane, quas ob insigne ab ecclesia sancti Iacobi apostoli rex Cordubensis olim detulerat Almazor, et rex catholicus Fernandus fecit eas

Fig. 4. *Cancioneiro da BNP* (f. 188r)

A naturalidade compostelana –ou, pelo menos, a vinculação ao espaço catedralício– que se infere para o interlocutor é o dado contextual que nos permite recuperar deiticamente o sentido completo do advérbio *ali* (= ‘em Santiago’)⁶⁵. O efeito humorístico resulta de considerar Martim Moxa, enquanto membro da Sé compostelana, testemunha ocular da devastação produzida pelo caudilho árabe nessa mesma basílica.

Em datas recentes, propusemos a sua identificação com “Martino Johannis, dicto «Moxe»” cónego arcediago compostelano documentado em maio de 1281 no, já citado, *Livro segundo de Constituições* (f. 71v) e noutros fundos dessa mesma instituição (Souto Cabo 2012: 276-277)⁶⁶. Sabemos que morou numa casa da rua da (Fonte da) Rainha e que contava com propriedades em Lestrove (conc. Dodro)⁶⁷. Esses dados levam a situar –pelo menos em parte– as suas origens familiares no arciprestado iriense, do qual poderá ter sido administrador⁶⁸. Outros membros do grupo familiar caracterizado pelo sobrenome de “Moxe” aparecem vinculados à Sé de Santiago. É possível que o pai tenha sido João Martins Moxe (1278), membro da casa ou do séquito de Nuno Fernandes (cónego de Santiago e arcediago do Salnês, que chegou a ser bispo de Salamanca em 1278)⁶⁹. Supomos ainda que foi familiar de Froia Eanes Moxe (1253-1260)⁷⁰ e irmão de Pedro Eanes Moxe (1269-1319)⁷¹, porcioneiro e cónego da Sé compostelana (Souto Cabo 2012c: 277)⁷².

Sarracenorum humeris ad ecclesiam sancti Iacobi reportari” (Falque 2003: 341). Leia-se também Fernández Valverde 1987: 299-300. O episódio foi revisitado, de modo sistemático, pela historiografia afonsina posterior.

⁶⁵ Stegagno Picchio (1968: 230), partindo da hipótese de Martim Moxa ter sido aragonês, considera, com alguma confusão, que se trata da incursão de Almançor sobre a cidade de Barcelona (985): “Se accetiamo l’ipotesi del origine aragonese di Moya, possiamo vedere nell’ *ali* del v. 14 un’allusione del giullare galego al trovatore aragonese [...] e potrebbe equivalere a ‘quando compì le sue distruzioni dalle vostre parti, e cioè nella contea di Barcelona’”. O raciocínio é correto salvo pela identificação das “vostre parti” com Barcelona, o que não nos parece fazer qualquer sentido, nem mesmo admitindo essa alegada naturalidade aragonesa.

⁶⁶ Trata-se do acórdão do Cabido pelo qual se implementa uma decisão desse mesmo órgão de 1271.07.01 sobre pagamentos derivados das posses e tenências cedidas pelo capítulo a leigos e clérigos. Tal como foi advertido (Souto Cabo 2012c: 277, n. 17), existiu um cónego compostelano denominado Martim Eanes, irmão de Bernardo Hispano (capelão de Inocêncio IV, auditor de Clemente IV, cónego de Tui e de Santiago, arcediago do Salnês e deão de Lisboa) (cf. Sánchez Sánchez 2018). De acordo com registos documentais de 1253 –quando se encontrava em Perugia– e de 1255, após ter exercido como capitular compostelano, ele obteve a conezia na Sé de Leão, vindo a ocupar o arcediagado de Cea (Leão) (Quintana Prieto 1987: n° 856, 885; Rodríguez de Lama 1976: n° 113). A ausência do sobrenome e a cronologia dificultam, entre outros motivos, a identificação dele com Martim Moxe, admitida por alguns investigadores (Pérez Rodríguez 1996: 39; Lorenzo Gradín 2021: 544).

⁶⁷ “hũu casal en Lestrove, que mandou o arcediago dom Martim Moxe ao cabidoo”, “Da casa da Fonte da Reina em que morou o arcediago don Martin Moxe” (ACS, *Livro primeiro de Tenências*, fs. 52r, 70r).

⁶⁸ Conhecemos um “Martim Moxe” que, no âmbito da diocese de Tui, foi reitor das igrejas de Santa Cristina de Mentestido (conc. Vila Nova de Cerveira) e da de S. Salvador de Viana (conc. Viana do Castelo). Ele deixou esses cargos, ca. 1362-1363, para ocupar o arcediagado ourensano da Lima/Límia (Marques 2018: n° 113, 141; López Carreira 2016, n° 361, 363, 368 [1363-1364]). A grande distância cronológica a respeito da biografia do cónego compostelano convida a pensar que estamos perante outro clérigo da mesma família.

⁶⁹ “[...] Johannes Martini Moxe, hominibus predicti archidiaconi” (ACS, *Tombo C*, f. 44r [1278.11.03]).

⁷⁰ ACS, *Tombo C*, f. 255v (1253.04.14). Ele surge como testemunha num ato documental pelo qual o cónego compostelano João Nunes adquiria propriedades em Pedroselas (S. Simão de Ons-Cacheiras, conc. Teo). Com essa mesma função comparece no testamento do escudeiro Pedro Peres dito “Biceso” (Pérez Rodríguez 2004: n° 357 [1260.04.06]).

⁷¹ “Petrus Johannis, dictus Moxe, porcionarius compostellanus” (ACS, *Tombo C*, f. 260r [1269.19.02]), “Petrus Moxe, porcionarius compostellanus” (ACS, *Tombo C*, f. 62v [1282.04.28]), “Petro Moxe [...], canonicis compostellanis” (ACS, *Tombo C*, f. 267r [1310.04.15]), “casas na rua de Val de Deus em que agora [eu, João Rodrigues, cónego compostelano,] moro e en que mora Pedro Moxe” (ACS, *Tombo C*, f. 21r [1319.06.20]), etc.

⁷² Referimos apenas os nomes daqueles que puderam ser contemporâneos do poeta.

A julgarmos pela cronologia deste último, o percurso vital de Martim Moxa poderá ter ocupado, total ou parcialmente, as duas primeiras décadas do séc. XIV⁷³.

Devemos pensar, por outro lado, que no convívio trovadoresco foi conhecido como “Moxa” e não como “Moxe”, variante esta, talvez de tradição latina, sistemática na documentação instrumental. Existem casos similares de correspondência entre formas findas em -e ou -a, como acontece na denominação dos membros de uma destacada linhagem compostelana, largamente documentada entre os sécs. XIII e XV, a que se atribui um sobrenome que conhece a alternância entre *Serpe/Xarpe/Xerpe* e *Serpa/Xarpa/Xerpa*⁷⁴.

Considerado por Michaëlis (1990: 465) “trovador de talento, o Peire Vidal da poesia gallego-portuguesa”, ele foi autor de dezasseis cantigas, com destaque para o largo cultivo do sirventês moral, “onde se nota sem dúvida a sua inspiração occitânica; os temas do Anticristo, do mundo ao contrário, da decadência trovadoresca” (Fernández Campo 1993: 439). Também na produção amorosa surgem marcas originais pelo recurso a uma perspectiva otimista sobre o amor como fonte de alegria, excepcional na lírica galego-portuguesa (cf. *infra*), que observamos em *Ben poss’ Amor e seu mal endurar*:

Ca seu fremoso catar e riir
e falar ben, sempr’en bõa rason,
assi m’alegra no meu coração,
que non cuid’al senon en a servir
e no seu ben, se mi-o Deus dar quiser;

como farei depois, se o ouver,
que o possa manter e gracir?
(vv. 15-21)

A associação do sirventês moral e da cantiga de amor está na origem da singular composição (de género impreciso) *Quen viu o mundo qual o eu ja vi*. Lembremos ainda o auto-escárnio *De Martin Moxa posfaçam as gentes*⁷⁵, em que claramente se define como cónego com assento no coro catedralício ostentando as vestes, “capa e sobrepeliça”, próprias do cargo: “assaz om’ordinhado / e moi gran capa de coro traer”, “ca o vej’eu no coro cada dia / vestir capa e sobrepeliça” (vv. 4-5, 10-11)⁷⁶.



Fig. 5. Cadeiral pétreo da Sé de Santiago (ca. 1200)
© Catedral de Santiago

5. Gomes Garcia

Membro da linhagem dos Souto Maior, com solar no concelho galego do mesmo nome, foi filho de Garcia Mendes, um dos cavaleiros que

⁷³ De entre as cantigas atribuídas a Martim Moxa, a única de que, em princípio, poderíamos tirar ilações sobre a sua biografia é a tenção –*Vós que soedes en corte morar*. No entanto, as dúvidas que pairam sobre a identidade do outro contendor (Lourenço ou o Conde D. Pedro de Portugal) –mas não só– impedem-nos de chegar a algum tipo de conclusão. Veja-se Oliveira 1994: 402-405 e Brea 2009.

⁷⁴ Note-se, a simples título de exemplo, que García-Fernández (2021: 268, n. 14) se refere a essa estirpe como “Xerpa o Serpe”. Por sua vez, Cabana Outeiro (2007: 860), sob o lema “Johan Xarpa” –racioneiro de Santiago– inclui “Juan Xarpa” ou “Juan Xarpe”, além de registar, para outros indivíduos, as variantes citadas. É ainda possível considerar a palatalização da vogal por influxo da consoante que a precede, fenómeno de que se conhecem outros exemplos.

⁷⁵ Alguns estudiosos consideraram que a cantiga não seria de Martim Moxa, mas de outro autor de nome “Martim”. Michaëlis (1990: 471), que também contemplou essa possibilidade, não deixou de notar que “com esta curiosa cantiga não nos aproximámos já das composições do proprio Moxa, o qual imitando o Monge de Montaudon teria a rir fallado mal de si proprio, defendendo-se ao mesmo tempo, e dando quinau aos Catões de então?”. Notemos que a leitura da rubrica explicativa comumente aceite é a seguinte: “Esta cantiga fez Martim a se mesmo” (Lagares 2000: 117).

⁷⁶ O conhecimento que demonstra João de Gaia sobre a obra de Martim Moxa, patente na referência aos “cantares de Martin Moxa” que encontramos na cantiga *Eu convidei un prelado a jantar, se ben me venha*, tem sido objeto de atenção por parte de diversos estudiosos. Ora bem, com independência da via de contacto, cumpre notar que o escudeiro foi filho de um clérigo (Estêvão Eanes) e que duas das seis composições dele conservadas remetem para o âmbito episcopal: a anterior, centrada na crítica a um bispo de Viseu, e *Vosso pai na rua*, em que o objeto de sátira é o alfaiate do bispo de Lisboa Domingos Eanes Jardim. Parece ser um importante indicio sobre a receção positiva da obra do Moxa nesse espaço, o que condiz com o conteúdo clerical da mesma (cf. *infra*).

participaram na tomada de Sevilha em 1247-1248, motivo pelo qual foi beneficiado no “repartimento” da cidade do Guadalquivir⁷⁷. A sua presença em Toledo, integrado no séquito de Afonso X, terá sido o ensejo que o levou a desposar a toledana Inês Afonso “a Gorda” (filha de Afonso Vicente Sayavedra, aguazil moçárabe de Toledo). Além do poeta, são conhecidos outros quatro descendentes de Garcia Mendes e Inês Afonso: Diogo⁷⁸, Maria, Afonso e Mencia Garcia de Souto Maior. Maria encetou matrimónio com João Fernandes de Lima, bisneto –enquanto filho de Fernando Eanes e neto de João Fernandes– de Fernando Airas Batissela e de Teresa Bermudes de Trava, tios do trovador Osório Eanes⁷⁹. Por sua vez, Afonso e Mencia desposaram, respetivamente, Urraca e Fernando Peres, dois filhos do trovador Pedro Gomes Barroso, nobre português cuja carreira política se desenrolou em Castela; o que deixa transparecer a grande proximidade que existiu entre as linhagens dos Barrosos e dos Souto Maior.

As primeiras notícias históricas sobre o poeta situam-no, em 1275, como escrivão na chancelaria de Fernando de la Cerda, talvez por influência de Pedro Gomes Barroso, um dos homens do príncipe. Após a morte de D. Fernando, ele surge como cônego de Toledo (1279), passando a ser privado e chanceler do infante Sancho (IV) (1283), que o nomeará

abade de Valladolid e notário no reino de Leão⁸⁰. Entre as missões em que interveio, lembremos em primeiro lugar que foi emissário, em 1281, nas negociações com Muhammad II, do qual Hernández (2021: 310) deduzia “que hablara o entendiera el árabe, que todavía era un elemento vivo en la cultura toledana”. Também participou na polémica com o Papado pelos abusos cometidos por Afonso X nos âmbitos diocesanos; de facto, muito provavelmente, devem-se a ele uma série de propostas para responder aos cargos do Papa por parte da corte do infante Sancho. Ele ainda chefiou duas embaixadas enviadas aos reis da França, Filipe III e Filipe IV, para resolver conflitos entre os dois reinos. O último monarca galo, em troca de eventual colaboração, ofereceu apoio a Gomes Garcia para ser designado arcebispo de Santiago, o que não se chegou a verificar. Cerca de um mês antes do seu óbito, produzido em 1286.07.29, foi proposto como bispo de Mondonhede –obviamente com o beneplácito do rei–, mas não chegou a ser consagrado pelo Papa⁸¹.

É interessante notar que na seleção dos membros da hoste que participou no encontro com o monarca francês em Baiona (1286), disposta por Gomes Garcia em fevereiro de 1286, surgem vários trovadores –Rodrigo Eanes Redondo, João Vasques de Talaveira, Gil Peres Conde⁸²–, presença conjunta cujo significado destacou Hernández (2021: 718)⁸³:

⁷⁷ Como no caso de Paio de Cana, a última aproximação à figura histórica de Gomes Garcia encontra-se nas páginas de recentes publicações de Hernández (2016, 2021). A nossa apresentação sintetiza as informações fornecidas por esse investigador. Veja-se também o trabalho de Lorenzo Gradín 1996.

⁷⁸ Ele foi homem de armas e vassalo de Sancho IV como “infanzon de Galicia” entre 1285 e 1289.

⁷⁹ Veja-se Pizarro 2011: 63-65 e, para os antecedentes familiares, Souto Cabo 2012b: 97-103.

⁸⁰ No seu testamento, Afonso Peres, cônego compostelano, mandava entregar a Gomes Garcia cem maravedis que este lhe tinha emprestado em Ágreda: “Item mando quod dent C morabibitinos alfonsinorum Gomecio Garsie, notario domni Sancii, quos mihi acomodavit in Agreda” (ACS, *Tombo C*, fs, 52r-54r [1283.07.31]).

⁸¹ Hernández (2021: 723) nega a hipótese da queda em desgraça junto de Sancho IV, como se pretende na *Crónica de Sancho IV*. Entre outros argumentos, considera precisamente a sua nomeação para a mitra mindoniense e a obtenção do senhorio de Várzea do Ardila na área castelhana de Moura-Mourão. Veja-se também Oliveira 1994: 353. Pelo contrário, Larson (2019) baseia-se nessa “disgrazia” para interpretar a tenção bilingue em que participa o trovador provençal Arnaut Catalan (?) (*B* 417). As suas suposições sobre o conteúdo desse poema assentam na problemática lição “abat” (v. 1), como referência a Gomes Garcia, mas são discutidas por Lorenzo Gradín e Marcenaro 2021: 293-294.

⁸² Também participou nessa embaixada Mem Pais de Souto Maior, primo de Gomes Garcia, na condição de filho de Paio Mendes de Souto Maior, irmão de Garcia Mendes de Souto Maior, pai do abade de Valladolid. A mãe foi Ermesenda Nunes Maldoado, tia da mulher de Paio Gomes Charinho. Alguns estudiosos consideraram a possibilidade de ver nele o trovador Mem Pais, de origens familiares desconhecidas (Ron Fernández 2021: 234).

⁸³ O excelente trabalho de Hernández contém informações que ajudam a precisar as circunstâncias da integração nas cortes de Afonso X e Sancho IV de diversos trovadores. Além de Airas Nunes, Pai de Cana e Gomes Garcia, surgem nomes já anteriormente associados, com maior ou menor certeza, a essas esferas curiais, como os de Afonso Fernandes Cebolhilha, Cerveri de Girona, Estêvão Peres Froiam, Gil Peres Conde, Gonçalo Eanes do Vinhal, João Vasques de Talavera –identificado com João Vasques Sarraça–, Martim Marinho, Mem Rodrigues de Briteiros, Mem Rodrigues Tenório, Paio Gomes Charinho, Pedro Eanes Marinho, Pedro Gomes Barroso, Rodrigo Eanes

La presencia de caballeros-trovadores en la hueste de Bayona nos alerta sobre un aspecto relevante da la cultura europea del siglo XIII. Las *vistas* entre reyes solían conllevar alardes de esplendor y cortesía (tal como luego entienden la palabra Ariosto y Castiglione) destinados a deslumbrar e intimidar al lado opuesto, tanto con despliegues de destreza y fuerza militar como de ingenio musical y literario.

Ele também salienta o predomínio de galegos e portugueses próximos de Gomes Garcia, enquanto notário do reino (galaico-)leonês e “miembro de una extensa familia galaica instalada en Toledo” (*Ibid.*: 719): “Así pues, la *compaña* de letrados, guerreros y trovadores, calculada para impresionar a los temibles franceses y regatear con ellos, representa también la cima del poder del Abad de Valladolid, una red clientelar de gallegos y portugueses que le permitiría ayudar, divertir y manejar a su señor” (*Id.*). Cabe deduzir, portanto, que Gomes Garcia terá sido, porventura, promotor do trovadorismo na corte de Sancho IV⁸⁴.

Nesta última surge uma dessas pinceladas autobiográficas, que uma vez ou outra observamos na produção de alguns autores, quando a donzela se queixa de o seu amigo se ter ausentado para ir “cas d’el rei morar”⁸⁶.

A participação de Gomes Garcia no movimento lírico luso-galaico aproxima-o, simbolicamente, de Rui Dias dos Cameros, outro trovador da escola de naturalidade castelhana, mas também com origens familiares galegas, por via materna no caso do senhor dos Cameros. Tais exemplos demonstram, mais uma vez, que nos encontramos perante um movimento cultural que, em boa medida, caracterizava idiossincraticamente galegos e portugueses⁸⁷.

6. Airas Nunes

O estudo da figura deste clérigo poeta é constituído por dois blocos diversos. Consagramos o primeiro ao esclarecimento da biografia de Airas Nunes, considerando a identificação dele com o clérigo lucense documentado

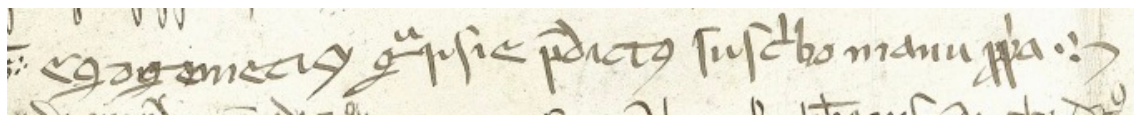


Fig. 6. Subscrição autógrafa de Gomes Garcia: “Ego Gomecius Garsie, predictus, suscribo manu propria”. (ACT, O.7.B.3.15)

Quanto à dimensão poética de Gomes Garcia, ela fica muito aquém da sua relevância política. Conservamos apenas uma cantiga de amor, *A vossa mesura, senhor*, e uma cantiga de amigo, *Diz meu amigo que me serve ben*⁸⁵.

entre 1250 e 1292 (cf. *infra*). Nesse entendimento, analisamos a adequação dessa personalidade à do poeta homónimo registado na documentação de Sancho IV, cuja identidade com o compositor presente nos cancioneiros

Redondo ou Rui Martins do Casal. Também nos descobre um Miguel Peres *trovador* (e escrivão de Sancho IV), cuja existência era, até agora, desconhecida (cf. *infra*). Nos inventários que denomina *Nomina leonesa* (1285) e *Libro de la mengua* (1285) menciona-se o mesnadeiro “Lop Olias d’ Oteyro” (Hernández 2021: 1171, 1257) em que descobrimos o Lopo Lias –marido de Rica Martins– referido (como já falecido) num escrito, não datado, do mosteiro de Tojos Outos relativo a propriedades cedidas a alguns cavaleiros. De facto, este último aparece relacionado com posses em Outeiro (“as herdades et as casas et as vinas en Outeiro que teve Lopo Lias e de que se nos quitou a morte”). Embora tenhamos considerado a possibilidade de reconhecer o trovador Lopo Lias no personagem citado nesse diploma (Souto Cabo 2011: 116), tal hipótese não nos parece agora exequível dado que a cronologia deste “Lopo Lias de Outeiro” poderá não se conciliar com a que supomos para o poeta em questão –identificável com um cavaleiro registado em 1219–, além de faltar o sobrenome toponímico na denominação do poeta.

⁸⁴ Sobre a corte poética de Sancho IV, veja-se também o pormenorizado trabalho de Beltrán (1996).

⁸⁵ Notemos, como peculiaridade idiomática, que o primeiro vocábulo do terceiro verso desta cantiga é *perol* –editado, por via de regra, como “pero”–, forma atestada na cópia seiscentista da *Crónica de Santa Maria de Íria* elaborada por Gregório de Lobariñas Feijó, autor natural de Crecente, na metade meridional da atual província de Pontevedra, portanto, não longe do solar dos Souto Maior. O termo foi também empregado por Gil Vicente. Veja-se Souto Cabo 2022: 635.

⁸⁶ Monteagudo (2021b: 177) considera ainda a possibilidade de ele ter sido o comitente do *Códice de Toledo (To)* das CSM.

⁸⁷ Essa constatação pode ser importante para avaliarmos a identificação histórica de alguns dos poetas.

parece inegável. No segundo ponto, examinamos questões relativas à muito provável participação dele na elaboração das *Cantigas de Santa Maria* –cit. CSM–, sugerida, entre outros motivos, pela dupla presença do seu nome no *Códice dos Músicos*⁸⁸.

É consensual o reconhecimento de Airas Nunes num clérigo do mesmo nome referido, em 1284, na documentação contável de Sancho IV. Essa identificação foi confirmada com a localização de registos inéditos do *trobador*, em fundos dessa mesma procedência, por Francisco J. Hernández (2021)⁸⁹. Observamos, portanto, a existência de cinco assentos –note-se que o terceiro e o quarto constituem a mesma referência factual–, em que ocorre o nome do poeta⁹⁰:

1. *Livro de contas de D. Sancho IV. Cartas sobre mercês e cobranças*: “Era de mill CCCXXII años [...] En Cibdat, XIX dias de setienbre. A **Arias Nuñez**, su clerigo, para una bestia, CCC mrs. puestos en Johan Gato” (AHN, Cód., L.1009Bis, fs. 3r, 5r [1284.09.19])⁹¹.
2. *Livro de contas de D. Sancho IV. “Recibidores de las cuentas e recabadores”*: “Era de mill CCCXXII años [...]. A Vicente Yoanez et [a] Alvar Abril et a **Arias Nuñez**, para su vestir, de la mone-da de la guerra DC mrs., et angelos a dar

Matheo Perez, su despensero” (AHN, Cód., L.1009Bis, fs. 26r, 28v [1284]).

3. *Livro de cartas para os reinos da Galiza e de Leão*: “Fue carta a Lorenzo Guiralt que feziessse dar a Alvar’ Abril et a Vincent Eanes et a **Arias Nuñez** DC mrs. de la moneda de la guerra para vestir. Dio la carta Gonçalvo Godines en Medina del Campo, VIII dias de noviem-bre, era de XXII. DC mrs.” (ACT, Supl. 144/10, f. 4v [1284.11.08]).
4. *Nómina (galaico-)leonesa. “Escrivanos”*: “**Arias Nuñez**. Tiene a V ss.” (ACT, Supl. 144/1, f. 66r [1285]).
5. *Nómina (galaico-)leonesa. “Clérigos de la capiella”*: “**Arias Nuñez, trobador**. Tiene a V ss. L^a mrs.”, “Diogelos para vestir, el año de XXII, a el et [a] **Arias Nuñez**” (ACT, Supl. 144/1, f. 70v [1285])⁹².

Além daquelas, já anteriormente conhecidas, pelas quais recebia duas quantias para “su vestir” e para “una bestia”⁹³, as duas últimas revelam, por um lado, de modo explícito a sua condição de trovador (nº 5) e, por outro, mostram que exerceu na corte a função de clérigo de capela⁹⁴ e ainda a de escrivão (nº 4)⁹⁵. O desempenho deste último ofício incluía, de certeza, a escrita de obras como são as CSM, o

⁸⁸ Veja-se o apêndice 8.1.

⁸⁹ Lembremos que uma parte importante dos registos chancelarescos afonsinos foram destruídos pelos homens de Sancho IV (Hernández 2021: XIX, 591, 735), o que acrescenta o valor da documentação sanchista para conhecer, sobretudo, mas não só, o período de transição entre ambos os reinados.

⁹⁰ Veja-se Hernández (2021: 640, 648, 794, 1071, 1109, 1217, 1231). A reprodução dos diferentes excertos incluídos neste trabalho baseia-se na consulta dos originais. Utilizamos critérios de edição nem sempre coincidentes com os seguidos por esse investigador.

⁹¹ Com base nos usos braquigráficos e nas variantes gráficas, o patronímico do poeta poderia ser lido como “Nunez”, “Nunnez”, “Nuñez”, “Nuñes” ou “Nunes”. Porém, adotamos, nesta apresentação sintética, a forma *Nuñez* habitual nas edições dessas fontes.

⁹² As características materiais da segunda ocorrência do nome não permitem confirmar se se trata de “Arias” ou “Aras”.

⁹³ As menções estão presentes nas que Gaibrois de Ballesteros (1922-1928: vol. I, CXLIX-CLXXXIV) denomina *Cuentas y gastos del Rey Don Sancho IV* e que correspondem ao *Registro de cartas de la cancelleria del reino de León. Años de 1283 a 1286* em Hernández (2021: 1059-1121).

⁹⁴ Tavani (1964: 20), sobre a consideração do poeta como clérigo, pensava que “va però inteso come indicativo della sua qualità di uomo di lettere, come tale semplice tonsurato, formatosi ad una università spagnola [...] o più probabilmente ad una università oltrepirenaica”. O professor italiano discordava assim da (alegada) opinião de Michaëlis: “Michaëlis che lo ritiene sacerdote regolare fin dalla prima gioventù” (Tavani 1964: 22). Note-se, contudo, que o ponto de vista que se atribui a essa investigadora, sem indicar fonte bibliográfica, poderá vir inspirado em declarações imprecisas de Michaëlis (1990: 818).

⁹⁵ O facto de o nome de Airas Nunes não surgir diretamente associado à corte de Afonso X, mas apenas à de Sancho IV, não nos impede de pensar que também integrou a do pai. Não parece, portanto, que essa circunstância tenha alguma consequência para determinar a cronologia do códice *E*. Sobre os diferentes manuscritos das CSM, veja-se a excelente síntese de Fernández Fernández 2012-2013.

que pode ser associado à presença do seu nome em dois pontos do códice *E* (cf. *infra*)⁹⁶.

Do conteúdo das suas cantigas também se tiraram algumas ilações sobre as circunstâncias e o contexto histórico em que viveu. A indicação que mostra o sujeito poético albergado numa pousada da capital galega (“En Santiago, seend’albergado / en mia pousada” vv. 22-23), contida em *Porque no mundo mengou a verdade*, foi interpretada, com maior ou menor convicção, como indício da existência de vínculos com Compostela⁹⁷. No entanto, partindo do significado próprio do verbo “albergar” e do substantivo “pousada”, pensamos que se faz alusão a uma estadia ocasional, não à residência continuada em Santiago⁹⁸, donde se conclui que Airas Nunes não formava parte do clero compostelano, mas provavelmente do de outra sé galega (cf. *infra*)⁹⁹.

Quanto à (incompleta) cantiga *A Santiag’ en romaria ven*, reconheceu-se nela uma referência, com intuito de propaganda política, à primeira peregrinação de Sancho IV a Santiago em 1286, o que condiz com os vínculos de Airas Nunes a respeito da corte desse monarca (cf. *infra*)¹⁰⁰:

A Santiag’ en romaria ven
el-rei, madr’, e praz-me de corazón

por duas cousas, se Deus me perdon,
en que tenho que me faz Deus gran ben:
ca ve[e]rei el-rei, que nunca vi,
e meu amigo, que ven com el i.

Por seu turno, o desafio de que foi objeto esse mesmo monarca por parte do sobrinho Afonso de la Cerda, em 1289, parece constituir o pano de fundo de *Desfiar enviaron ora de Tudela*¹⁰¹. Pelo contrário, é difícil descortinar a realidade histórica dos acontecimentos que se relatam em *O meu senhor bispo, na Redondela, ùu dia* e *Achou-s’un bispo que eu sei un dia*, ambas protagonizadas pela figura de um prelado (situação que só se repete noutras três composições da lírica profana), o que levou a pensar —nomeadamente pelo conteúdo da primeira— “que esteve al servicio de un obispo de Galicia” (Mussons 1996: 230) (cf. *infra*). No tocante à última das composições acima citadas, considerou-se a possibilidade de identificar um dos religiosos nela referidos —o *Esleito*— com Rodrigo Gonçalves, arcebispo compostelano entre 1286 e 1304¹⁰². No entanto, outro prelado galego parece ajustar-se melhor ao personagem que comparece na cantiga citada. Trata-se de Fernando Peres de Páramo, bispo de Lugo entre 1286 e 1294 que não terá ultrapassado a condição de *esleito* no decurso da sua prelacia ou, pelo menos, durante a maior parte dela¹⁰³.

⁹⁶ Lembremos que, no colofão da IV parte da *General Estória*, Martim Peres de Maqueda, escrivão de Afonso X (e de Sancho IV), declarava ter sido o autor material desse *libro*: “Yo, Martin Perez de Maqueda, escrivano de los libros de[l] muy noble rey don Alfonso [...] escribi este libro con mis otros escriuanos que tenia por su mandado” (BAV, Ms. Urb.lat.539, f. 277r, https://digi.vatlib.it/view/MSS_Urb.lat.539 [consulta: 15/02/2022]). O dado é recuperado por Fernández Fernández (2012-2013: 113).

⁹⁷ Michaëlis (1990: 67) refere-se a ele como “Ayras Nunes, oriundo de Santiago”. Também no *Grundriss*, juntando-o com Rui Fernandes, lhe atribui essa naturalidade: “Ruy Fernandes und Aires Nunes aus Santiago” (Michaëlis 1897: 188).

⁹⁸ Placer López (1945: 114-115) já reconhecia “que no hay razón apodíctica para afirmar su naturaleza compostelana. Si alguien lo cataloga entre los «poetas nitidamente santiagueses», es más bien por el espíritu de sus canciones que por confesión del poeta” e interpretava assim a referência em questão: “Y esto no es sino declarar una vecindad pasajera como la de cualquier peregrino que llegue a la ciudad del Apóstol y busca una casa donde morar durante la estancia, y en ella encuentra lecho y techo, comida y compañía de gentes advenedizas que le cuentan nuevas de su viaje y atiende a sus preguntas inquisitorias”.

⁹⁹ Conhecemos a existência de clérigos compostelanos com esse mesmo nome, mas muito afastados do quadro temporal em que se terá inserido o nosso poeta (ACS, *Tombo C*, fs. 89r-v [1181], 149r [1218]).

¹⁰⁰ Concordamos, assim, com a interpretação proposta, entre outros, por Gutiérrez García (2009).

¹⁰¹ Assim foi reconhecido por Michaëlis (2004: 315-324), que situa os acontecimentos tratados no ano de 1289.

¹⁰² Tavani (1964: 25) sugeria essa hipótese com base num alegado conflito com o “clero local” a partir das informações de Gaibros de Ballesteros (1922-1928: II, 35), que se baseiam, por sua vez, nas cartas apostólicas de Nicolau IV. López Ferreiro (1902: 257-259), que não se faz eco desse conflito, sublinha o apoio incondicional que D. Rodrigo recebeu de Sancho IV.

¹⁰³ García Conde e López Valcárcel (1991: 245) pensam que “no llegó a consagrarse porque desconfió siempre de él el rey Sancho IV”; contudo, a partir de meados de 1291 desaparecem as alusões a ele como “eleito”, passando a ser referido —com alguma intermitência (AHN, Cat. de Lugo, 1331F, n° 23 [1291.10.25] “capellan do esleyto”)— simplesmente como “bispo” (AHN, Cat. de Lugo, 1331F, n° 20 [1291.04.03], 24/1 [1291.07.18], 24/2, 24/3 [1291.12.10]; 1331G, n° 2 [1292.01.18], 14 [1293.08.18], etc.). Veja-se Jiménez Gómez 1989: I, 247, n. 44.

É precisamente no âmbito da Sé lucense que localizamos um clérigo, servidor, pelo menos, temporal desse D. Fernando, cujo perfil corresponde, de todo em todo, ao do trovador homónimo¹⁰⁴. O seu nome aparece registado nos núcleos documentais da Sé de Lugo e do Mosteiro de Ferreira de Palhares nos seguintes anos¹⁰⁵: 1250, 1257-1260, 1266, 1268, 1271-1275, 1281, 1289, 1292¹⁰⁶.

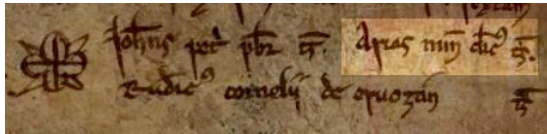


Fig. 7. “Arias Nuni, clericus, testis” (AHN, Most. de Ferreira de Palhares, maço 1087, nº 21)

O facto de a sua presença documental ser descontínua leva a pensar que se terá ausentado dessa cidade galega, entre outros motivos, para se juntar à corte de Afonso X (1221/1252-1284) e à de Sancho IV (1258/1284-1295). Até 1260, ele comparece simplesmente como “Arias Nuni, clericus”, mas entre 1266 e 1274 já recebe a qualificação de “presbiter”, o que supõe, portanto, que passou a ser ordenado¹⁰⁷. Numa escritura de 1289.07.25 (reproduzida como apêndice 8.2.3) é apresentado como um dos dois clérigos do (bispo) *esleyto*, junto com outros membros do séquito deste último. Voltarei mais adiante a este dado, fundamental pelos vínculos que, como veremos, evidencia entre o clérigo e a corte de Sancho IV, bem como pelas conexões que permite estabelecer

com o conteúdo das suas cantigas caracterizadas pela presença de um prelado. De acordo com a derradeira atestação conhecida, na última fase da vida, obteve a condição, talvez em regime de sinecura, de clérigo da paróquia de Tirimol (conc. Lugo): “Aras Nunet, clerigo de Tidimor”¹⁰⁸.

6.1. *Arias Nuniz, presbiter, nepos meus*

Em todos os casos, as comparências documentais em questão resultam dos seus vínculos com a Sé de Lugo e/ou do seu relacionamento familiar com Fernando Pais, notário e cônego dessa mesma instituição. Com efeito, até à morte de Fernando Pais, Airas Nunes ocorre, na qualidade de testemunha, apenas em diplomas –quase na totalidade de interesse para a Sé lucense– lavrados por esse cônego-notário. O testamento deste último permite-nos uma aproximação parcial às conexões familiares de Airas Nunes¹⁰⁹. É nesse diploma, lavrado em 23 de maio de 1272, que aparece indigitado como sobrinho do testador: “Arias Nuniz, presbiter, nepos meus”. Além deste último, Fernando Pais só refere o nome de outro parente, Pedro Pais, também sobrinho. No entanto, o facto de estabelecer como “successores et heredes” o notário Paio Fernandes e os irmãos deste levamos a considerar, como muito provável, a hipótese de se tratar de filhos do próprio capitular nascidos da relação, obviamente, extramatrimonial. Quanto à localização das posses de Fernando Pais, sabemos que foi proprietário de

¹⁰⁴ Como se deduz do topónimo “Sárria” aposto ao nome do jogral A. Gomes, Airas Nunes não será, portanto, o único poeta do grupo em análise com origem na diocese lucense. A vila de Sárria, situada no Caminho de Santiago, encontra-se a 30 km de Lugo.

¹⁰⁵ AHN, Cat. de Lugo, 1328E, nº 12 (1250.08.28); 1329B, nº 6 (1257.02.08), 11 (1257.08.17), 12 (1257.08.21), 15 (1257.09.08), 17 (1257.09.29), 18 (1257.10.05), 20 (1257.11.17), 23 (1257.12.31); 1329C, nº 3 (1258.02.01), 8 (1258.04.08), 9 (1258.04.18), 15 (1258.05.15); 1329D, nº 5 (1258.10.01), 8 (1258.10.18), 11 (1259.01.22), 21 (1259.04.06), 16 (1259.04.11); 1329E, nº 5 (1259.08.01), 21 (1260.03.01); 1329F, nº 1 (1260.03.01); 1329G, nº 13 (1260.07.01); 1330D, nº 16 (1266.05.06); 1330G, nº 21 (1271.05.12), 25 (1271.10.13); 1331A, nº 14 (1274.04.20); 1331B, nº 9 (1275.04.08); 1331F, nº 11 (1289.07.26); 1331G, nº 4-5 (1292.02.13), 7 (1292.05.10). AHN, Most. de Ferreira de Palhares, 1087, nº 21 (1257.11.20); 1089, nº 1 (1260.02.3); 1091, nº 19 (1272.05.23); 1092, nº 4 (1273.12.25). Também se incluem as datas correspondentes aos *Livros de Aniversários* (cf. *infra*), mas a fiabilidade cronológica dos mesmos coloca, por motivos diversos, alguns problemas.

¹⁰⁶ Eis algumas conjecturas sobre o percurso biográfico de Airas Nunes. A primeira comparência documental, em 1250, pôde estar relacionada com a maioridade (17 anos) e/ou a entrada no corpo clerical. A sua formação, porventura vinculada a alguma instituição de ensino europeia, poderá ter decorrido entre essa data e 1257, ano em que reaparece em Lugo. A partir de 1260, portanto com ca. 27 anos, terá passado a formar parte da corte de Afonso X e, mais tarde, da de Sancho IV. Quando completava a sexta década de vida, parece ter abandonado definitivamente a corte castelhana, voltando no último decénio do século para a cidade de Lugo, onde terá falecido entre 1292 e 1312 (cf. *infra*).

¹⁰⁷ A partir de 1272, as mudanças na menção do estatuto social (“Arias Nuni, presbiter”, “Arias Nuni, clericus lucensis”, “Arias Nuni”) vêm determinadas pelo notário que lavra a escritura em que ocorre o seu nome.

¹⁰⁸ Esta paróquia aparece associada à linhagem dos Mirapeixes, a que pertenceu o trovador Múnio Fernandes de Mirapeixe (Souto Cabo 2020: 343).

¹⁰⁹ Veja-se o apêndice 8.2.2. O documento foi publicado anteriormente por Rey Caíña (1985, nº 247).

casas em Lugo (nas ruas do Campo e da Triparia) e em Ferreira de Palhares, de herdade com casa em Belvis (Serés, conc. Castro Verde)¹¹⁰ e de uma cortinha com pombal em Castelo¹¹¹.

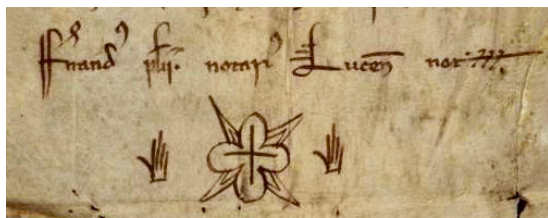


Fig. 8. “Fernandus Pelagii, notarius lucensis, notuit” (AHN, Catedral de Lugo, maço 1328G, nº 14)

Fernando Pais foi um muito influente personagem do cabido da Sé de Lugo, instituição em que exerceu atividades entre 1235 e 1272¹¹². De acordo com os dados de Lucas

Álvarez (1989: 403-404), estamos perante o mais prolífico dos 418 notários galegos inventariados por este investigador até ao ano de 1300. Associado à empresa de organização da Igreja lucense, promovida pelo bispo D. Miguel (1226-1270)¹¹³, que o nomeou executor testamentário¹¹⁴, Fernando Pais intervém de modo decisivo no processo de valorização e atualização do fundo documental da Sé: “el notario Fernandus Pelagii comenará la tarea de transcribir, copiar y autenticar otros documentos importantes de épocas más antiguas que se suponen de alto interés para la diócesis” (Mosquera Agrelo 2002: 933)¹¹⁵. A partir de 1265 recebe a denominação de “vice-notário”¹¹⁶, surgindo o que temos por filho dele, Paio Fernandes, como “notário”, acompanhado pelo anterior ou sozinho¹¹⁷. Ele morreu em 1272.06.13, tal como ficou consignado

¹¹⁰ De acordo com uma escritura de 1240, a freguesia de S. Pedro de Belvis situava-se em Castro Verde e poderá corresponder à atual de S. Pedro de Serés (AHN, Cat. de Lugo, 1328A, nº 9 [“ecclesia Sancti Petri de Belvis in Castro Viridi”]). A presença, entre as testemunhas, de um presbítero denominado “Petrus de Loentea” sugere que se trata de Serés (e não de S. Pedro de Riomol ou de S. Pedro de Celhám de Mosteiro), dado que Loëntia (conc. Castro de Rei) se encontra a escassa distância, no Noroeste, de Serés.

¹¹¹ A informação provém do seu testamento e dos *Livros de Aniversários*. Nesta última fonte, sobre a casa do Campo, faz-se notar que ficava a par da dos cônegos: “in Campo lucense, iuxta domum canonicorum” (AHN, Cód., L.1041, f. 9va). O imóvel múltiplo (“domos Fernandi Pelagii notarii”) é ainda citado num diploma de 1253.10.17 como próximo do “maius portale maioris ecclesie” (AHN, Cat. de Lugo, 1328G, nº13). Quanto ao da Triparia, sabemos indiretamente da sua existência pela menção dele nesses mesmos *Livros* a respeito de Dominga de Triparia: “domum meam de Triparia, in qua moror, que stat iuxta domum Fernandi Pelagii, notarii Lucensi” (AHN, Cód., L.1040, f. 7rb). O topónimo “Castelo”, entre outras possibilidades, poderia situar-nos nos concelhos de Guntim ou de Outeiro de Rei.

¹¹² AHN, Cat. de Lugo, 1327G, nº 19 (1235.06.28); Most. de Ferreira de Palhares, 1091, nº 19 (1272.05.23). D’Emilio (2003: 402) sintetiza assim o seu percurso como cônego-notário: “[...] in October, Fernandus Pelagii prepared a document and titled himself «vicenotarius», a title he used for three years. By January 1239, he had taken the title of notary. He joined the chapter in 1250, served the bishop in various capacities, and continued to prepare documents until his death in 1272. At least four hundred and twenty documents remain from his thirty-seven-year career. His earliest charters show him searching for a personal style as he made the office his own. He refined the chrismon, experimented with his notarial sign, and displayed his talents with flourishes, bows, ligatures, small capitals and decorated letters, probably inspired by some of the earlier charters he saw –and, sometimes, transcribed– in Lugo. Once established as notary, his writing quickly settled into more routine habits, as the volume of business increased dramatically in the mid-thirteenth century, and it is hard to determine the extent to which he relied on scribes for these small charters written in a rapid, cursive hand. Throughout his career, however, he returned to his repertory of decoration for charters of particular importance”.

¹¹³ “Constituimus et ordinamus executores huius testamenti nostri domnum F. Arie, et domnum O. Ovequi, archidiaconos, et Fernandum Pelagii, canonicum nostrum. Utrunque, in solidum cum ipso Fernando Pelagii volumus etiam et mandamus quod annuatim in die anniversarii nostri capellani prenominate capelle sollempniter celebrent horas fidelium defunctorum in ipsa capella” (AHN, Cat. de Lugo, 1330E, nº 19bis [1267.04.28]). Em 1268.05.23, por mandato do bispo e agindo como “uicarius iudicis Pelagius Pelagii maiordomus de Fargaox”, ele determina quais são as propriedades com o estatuto de “manignatico” na mordomia de Fargós (Constante, conc. Guntim) (AHN, Cat. de Lugo, 1330F, nº 14).

¹¹⁴ Sobre este prelado, veja-se García Conde e López Valcárcel 1991: 227-235.

¹¹⁵ Ele lavrou o documento que denominamos *Notícia da casa na Cruz*, o único escrito em que surge explicitamente o nome do trovador Múnio Fernandes de Mirapeixe (Souto Cabo 2020).

¹¹⁶ AHN, Cat. de Lugo, 1330D, nº 4 (1265.05.29).

¹¹⁷ Do ponto de vista da conformação material dos documentos, há uma evidente continuidade entre Fernando Pais e Paio Fernandes, sendo o elemento mais visível a presença de dois desenhos esquemáticos de uma mão direita a ladear o signo do notário. Trata-se, em ambos os casos, de produtos escritos caracterizados por uma execução de grande perícia.

nos *Livros de Aniversários* –cit. *LA*¹¹⁸– (AHN, Cód., L.1041, f. 9va).

Após a morte de Fernando Pais, Paio Fernandes exercerá, de modo não continuado, esse cargo até 1285/1289¹¹⁹, enquanto passava, em meados da década de setenta, a ser porcioneiro da Sé¹²⁰. Posteriormente, entre 1290 e 1298, comparece como cónego¹²¹, tendo atingido a máxima representatividade dentro do corpo capitular, na primeira metade da década de noventa, quando ocupa a decania como substituto de Rui Vasques, deão luguês que, como veremos, se encontrava nessa altura na corte de Sancho IV. Ele próprio transmite essa circunstância no ato documental que, em 1294, reflete um acórdão entre os prelados de Recele e Vilajuste: “Et por maior firמידue seer, eu Pay Fernandez, coego de Lugo e vigaro do deam, don Roy Vaasquez, no diadigo, porque achey que esta composiçon que avia gran tempo que fora feyta entre estas eglejas, e que era boo paramento delas, outorgo-a, esta composiçon que façen entre si, e confirmo-a, e por seer certo mando esta carta seelar de meu seelo pendente”¹²².

De acordo com os *LA*¹²³, ele morreu em 1298.12.16 e deixou ao Cabido, para o seu aniversário, um casal em Vila Chá de Mera (conc. Lugo), adquirido por ele dez anos antes¹²⁴. A documentação lucense conserva memória dos múltiplos negócios económicos que estabeleceu com a Sé. Nesse fundo documental encontramos ainda referência a material bibliográfico que o cónego teve ao seu dispor: “codicem

que tenebat Pelagio Fernandi, canonicus, cum apparatu, non ordinario” (AHN, Cód., L.1042, f. 22r [1295.11.05]), “Item tenet Pelagius Fernandi *Digestum* veterum et codicem sine apparatu” (AHN, Cód., L.1042, f. 38r [s. d.]).

6.2. *Arias Nuñez, trovador*

Airas Nunes terá ingressado na Sé pela mão do tio “letrado” e, certamente, sob a sua orientação (e a do filho dele), chegou a conhecer a profissão de notário e os quefazeres a ela vinculados. Talvez também o próprio trovador estivesse destinado a exercer essa mesma atividade, da qual poderá ter sido, em parte, “afastado” pelo relacionamento com a corte castelhana de Afonso X e de Sancho IV. No entanto, é muito importante frisar, como foi já notado, que ficou registada a sua função de escrivão na corte deste último monarca, o que claramente remete para o ofício da escrita que aprendeu junto do tio (cf. *supra*).

Além da casa em Ferreira de Palhares –acaso vinculada ao património familiar–, cujo usufruto recebeu do tio, contamos com informação sobre outros bens de que dispôs o nosso clérigo, de acordo como o que consta em três registos dos *LA* da Sé de Lugo:

1. 1268.06.05 (?): “Sub era M^aCCC^aII^a et quotum nonas iunii [...]. Datur hereditas de Requeixo in Asma et de Froxuda in Lemos **Arie Nuni**, clerico, qui annuatim debet dare canonicas lucenses II morabitanos pro medietate canonicorum. Est fideussor

¹¹⁸ Com essa denominação aludimos, de modo conjunto, aos códices seguintes: *Livro de Aniversários I* (AHN, Cód., L.1040 [séc. XIII]), *Livro de Aniversários II* (AHN, Cód., L.1041 [sécs. XIII-XIV]), *Livro de Aniversários, Foros, Arrendamentos e outras escrituras* (AHN, Cód., L.1042 [sécs. XIII-XIV]) e *Tombo de Escrituras de fundação, Aniversários e Foros da catedral de Lugo* (AHN, Cód., L.416 [sécs. XIII-XVI]). Eles foram, total ou parcialmente, editados por Jiménez Gómez (1987; 1989, vol. 2) e Portela Silva (2007). Para a transcrição dos fragmentos aqui reproduzidos, partimos, em todos os casos, dos originais.

¹¹⁹ A produção mantém certa continuidade entre 1268 (AHN, Cat. de Lugo 1330F, n° 20 [1268.08.25]) e 1285 (AHN, Cat. de Lugo, 1331D, n° 20 [1285]), surgindo um exemplo isolado em 1289.08.06 (AHN, Most. de Ferreira de Palhares, 1095, n° 6), mas lavrado materialmente por um escriba.

¹²⁰ AHN, Cód., L.1042, f. 35rb (1275.01.18): “Pelagius Fernandi, porcionarius lucensis”. Entre os irmãos deste primo de Airas Nunes, encontrava-se Pedro Fernandes, que foi clérigo do coro da Sé lucense. Ambos os irmãos foram nomeados árbitros na querela que existia sobre bens e direito de patronato de Santa Eulália de Vilar Mosteiro (conc. Páramo): “discretos viros Pelagium Fernandi, portionarium et notarium lucensis, et Petrum Fernandi, fratrem suum clericum chori eiusdem” (AHN, Cat. de Lugo, 1331C, n° 22 [1281.04.26]). Eles surgem, entre outros registos, no elenco relativo aos réditos da mesa dos cónegos: “Pelagius Fernandi, porcionarius, CCCXXX solidos de cortina et de hereditate Petri Rolan”, “Petrus Fernandi clericus cori lucensis XXXXVIII solidos de agrograno” (AHN, Cód., L.1042, f. 39v [s. d.]).

¹²¹ AHN, Cód., L.1042, f. 25ra (“Pelagius Fernandi, canonicus” [1290.09.05]); AHN, Cód., L.1042, f. 22r (“Pelagium Fernandi canonicum” [1298.05.28]).

¹²² AHN, Most. de Ferreira de Palhares, 1096, n° 2 (1294.02.01).

¹²³ AHN, Cód., L.1042, f. 8rb.

¹²⁴ AHN, Cat. de Lugo, 1331E, n° 23 (1288.11.03).

archidiaconus domnus Oduarius et debe dari III^o idus ianuarii” (AHN, Cód., L.1042, f. 33va)¹²⁵.

2. 1275.10.01 (?): “Era M^oCCC^aXIII^a et quatum kalendas octobris [...]. Dat capitulum **Arie Nuni**, clerico, casale de Cas-Fernando in vita sua ad tenendum et ipse Aras quitat capitulum [-] quos habet per domos archidiaconis de Aviancos Fernandus Petri” (AHN, Cód., L.1042, f. 35vb).
3. 1281: “Dat capitulum **Arie Nuni**, clerico, med[-] Arteiro in rua Nova, tenendam in vita sua, pro [-] annuatim. Et ipse Arias Nuni dat eidem capitulo octavam partem medietatis alterius eiusdem domos iure hereditario possidendam et debet ipsum capitulum defendere cum dicta octava per domum de propre murum que fuit Petri Arteiro. Era M^oCCC^aXVIII^a” (AHN, Cód., L.1042, f. 37rb)¹²⁶.

Por essa mesma fonte, sabemos que Airas Nunes morreu num dia 28 de julho, em ano não especificado entre 1292 e 1312 –provavelmente na primeira década do séc. XIV¹²⁷– e que deixou ao cabido parte de uma casa na rua Nova de Lugo.

V Kalendas Augusti [...]. Anniversarium **Arie Nuni**, clerici ecclesie Sancti Johannis de Tidimor, qui legavit canonicis, pro anniversario suo, quartam partem cuiusdam domus in quomodo morantur filii Johannis Badalo, quae domus est in rua Nova, cum cortina, et exitu et pertinenciis suis. Et ego Alfonsus Petri, publicus notarius lucensis, vidi testamentum confectum per manum Alfonsi Petri, notarii publici layci dati per episcopum Lucensem concilio eiusdem. In quo testamento, inter alia, continebatur clausula supradicta, quam clausulam ego, predictus notarius, propria manu scripsi et signum meum apposui

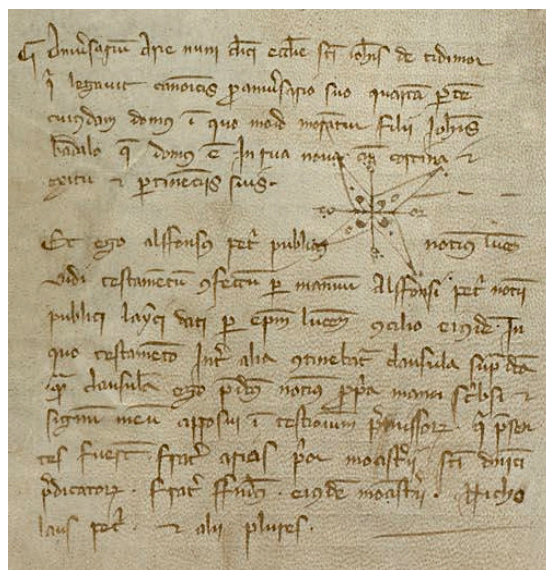


Fig. 9. AHN, Cód., L.1041, f. 21ra

in testimonium permissorum. Qui presentes fuerunt: frater Arias, prior monasterii Sancti Dominici predicatorum. Frater Fernandus, eiusdem monasterii. Nicholaus Petri et alii plures.

A presença dessa cláusula nos *LA* responde a uma incorporação tardia, o que pode ser atribuído ao facto de o testamento do clérigo não ter sido depositado no cartório da Sé –em cujo rico fundo documental não se conserva–, mas presumivelmente no de outra instituição religiosa da cidade. Considerando o estatuto das duas primeiras pessoas que anuem a esse assento, o prior (frei Airas) e um frade (frei Fernando) de S. Domingos de Lugo¹²⁸, cabe concluir que foi, muito provavelmente, este último convento o principal beneficiado por Airas Nunes –talvez por ter escolhido sepultura nele– e, portanto, o local em que se custodiava a sua

¹²⁵ A localização dessas herdades nas terras de Asma e de Lemos poderá ser interpretada como um indício relativo à naturalidade de Airas Nunes e/ou do seu grupo familiar. A datação é duvidosa porque pertence a um registo prévio.

¹²⁶ Este tipo de cessão era, por via de regra, feito a membros do cabido. Além do caso de Airas Nunes, Jiménez Gómez (1989: I, 283) nota a existência de outro censo similar estabelecido com o clérigo Airas Pais. Não fica, portanto, muito clara a natureza do vínculo de Airas Nunes com o corpo capitular lucense.

¹²⁷ O notário Afonso Peres, autor da versão original do testamento e, ao mesmo tempo, quem copia e valida a cláusula em questão, produz documentos para a Sé de Lugo, pelo menos, entre 1305 e 1320. No entanto, só na documentação anterior a 1313 é que manifesta ser “dado pelo bispo de Lugo ao concelho desse miismo lugar”, tal como se reflete, em versão latina, na manda (Portela Silva 2007: n^o 34, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 105, 106, 112, 120, 133, 138, etc.). É esse facto que nos leva a situar aproximadamente o óbito de Airas Nunes naquele intervalo cronológico.

¹²⁸ Leza Tello e Perez Formoso (2016: 13) registam, no ano de 1321, um prior de nome Airas Martins que poderá ser o indivíduo citado no escrito em questão. Note-se, contudo, que só sabemos da existência de um prior anterior em 1282 (Fernando) e de outro posterior em 1333 (Pedro Eanes Chamoso). Além de projetar vários tipos de incerteza sobre a identidade desse superior dominicano, a situação descrita não permite circunscrever com alguma precisão cronológica o seu priorado dentro das balizas de 1282 e 1333.

manda (cf. *infra*)¹²⁹. A chegada dos Dominicanos à Cidade das muralhas remonta ao último quartel do séc. XIII (1274)¹³⁰, tendo sido favorecida a sua implantação pelo bispo Fernando Airas (1271-1276)¹³¹, com a intermediação do prior do convento compostelano, apesar de certa oposição inicial do corpo capitular¹³². No entanto, uma década mais tarde, será a Sé de Lugo a primeira a contar, na Galiza, com um prelado dominicano, frei Airas Soga (1284-1286), de quem cabe supor tenha sido benfeitor do convento dos Pregadores na cidade¹³³.



Porta setentrional da Sé de Lugo

Ora bem, entre as várias composições excecionais que inclui a produção poética de Airas Nunes, encontra-se certamente o sirventês moral

Porque no mundo mengou a verdade. O motivo central da cantiga é a procura da (alegórica) *verdade* perante a escassez da mesma “no mundo”:

Porque no mundo mengou a **verdade**
punhei un dia de a ir buscar,
e u por ela fui [a] preguntar,
dis[s]eron todos: “Alhur la buscade,
ca de tal guisa se foi a perder
que non podemos én novas aver
nen ja non anda na irmaidade”.

Nos moesteiros dos frades negrados
a demandeí e dis[s]eron-m’assi:
“Non busquedes vós a **verdad**’aqui,
ca muitos anos avemos passados
que non morou nosco, per bõa fe,
[---]
e d’al avemos maiores coidados.

E en Cistel, u **verdade** soia
sempre morar, dis[s]eron-me que non
morava i avia gran sazon,
nen frade d’i ja a non conhocia,
nen o abade [o]utros[s]i, no estar,
sol non queria que foss’i pousar,
e anda ja fora d[a] abadia.

En Santiago, seend’albergado
en mia pousada, chegaron romeus;
preguntei-os e dis[s]eron: “Par Deus,
muito levade-lo caminh’errado,
ca, se **verdade** quiserdes achar,
outro caminho conven a buscar
ca non saben aqui dela mandado”.

Conquanto se tenham sugerido algumas interpretações que circunscrevem a âmbitos concretos o alcance da censura nela praticada¹³⁴,

¹²⁹ Manso Porto (1993: 392) refere o caso de dois clérigos lucenses, o cônego Rodrigo Fernandes (1290) e o arcediogo Fernando Martins (1297), que contemplaram o convento de S. Domingos nas respetivas mandas testamentárias.

¹³⁰ Sobre a presença da citada Ordem em Lugo, veja-se Manso Porto 1993: 33-35, 51-58, 391-395 e Pérez Rodríguez 2018: 99.

¹³¹ Diversos historiadores, no passado e em tempos recentes, supuseram que este bispo fora transferido para Tui, com base na existência de um prelado homónimo na Sé tudense entre 1276 e 1285. No entanto, a documentação pontifícia contraria essa conjectura, dado que Nicolau III fala, em 1279.03.18 (por ocasião da nomeação, como bispo de Lugo, do cônego coimbrão João Martins), da situação criada após a morte de um bispo de nome F[ernando] (Domínguez Sánchez 1999: nº 106-111), cujo óbito foi situado por Eubel (1913: 314) em 1276.01.28. Veja-se García Conde e López Valcárcel 1991: 237-240.

¹³² Entre as instituições beneficiadas pelo bispo Miguel de Lugo no seu testamento já se encontram os Pregadores de Bonaval e de Ribadavia (“C solidos fratribus predicatoribus Bone Vallis [...], C solidos fratribus Ripa Avie”, AHN, Cat. de Lugo, 1330E, nº 19b [1267.05.29]).

¹³³ Ele esteve ao serviço de Sancho IV, que o convocou para formar parte da comitiva que o acompanhou para se entrevistar com o rei da França em Baiona: “A estos tres [prelados] añadió el obispo dominico de Lugo, fray Arias Soga; pero parece que enfermó antes de que el cortejo de Sancho IV emprendiera el camino hacia Bayona, pues falleció no mucho después” (Hernández 2021: 717). O seu óbito produziu-se entre 17 de maio e 1 de junho de 1286 (AHN, Cat. de Lugo, 1331D, nº 25 [1286.05.17]; 1331E, nº 1 [1286.06.01]). Também sabemos que foi favorecido economicamente pelo monarca no dia em que celebrou a primeira missa (*Ibid.*: 717, 831, 1222) (cf. *infra*).

¹³⁴ Tavani (1964: 25-26) supõe que se trata de uma invectiva contra Gomes Garcia, o que não condiz com a proximidade política deste último a respeito de Sancho IV (Hernández 2021: 721-724).

não parece que essa fosse a perspetiva pretendida pelo autor, que utiliza metaforicamente o termo “verdade” em modo genérico¹³⁵. A muito provável proximidade de Airas Nunes a respeito da Ordem de S. Domingos poderá abrir uma porta para o correto entendimento do texto. Com efeito, uma das primeiras divisas desta Ordem foi precisamente a VERITAS, o que explica a denominação do seu fundador como “doctor veritatis”, que já se lhe atribui na antifona *O lumen Ecclesiae, doctor veritatis*, composta pelo frade Constantino dei Medici di Bisenzio (1246-1257), bispo de Orvieto. Do mesmo modo, em 1266, numa missiva ao capítulo geral dessa Ordem, Clemente IV aplicava aos Pregadores a expressão de “justa gens [...] custodiens veritatem” (Isaías 26:2)¹³⁶. Notemos ainda que o dominicano Tomás de Aquino (1225-1274) utilizará a palavra “verdade” nas primeiras frases das suas obras mais conhecidas: a *Summa Theologiae* (“Quia Catholicae veritatis doctor non solum pro vectos debet instruere”, Proemium I.1) e a *Summa contra gentes* (“Veritatem meditabitur guttur meum, et labia mea detestabuntur impium”, *Liber proverbiorum* 8:7). A referência, no corpo central da cantiga em questão, aos beneditinos (“frades negrados”) e cistercienses (“Cistel”) induz a ler em chave “conventual” o conteúdo da composição, do qual se deduz, implicitamente, um pronunciamento favorável àquela Ordem que assumia a “verdade” como o seu lema¹³⁷.

Como foi acima avançado, Airas Nunes comparece entre os confirmantes de um diploma lucense de 1289.07.25¹³⁸, sendo seguido por um Rui Vasques a ele associado pelo facto de ambos serem clérigos do bispo *esleyto* Fernando Peres (cf. *supra*). O grupo de testemunhas completa-se ainda com dois escudeiros do prelado¹³⁹: “Aras Nunez e Ruy Vasquez, clérigos do esleyto, don Fernando Perez; Ruy Dominguez e Pedro Suarez, escudeyros do esleyto”¹⁴⁰. Do mesmo modo que Airas Nunes (cf. *supra*), esse Rui Vasques surge, explicitamente, como “clérigo del rey” na documentação da Chancelaria de Sancho IV nos anos de 1284, 1291 e 1294:

1. *Livro de contas de D. Sancho IV. Cartas sobre mercês e cobranças*: “A Lope Alfonso de Lemos, el cellero de Hatan, en cuenta de sus mrs., et angelo a dar **Pero Vequez**, arcidiano de Lugo, et **Roy Vasquez, clérigo del rey**” (AHN, Cód., L.1009Bis, f. 1r [1284.12.25]).
2. *Livro de contas de D. Sancho IV. “Recibidores de las cuentas e recabadores”*: “Era de mill CCCXXII años [...]. **Pero Vasquez**, arcidiano de Lugo, e **Ruy Vaasquez, clérigo del rey**: que de los bienes que recabdan de la mesa del obispo de Lugo, que diesen a **Ruy Vaasquez**, para cumplimiento de su soldada, de la moneda nueva a V sueldos, CCCC mrs.” (AHN, Cód., L.1009Bis, fs. 26r-29r [1284]).

¹³⁵ Como notou Tavani (1964: 38), a composição mostra claros paralelismos com *Non é amor en cas del rei* de Gil Peres Conde, trovador de origem portuguesa, mas ativo na corte de Sancho IV (cf. *supra*).

¹³⁶ Ripoll e Bremond (1729: 471): “Ordo vester verisimiliter urbem fortitudinis representat, quam justa gens, apertis portis, ingreditur, custodiens veritatem”.

¹³⁷ Lembremos que na produção de Martim Moxa também encontramos a “verdade” como alegoria em *Quen viu o mundo qual o eu ja vi* (“Verdad’ u é?”) e em *Per quant’eu vejo* (“Ja de verdade / nen de lealdade / non ouço falar”).

¹³⁸ Trata-se do apêndice 8.2.3.

¹³⁹ AHN, Cat. de Lugo, 1331F, nº 11. Uma escritura de setembro desse mesmo ano revela o nome de outro clérigo do bispo, “Martim Romeu, clérigo do esleito” (AHN, Cat. de Lugo, 1331F, nº 10 [1289.09.05]), documentado entre junho de 1275 (“Martin Romeu, presbiter”) e outubro de 1290 (AHN, Cat. de Lugo, 1331B, n. 10 [1275.06.05]; 1331F, nº 16 [1290.10]). De acordo com uma escritura de janeiro desse último ano, ele foi designado pelo prelado como um dos “homees bõos” que deviam resolver o pleito que existia entre a Sé de Lugo e o mosteiro de Ferreira de Palhares sobre rendimentos de vários casais em Vila Maior (AHN, Most. de Ferreira de Palhares, 1097, nº 2 [1290.01.08]). Conhecemos ainda o nome do seu capelão: “Estevão Eanes, capelan do esleyto” (AHN, Cat. de Lugo, 1331F, nº 23 [1291.10.25]).

¹⁴⁰ Encontramos o nome de “Petrus Sugerii, scutifer”, logo a seguir o de “Airas Nuni, clericus”, como testemunha de um ato documental de 1292 (AHN, Cat. de Lugo, 1331G, nº 4, 5 [1292.02.13]). As informações dos *LA* —em que se incluiu uma cláusula do seu testamento— revelam que o seu nome foi “Pedro Soares de Sonhar” e que era pai de uma Maria Peres. Esta recebeu do Cabido o usufruto de metade de uma casa que, por sua vez, fora cedida *ad vitam* por Rui Domingues, certamente o outro escudeiro citado, a Pedro Soares (AHN, Cód., L.1042, fs. 51v-52r [1309.12.18]). O seu nome surge na documentação da Sé, pelo menos, a partir da primeira metade da década de oitenta associado ao do futuro bispo (Fernando Peres): “Pedro Suarez escudeyro de Soñar, Pedro Savaschaez clérigo do arceidiago don Fernan Perez” (AHN, Cat. de Lugo, 1331C, nº 24 [1282.02.14]). Nos últimos registos também pode ser denominado “sellarius” (AHN, Cat. de Lugo, 1331G, nº 25 [1296.07.01]; 1331H, nº 2 [1297.04.06]; 1331H, nº 12 [1298.09.06]).

3. *Carta de Sancho IV ao mosteiro de Santa Clara de Allariz*: “**Ruy Váásquez, dayan de Lugo**, v^a” (AHN, Santa Clara de Alhariz, maço 1429, nº 4 [Palência, 1291.04.22])¹⁴¹.
4. *Contas e despesas de Sancho IV*: “**A Roy Vasquez, dean de Lugo**, por carta de la reyna, que tenie por bien de'l dar lo que montasse en los sus vassallos de la Puebla de San Christoval et de Lagunas Ruvias et de Lagunas Rubias. Mostró pago de Domingo Eanes, su mayordomo, que montara D mrs.” (AHN, Cód., L.985, f. 103vb [1294]).

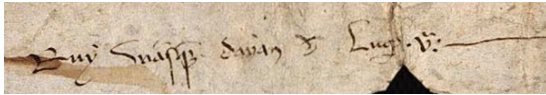


Fig. 11. “Ruy Váásquez, dayan de Lugo, v^a” (AHN, Santa Clara de Alhariz, maço 1429, nº 4)

Nos dois primeiros registos vemo-lo como clérigo real que exerce serviços na gestão das receitas da mesa episcopal lucense, em período de sede vacante, recebendo também a correspondente soldada¹⁴². Quanto aos mais modernos, apresentam-no como deão, cargo de cujo exercício já tivemos conhecimento ao falarmos de Paio Fernandes (primo de Airas Nunes), dado que este último, em 1294, cumpria as funções do decano em ausência de Rui Vasques,

titular dessa dignidade. Como se deduz do terceiro item, ele integrava o séquito do monarca com tarefas, ao que parece, relativas à emissão de diplomas. Além da documentação citada, encontramos esse mesmo Rui Vasques num escrito dos *LA* de 1293.11.16 pelo facto de lhe ter atribuída a “administração” do mês de setembro, assumida, com efeito, por esse mesmo Paio Fernandes¹⁴³.

Como vemos, associado a esse Rui Vasques surge ainda o nome de Pedro Vasques, arcediogo de Lugo¹⁴⁴. Com efeito, trata-se de quem foi porcioneiro, cônego e arcediogo de Deçom (ou Doçom), largamente documentado entre 1268 e 1295¹⁴⁵. Não sabemos se deve ainda ser reconhecido no “Pedro Vequez” que aparece na Chancelaria de Sancho IV como recebedor, em 1284, do “estolaie” de Lugo (“Pero Vequez avie de recabdar el estolaie de la villa de Lugo et que tomase DCCC mrs. de los que recabdas de los obispados”)¹⁴⁶ e alistado, como o próprio Airas Nunes (e o *trovador* Miguel Peres¹⁴⁷), entre os escrivãos de Sancho IV (“Pero Vequez. Tiene a V ss. [1285]”)¹⁴⁸ (cf. *supra*). Este último poderá ser, no entanto, o “Pedro Oveques, escrivan del rey et sou notario publico enno concello de Lugo”¹⁴⁹, documentado entre 1290 e 1292¹⁵⁰.

¹⁴¹ Gaibrois de Ballesteros (1922-1928: vol. III, CCXXII) incorre em erro ao editar o cargo como “sayan”.

¹⁴² Ele foi certamente sobrinho de Rodrigo Peres, cônego de Lugo (AHN, Most. Ferreira de Pallares, 1091, nº 1 [1265.01.16]; AHN, Cód., L.1042, f. 2va), que o declarou executor do seu testamento (AHN, Cat. de Lugo, 1330F, nº 23 [1268.10.20]). Por este escrito, sabemos que o tio era possuidor de diverso material bibliográfico (“Summam meam Gaufridi”, “Decretales meas”, “codicem Digestum Vetus et Novus”, “Missali”, “Decreto”, “alios libros”), a maior parte do qual legou a Rui Vasques. As posses fundiárias citadas nessa manda situam-se nas freguesias de Retorta e Vila Maior de Negral (conc. Guntim). O documento foi publicado, com alguns erros de leitura, por Cañizares del Rey 2015: nº 445.

¹⁴³ “Datur administratio mensis septembris Roderico Velasci decano lucensi [...]. Et Pelagius Fernandi, canonicus, dedit fideiussores capitulo” (AHN, Cód., L.1042, f. 27v).

¹⁴⁴ AHN, Cat. de Lugo, 1330F, nº 13 (“Petrus Velasci, portionarius”, 1268.05.20); AHN, Cód., L.1042, f. 36ra (“Petrum Velasci, canonicum”, 1275.11.18); AHN, Cód., L.1042, f. 37vb (“Archidiaconus Petrus Velasci”, 1283.05.11); AHN, Cat. de Lugo, 1331D, nº 11 (“Pedro Vaasquez, arcediagoo de Lugo” [1285.01.30]); AHN, Cat. de Lugo, 1331G, nº 21 (“Don Pedro Vaasquez, arcediogo de Deçom”, 1295.06.05). Ele foi consanguíneo de Martim Eanes, cônego, arcediogo de Triacastela e chantre, a quem vendia, em 1284.04.10, um casal em Alveiros (conc. Lugo) (AHN, Cat. de Lugo, 1331D, nº 6, 7). Também esteve aparentado com os cavaleiros de Santa Ougea (AHN, Cód., L.416, f. 54r; Souto Cabo 2020: 350, n. 112). Note-se que o ato documental atestado conjuntamente por Airas Nunes e Rui Vasques é uma doação efetuada por “Pedro Rodriguez, fillo que foy de Ruy Vasquez de Sancta Ougea”.

¹⁴⁵ Hernández (2021: 1110) optou, no primeiro dos assentos, pela segmentação “Per Ouequez”, o que suporia a existência de dois arcediagos: Pedro Oveques e Pedro Vasques. Esta hipótese não é acompanhada pela documentação coetânea que só regista a existência de um Pedro Vasques para esse cargo, o que nos leva a pensar na plasmiação estropiada do patronímico ou numa confusão com outro indivíduo (cf. *infra*). Notemos que, de acordo com a prática da época, o <u> e o <v> são apenas alografias de um grafema com dois valores.

¹⁴⁶ AHN, Cód., L.1009Bis, f. 25r.

¹⁴⁷ A ausência do seu nome na produção profana poderá ser explicada, entre outros motivos, por o seu ofício poético ter estado vinculado exclusivamente às *CSM*. Note-se a muito significativa coincidência nas tarefas simultâneas de trovador e de escrevente por parte de Airas Nunes e de Miguel Peres (Hernández 2021: 640, 1220, 1231, n. 423).

¹⁴⁸ ACT, Supl. 144-1, f. 67r (1285).

¹⁴⁹ AHN, Most. de Ferreira de Palhares, 1095, nº 13 (1291.10.22).

¹⁵⁰ AHN, Cat. de Lugo, 1331F, nº 12 (1290.01.02); 1331G, nº 6 (1292.05.07).

Constatamos, portanto, um notável paralelismo nos percursos “profissionais” de Airas Nunes e de Rui Vasques, inseridos num contexto mais amplo de participação de eclesiásticos e laicos lucenses na corte de Sancho IV. Nessa conformidade, refiramos ainda, como foi atrás notado, que o prelado dominicano frei Airas Soga (1284-1286) esteve ao serviço de Sancho IV, mesmo antes de ser bispo, e que este, além de outros pagamentos, lhe “mandó dar en don para offrenda el dia que cantasse missa nueva, los tres mil mrs.” (Hernández 2021: 831, 1222). O monarca também o convocou, em 1286, para integrar a comitiva formada para se entrevistar com o rei da França em Baiona¹⁵¹.

Por outro lado, o facto de Airas Nunes formar parte do séquito do bispo Fernando Peres, junto com outros clérigos e escudeiros, logo nos remete para os acontecimentos narrados na, em parte, enigmática cantiga *O meu senhor, o bispo, na Redondela ãu dia*. Apesar dos múltiplos problemas que coloca a interpretação da composição, até porque muitas das lições são pouco seguras –sobretudo no conjunto da segunda estrofe–, o sujeito poético refere em primeira pessoa o ataque de que foi objeto a companhia de um prelado, em que ele próprio se integrava como servidor do bispo, e da qual também formavam parte vários “escudeiros” (v. 11).

O meu senhor, o bispo, na Redondela ãu dia,
de noit’ e con gran medo, de desonra fogia,
eu indo-mi aguisando, por ir con el mia via,
achei ãa companha assaz brava e crua,
que me deceron logo de cima de mia mua
azemela, e cama levavan-na ja por sua.

E desque eu nacera nunca entrara en lide,
[e], pero que ja fora cabo Valedolid’e
Escovar, doas muitas fezeron en Melide,
e ali me lançaron a min a falcatrúa,

a maes escudeiros gage o Churruchão,
e [a]taes sergentos, ca non gente befua.

Ali me desbulharon do tabardo e dos panos
e non ouveran vergonha dos meus cabelos canos,
nen me deron por ende grã[a]s nen adianos:
leixaron-me qual fui nado no meio da rua;
e ãu rapaz tihoso, que a de part’estava,
chamava minha nana “velha fududancua”.

Trata-se, portanto, de um episódio literário que concorda com a realidade biográfica do clérigo lucense¹⁵², até na indicação da notável velhice do autor por meio da referência metonímica aos “meus cabelos canos”¹⁵³. Na cantiga faz-se menção a um “Churruchão” cujo papel nos acontecimentos narrados não fica muito claro. Michaëlis (2004: 324-325) considerou a possibilidade de ver nele Estêvão Nunes Churruchão ou Nuno Gonçalves Churruchão, primo do anterior, ambos homens da corte de Sancho IV¹⁵⁴. Embora não contemos com elementos que nos permitam, com alguma segurança, optar por um deles como personagem da cantiga, apresentamos alguns dados das biografias respetivas, com destaque para eventuais vínculos com a Sé de Lugo.

O primeiro, filho de Nuno Fernandes Churruchão e de Urraca Gil de Batissela, foi meirinho-mor de Leão (1285-1287) e da Galiza (1287-1288). No exercício desse cargo, como “Estevão Nunez, meirino mayor del rey en Galliza”, mandava redigir, em Porto Marim (Lugo), uma escritura pela qual, em nome de Sancho IV, desobrigava Fernando Peres (cf. *supra*), deão e (bispo) eleito de Lugo, das demandas que ele mantinha contra os vassallos do bispo no couto de Lea, “por razon das malfeyturas e todas las outras cousas que elles fezeron cun Ruy Gomez de Bollano”¹⁵⁵. Nuno

¹⁵¹ De acordo com García Conde e López Valcarcel (1991: 247-250), D. Airas de Medim, bispo de Lugo entre 1294 e 1299, manteve um relacionamento privilegiado com Sancho IV, cujos interesses defendeu junto do Papa.

¹⁵² Oliveira (1994: 318) relaciona o conteúdo da cantiga com a compensação pecuniária recebida por Airas Nunes de Sancho IV em 1284 (cf. *supra*): “É certamente [o trovador Airas Nunes] o clérigo de D. Sancho IV a quem este rei castelhano mandou entregar, em 1284, duas quantias de dinheiro para a compra de um cavalo e vestuário [...]. Na verdade, numa das suas cantigas de escárnio aparece-nos esbulhado da sua mula e vestes quando acompanhava, na sua fuga, um bispo galego. Se os pagamentos régios se referem à reparação deste agravo, a composição poderá datar do mesmo ano ou do anterior...”. Nada assegura, contudo, que os pagamentos não tenham sido anteriores às ofensas refletidas na cantiga ou, obviamente, que tal relacionamento não exista.

¹⁵³ Se aproximarmos a elaboração da cantiga do período em que Airas Nunes servia o bispo Fernando Peres (ca. 1289), a idade do poeta poderia ser de ca. 56 anos (cf. *supra*), o que condiz com aquela cor capilar.

¹⁵⁴ Álvaro Soares de Deça Churruchão, mordomo do infante Filipe Sanches e meirinho da Galiza, foi outro importante membro desta linhagem vinculado à corte castelhana nesse período (Hernández 2021: 368). Sobre essa parentela, leia-se Ron Fernández 2021.

¹⁵⁵ AHN, Cat. de Lugo, 1331E, n° 15 (1288.01.16). Gaibrois de Ballesteros (1922-1928: III, n° 178) reproduz o documento com várias lições incorretas que não afetam, porém, o conteúdo do escrito.

Gonçalves foi resultado do (terceiro) casamento de seu pai, Gonçalo Fernandes Churruchão, com Sancha Fernandes de Orzelhão. Ele ficou conhecido pelo episódio –fictício ou real– que protagoniza, em abril de 1290, na *Crónica de Sancho IV* quando tencionou indispor o monarca com o seu favorito Juan Nuñez de Lara (Gaibrois de Ballesteros 1922-1928: II, 81-83).

Como no caso do primo, a documentação evidencia a existência de relações –embora de outra natureza– com a Sé de Lugo e, ao mesmo tempo, de interesses económicos dentro da diocese por parte de Nuno Gonçalves. Com efeito, conservamos três atos documentais consecutivos lavrados no dia 13 de junho de 1295 pelos quais o mordomo de “dona Mayor Moniz, filla de don Monin Fernandet de Rodeyro que foe, e de Nuno Goncalvet Churrichão” entregava a D. Airas, bispo de Lugo, as posses e os direitos que os citados tinham no couto de S. Martinho dos Condes (conc. Friol), S. Julião de Friol, S. Salvador de Martim (Francos, conc. Guntim) e S. Salvador de Castelo (conc. Guntim)¹⁵⁶. Por sua vez, o prelado cedia aos anteriores o usufruto de alguns desses bens e daquilo que correspondia ao prelado em Santa Maria de Cas-d’Anaia e do seu couto (Casa de Naia, conc. Antas de Ulha)¹⁵⁷.

Entre os diversos topónimos que inclui a cantiga (*Escovar*¹⁵⁸, *Melide*¹⁵⁹, *Valedolide*¹⁶⁰), encontramos o de *Redondela* como espaço em que se produziu a agressão¹⁶¹. Na província de Lugo essa forma toponímica está presente no concelho de Ribas de Sil, dando nome a uma área por onde passava o antigo caminho real de Caldelas a Quiroga antes de confluir com o Sil, curso fluvial que se atravessava em barca (Ferreira Priegue 1988: 221)¹⁶². Não esqueçamos, contudo, que Lugo era diocese sufragânea de Braga, pelo qual poderíamos estar perante um deslocamento do prelado luguês à capital eclesiástica ou a Tui, sede que detinha algumas atribuições em representação do arcebispo bracarense. De facto, sabemos, por exemplo, que os clérigos Rui Vasques (cf. *supra*) e Fernando Martins, procuradores, respetivamente, da Igreja de Lugo e do bispo eleito Fernando Airas, estavam em Braga em 1271, depois de passarem, por Tui, para solicitar a confirmação do novo prelado¹⁶³. Redondela encontra-se no trajeto da antiga via romana (XIX do *Itinerário de Antonino*) que unia Braga a Lugo.

De acordo com os dados até aqui analisados, julgamos muito plausível o reconhecimento do “Arias Nuñez, trobador”, registado na Chancelaria de Sancho IV, na personalidade histórica do clérigo lucense. Para além da adequação

¹⁵⁶ Maior Moniz e Nuno Gonçalves também contavam com um importante património fundiário nas antigas terras de Camba, Asma, Orzelhão e Castela. Uma parte do mesmo foi a eles cedida, sob diversas condições, por Maior Afonso, mãe de Maior Moniz, e por Fernando Afonso, irmão desta última, por ocasião do casamento entre Maior Moniz e Nuno Gonçalves (AHN, Most. de Samos, 1245, n.º 15 [1276.06.15]).

¹⁵⁷ AHN, Cat. de Lugo, 1331G, n.º 19, 20, 21. Gaibrois de Ballesteros (1922-1928: II, 82, n. 1) já identificava corretamente a identidade familiar do casal, mas alguns estudiosos acabaram por confundir Nuno Gonçalves Churruchão com Nuno Gonçalves da Nóvoa (Ferreira 2019: 592-593; Ron Fernández 2021: 226-227). O engano parece resultar dos problemas para localizar a fonte documental a partir da referência, hoje obsoleta, utilizada por Gaibrois de Ballesteros (“Legajo 732 A.H.N.”) e da variação no patronímico –“Nunes” (*Livro de Linhagens do Deão*) / “Moniz” (*Livro de Linhagens do conde D. Pedro*)– na denominação da esposa do da Nóvoa.

¹⁵⁸ É muito problemática a existência deste topónimo, presente, com dúvidas, na edição de Ferreira (2018). Tratar-se-ia do município de Escobar de Campos na província de Leão.

¹⁵⁹ Lembremos que a vila de Melide se encontra no arcebisado lucense de Aveancos. Na tradição manuscrita encontramos “Molide”, mas pensamos que se pode tratar de uma lição errada por “Melide”, forma que não admite exceção na documentação medieval até agora conhecida.

¹⁶⁰ O topónimo é identificado habitualmente com a cidade castelhana de Valladolid, mas na freguesia de S. Fiz de Quiom (conc. Touro), a 20 km de Melide, encontramos o lugar de Valdolide.

¹⁶¹ A presença desse topónimo levou Michaëlis (2004: 324, n. 35) a pensar que Airas Nunes “estava ao serviço do bispo de Tui”. No entanto, do conteúdo da cantiga parece depreender-se que o prelado se encontrava longe da sua sede, em território alheio, o que não seria aplicável a um bispo tudense, uma vez que Tui dista apenas 25 km de Redondela. Note-se que o sujeito denuncia o furto da “cama” que com ele transportava (v. 12), levando-nos a pensar num deslocamento temporalmente prolongado.

¹⁶² Encontramo-nos num espaço que, na altura, pertencia à diocese de Astorga, mas imediato à lucense. Também se regista em Aviom (Ourense), Cotobade (Pontevedra) ou Manhom (Corunha). La Redondilla –cujo cognado galego-português seria “Redondela”– é uma localidade, hoje abandonada, do concelho de La Garganta (Cáceres), no antigo caminho a Bejar (Salamanca), portanto, muito próxima da Via da Prata que unia Mérida a Astorga.

¹⁶³ A informação procede de García Conde e López Valcárcel (1991: 236) que a tiram, por sua vez, de Pallares Gaioso (1700: 385).

deste último ao presumível perfil histórico do poeta galego-português, com destaque para os vínculos do seu círculo social com a corte de Castela, acresce que existem ecos biográficos significativos na obra literária de quem se esperava ser um clérigo “que estuvo al servicio de un obispo de Galicia”, em palavras de Anna Maria Mussons acima citadas.

6.3. *Aras Nunez*

Como se sabe, o nome “Arias / Aras Nunez” –portanto, em versão galego-portuguesa¹⁶⁴– ocorre duas vezes no conhecido como *Códice dos Músicos (E)* das CSM apenso às composições 223 e 298¹⁶⁵. Afonso X não pode ser considerado criador, sem mais, de todos os cantares, tal como durante algum tempo foi, por inércia e/ou por reverência à figura do *Sábio* monarca, assumido, mas existem notáveis discrepâncias sobre o papel concreto dele como compositor e, por outro lado, acerca da participação de Airas Nunes no cancionero mariano, sugerida por essas duas anotações, porventura autógrafas¹⁶⁶. Walter Mettmann (1987: 365) é o estudioso que atribui um maior protagonismo a Airas Nunes: “Un poeta, probablemente Airas Nunes, compuso la mayoría de las *cantigas* y actuó tal vez en el escritorio real al mismo tiempo de coordinador de la vasta empresa”

(cf. *infra*)¹⁶⁷; pelo contrário, considera muito limitado o contributo direto do Rei Sábio:

La aportación efectiva de Alfonso se reduciría a unos diez poemas que se destacan netamente de los demás por los temas y el estilo, no siendo de excluir que aun en algunos de estos casos haya sido asistido por un poeta ‘profesional’, tal vez por el mismo Airas Nunez. Evidentemente no puede excluirse por completo la posibilidad de que el rey haya compuesto más poemas que los ya mencionados, aunque esto parece poco probable¹⁶⁸.

Outros autores, como Martha Schaffer (1997) ou Joseph T. Snow (2009, 2012, 2019, 2022), questionaram a relevância que, em detrimento de Afonso X, se atribui a Airas Nunes¹⁶⁹. Nesse sentido, Snow (2012: 149), partindo de uma perspetiva abrangente sobre a noção de autoria, sublinha a pegada do rei nas *Cantigas*: “Las CSM siempre, pero aún más hoy, rezuman las huellas inconfundibles de Alfonso X, por su plan arquitectural, por su pluma y protagonismo al lado de la Virgen, y por su poderosa influencia sobre los poetas que escribieron para Alfonso sus anónimas cantigas”.

Não é pretensão deste trabalho dar resposta a esse complexo assunto¹⁷⁰, a que agora nos aproximamos por aquilo que toca marginalmente à personalidade poética em foco.

¹⁶⁴ A denominação propriamente castelhana seria “Arias Nuñez”. “Aras” é uma variante própria da Galiza para o habitual “Arias”, mais tarde transformada em “Ares”.

¹⁶⁵ Schaffer (1997: 22-23) observava, já em finais do séc. XX, esta dupla presença da denominação do autor e criticava o desconhecimento da segunda ocorrência por parte dos estudiosos: “... it lamentable that scholars interested in the question have failed to see and comment on the second appearance of Nunes’s name in MS E, on fol. 267r, tucked into the left margin, alongside of E 298”. Essa mesma autora analisou os comentários marginais em galego-português (e castelhano) inseridos no *Códice de Toledo (To)*, o primeiro dos quais “predict or relate the presence of certain To compositions in manuscript E” (Schaffer 1995: 67). Desconhecemos, contudo, se esse vínculo entre *To* e *E*, através das notas marginais, pode ter alguma significação para os objetivos deste trabalho. A suposição de que o nome de Airas Nunes ocorria numa única ocasião em *E* tem-se mantido até à atualidade.

¹⁶⁶ Cumpre discriminar entre a motivação da introdução nesses pontos concretos do código e o seu testemunho, como indicio, a somar a outros, do envolvimento de Airas Nunes na génese, em sentido amplo, das CSM (cf. *infra*).

¹⁶⁷ Ele também considera que o “número de colaboradores no debe haber sido muy grande. Quizás fueron sólo tres o cuatro, difícilmente más de media docena”.

¹⁶⁸ Entre outros estudiosos atuais, Paredes (2020: 164) aceita a tese de Mettmann: “La participación del trovador Airas Nunes, ya ha quedado suficientemente demostrada, aunque no se pueda determinar con exactitud su labor. Podría haber intervenido en la composición de la obra, ayudado por algunos de los poetas que frecuentaban la corte castellana. Por lo que se refiere a la autoría directa del Rey, todo parece reducirse a la composición de ocho o diez cantigas, claramente definidas por su tema y estilo”.

¹⁶⁹ Vejam-se também as opiniões de Fidalgo Francisco 2002: 59-61, Bertolucci Pizzorusso 2001 ou Fernández Fernández 2011: 53-55. Tavani (1964: 40-41) mostrava-se cético em relação à possibilidade de Airas Nunes ter colaborado “alla stesura delle canzoni mariane”, mas desconhecia o trabalho de Mettmann, ainda inédito quando o professor italiano publicou a primeira edição do seu estudo (cf. *infra*).

¹⁷⁰ Fidalgo Francisco (2020: 197) alude às dificuldades que temos para definir uma eventual intervenção direta do rei na composição de cantigas: “[...] tampoco estamos en condiciones de saber si escribió personalmente alguna de ellas y, si este fuese el caso, cuáles y cuántas”.

Contudo, não queremos deixar de lembrar que, entre os aspetos relacionados com a questão da autoria, um dos que devem ser equacionados é o domínio do galego-português por parte do monarca¹⁷¹. Lembremos que não há nenhuma prova real sobre a sua alegada educação na Galiza; antes pelo contrário, tal como manifestava o próprio soberano em 1255, o seu aio García Fernández de Villamayor e a mulher, Maior Arias¹⁷², exerceram tutela sobre ele nas povoações (hoje burgalesas) de Villaldemiro e Celada del Camino: “[...] porque don García Ferrández e su muger donna Mayor Arias me criaron e me fizieron muchos seruicios e senaladamente porque me criaron [en] Villaldemiro e en Celada” (Martínez Díez e González Sánchez 2000: n.º 65)¹⁷³. Os restantes contactos com “meios galegos” (em sentido lato), a que por vezes se recorre, dificilmente lhe terão outorgado a proficiência linguística que requer uma empresa poética com a magnitude das *CSM*. Contudo, cabe supor no rei

um conhecimento do idioma que, apesar de talvez muito rudimentar, terá sido suficiente para dar origem ao embrião das diversas composições poéticas a ele pessoalmente devidas, quer no caso da lírica profana quer no da religiosa. Seja como for, esta constatação não é incompatível com a consideração do rei como “arquiteto” das *CSM*, o que nos parece ser indiscutível, mas implica atribuir a uma equipa de colaboradores a implementação e desenvolvimento concretos do plano poético desenhado pelo monarca e pelos seus assessores¹⁷⁴.

Esses colaboradores foram poetas galego-portugueses, encontrando-se entre eles, sem dúvida, alguns dos religiosos aqui contemplados (cf. *supra*)¹⁷⁵. De resto, a intervenção de clérigos na elaboração das *CSM*, implícita ao próprio conteúdo da obra¹⁷⁶, tem um claro reflexo visual nas imagens de abertura dos manuscritos *T* (fs. 4v, 5r) e *E* (f. 29r)¹⁷⁷. Em todas elas encontramos homens tonsurados associados ao processo de criação e interpretação das cantigas,

¹⁷¹ A língua das *CSM*, como em geral a da documentação instrumental ou literária produzida na Galiza (ou em Portugal) na Idade Média, só pode receber a denominação de “galego-português”, no sentido de língua falada na Galiza e em Portugal naquele período histórico. A atribuição do confuso rótulo de “galego” é insustentável cientificamente, uma vez que a modalidade linguística que, na atualidade, se conhece com esse nome sob a perspetiva da norma “oficializada” não representa a continuidade da língua medieval, o que, pelo contrário, sim pode ser afirmado a respeito do “português” e das suas variedades. Sobre o assunto, preparamos o trabalho intitulado “A propósito da língua das *Cantigas de Santa Maria*: galego-português, português e galego”.

¹⁷² Como se sabe, Pellicer (1663: 25v), sobre D. Maior Arias, manifestou: “auer sido hija del señor rey don Alonso el nono de Leon, i de Doña Teresa Gil de Soberosas, hija de don Gil Vazquez de Soberosas [...] i doña Maria Arias de Fornelos su muger”. A fonte seria o próprio testamento (não conservado) dessa senhora: “lo afirma doña Mayor en su testamento, otorgado jueves a primero de setiembre del año 1261, en la era de 1299, que se guarda original en el Archivo de su monasterio de Villamayor”. Outras hipóteses fazem dela um membro da linhagem dos Lima ou, familiarmente, próxima de Rodrigo Gomes de Trava, mas não contamos com fundamentos documentais (González Jiménez 2004: 17-18; Álvarez Borge 2008: 262; Oliveira 2010: 263-264). Oliveira (2021) analisa, em pormenor, o relacionamento de Afonso X com a Galiza e com os galegos, quer no plano poético quer no político.

¹⁷³ Sobre os motivos que levaram Afonso X a dar continuidade ao lirismo em galego-português, retemos, por um lado, a existência de uma moda poética prévia, portanto, de pessoal habilitado para trovar nesse idioma e, por outro, questões atinentes a influxos que se transmitem por redes sociofamiliares sobre a corte castelhana (Souto Cabo 2018: 24-28). Veja-se também Monteagudo 2021c: 400-403.

¹⁷⁴ Portanto, salvo no caso dessa autoria ativa e pessoal do rei, para o conjunto das *CSM* devemos considerar que nos encontramos perante uma autoria genérica tal como se define na, tantas vezes repetida, passagem da *General Estoria*: “... assi como dixiemos nós muchas vezes el rey faze un libro non por quel él escriba con sus manos, mas porque compone las razones d’él e las emienda e yegua e endereça e muestra la manera de cómo se deven fazer, e desí escrivelas qui él manda, però dezimos por esta razón que el rey faze el libro” (Sánchez Prieto-Borja 2009: II, 393).

¹⁷⁵ A presumível participação dos clérigos na elaboração das *CSM* foi sugerida, entre outros, por Fidalgo Francisco (2015: 278) ou, mais recentemente, por Monteagudo (2021c). Também se tem considerado, em concreto, a intervenção do franciscano Juan Gil de Zamora, como lembra Fernández Fernández (2011: 54). Por outro lado, de acordo com Ferreira (2009: 266-267), a eventual influência da música litúrgica é um assunto, por enquanto, difícil de definir, dado que requereria “um longo e diversificado trabalho de investigação prévio”; mesmo assim não deixa de reconhecer “a possível fertilidade deste terreno de pesquisa”, notando, contudo, que esse influxo “não se afigura maior do que a influência de outras tradições musicais, menos bem documentadas, que partilhavam com a monodia litúrgica grande parte das suas características modais e intervalares”.

¹⁷⁶ Sobre a fundamentação teológica de algumas cantigas de *loor*, vejam-se os comentários de Fidalgo Francisco 2003. O trabalho chega a incluir, de facto, uma “Bibliografia de carácter teológico” (2003: 410-412).

¹⁷⁷ Lembremos que, desde antes do séc. XIII, as coleções de milagres da Virgem foram elaboradas, como nota Bétérus (1983: 42), “à l’usage des clercs et des prédicateurs pour illustrer et agrémenter leur enseignement”. Sobre a



Fig. 12. *Códice Rico* (T), Ms. T.I.1., RBME, f. 5r.

sendo especialmente significativa a iluminura que ocupa o fólio 5r do *Códice Rico*. Nela, salvo três músicos que ensaiam no extremo esquerdo, todos os restantes personagens que acompanham o monarca são clérigos, com destaque para aqueles dois que, virados para o Sábio, parecem seguir instruções compositivas dele¹⁷⁸.

Como dissemos, o nome de Airas Nunes aparece ligado a duas cantigas do *Códice dos Músicos*¹⁷⁹, o que logo sugere uma vinculação deste poeta ao processo de confecção (material e mesmo intelectual) das *CSM*. Esta “feliz” circunstância salvou excecionalmente do anonimato a identidade do nosso poeta no seu relacionamento com as *CSM*, mas tentar definir com

precisão o seu contributo nessa obra enfrenta dificuldades, por enquanto, incontornáveis¹⁸⁰.

Mettmann mostrava-se, como foi notado, partidário de lhe outorgar um notável protagonismo criativo e fê-lo com base numa série de correspondências entre a obra do clérigo e as *CSM*¹⁸¹. Em concreto, o investigador alemão tomou em consideração a coincidência no uso de vários termos que encontramos em Airas Nunes: *adianos* (‘presentes devidos’?, ‘peças ricas de vestuário’?) –aliás como OD do verbo “dar”–, *antolhança* (‘antolho, desejo’), *desbulharon* (‘despojaram, desnudaram’), *estar* (‘pousada, dependência de um edifício’), *grãas* (‘panos de cor escarlate’), *malandança*

interpretação das imagens, veja-se Fernández Fernández 2011. Esta autora sublinha a importante presença das personagens religiosas nas *CSM*, de facto “Noventa y cinco de las trescientas cincuenta y nueve cantigas narrativas del cancionero alfonsí están fundamentadas en milagros en los que personajes religiosos, masculinos o femeninos, o escenarios monásticos, adquieren un rol protagonista en la historia” (Fernández Fernández 2018: 253). Noutro plano de análise, leiam-se, entre outras, as referências a essas miniaturas nos trabalhos de Ruiz García 2012-2013 ou Haro Cortés 2016.

¹⁷⁸ Sobre os rótulos respetivos, reproduzem, entre ambos, a frase com que se abre a primeira cantiga: “Des oge mais quer’eu trobar / pola Sennor onrrada”. Como tem sido notado, o rótulo que segura o situado à esquerda inclui também um pentagrama em cor vermelha, o que parece remeter para duas fases: escrita do texto e acréscimo da notação musical.

¹⁷⁹ Este manuscrito, começado ca. 1282, terá sido concebido para ser vinculado “al proyecto de la Capilla Real hispalense” (Fernández Fernández 2011: 51). De facto, ele permaneceu na Sé de Sevilha até ao séc. XVI, altura em que foi transferido para a biblioteca do mosteiro de El Escorial. Nela ficará depositado após ter passado, temporariamente, pela biblioteca pessoal de Filipe II (Fernández Fernández 2008-2009: 340).

¹⁸⁰ Ferreira (1997: 236, n. 2) sugeriu relacionar esse facto, numa perspetiva mais concreta, com a música dessas composições, dado que a indicação onomástica surge imediata à pauta, não completada com a notação musical, no caso da cantiga nº 298: “Duas notas marginais “airas nunez” nos fols. 203 e 267 [...] poderão referir-se a Airas Nunez, clérigo e trovador do círculo alfonsino, para as quais o copista principal da música não encontrou um modelo, tarefa para a qual “aras nunez” deveria ter especial qualificação. Este terá pois possivelmente escrito a música nos fols. 203-204, mas terá deixado as pautas do fól. 267 por preencher”.

¹⁸¹ Na reprodução de fragmentos das *CSM* seguimos a edição de Mettmann 1981.

(‘infortúnio, desgraça’), *tristura* (‘tristeza’) (Mettmann 1971: 8-10)¹⁸². Trata-se de vocábulos que, no âmbito da lírica profana, são exclusivos de Airas Nunes, mas que estão presentes com o mesmo sentido nas *CSM* (cf. *infra*)¹⁸³. A proximidade vai além da simples copresença naqueles casos em que é “visualizada” pela rima, como acontece no caso de *adianos* a rimar invariavelmente com *panos* em ambos os *corpora*¹⁸⁴:

Airas Nunes

O meu senhor, o bispo, na Redondela ñu dia: “Ali me desbulharon do tabardo e dos **panos**” = “nen me **deron** por ende grã[a]s nen **adianos**” (vv. 13, 15).

CSM

Porque é Santa Maria leal e mui verdadeira (nº 43): “Des que lle naceu o fillo, en logar que **adianos** / **déss**’ ende [...]” = “que lle non vëo emente nen da cera nen dos **panos**” (vv. 30-31, 32).

Quen muit’ onrrar o nome da Sennhor comprida (nº 141): “E el enton de grado foi beija-las **panos**” = “e por est’ aa Virgen grande **adianos** / **deu** [...]” (vv. 41, 43-44).

A madre de Deus que éste do mundo lum’ e espello (nº 273) = “E levantaron-se logo, **dando** grandes **adianos**, / todos a Santa Maria; e el co-seu os **panos**” (vv. 50-51).

Observamos uma situação similar para *antolhança* e *malandança*, com o concurso ainda de outros dois termos findos em -ança (cf. *infra*):

Airas Nunes

Pois min amor non quer leixar: “e dá-me esforço e **asperança**” = “e quen tristur’ou **mal-andança**” = “trobo’eu, e non per **antolhança**” = “e de todo ben, sen **dultança**” (vv. 2, 9, 19, 29).

CSM

Por que nos ajamos (nº 9): “guardar, sen **dultança**” = “e de **mal-andança**” = “con **desasperança**” = “fez per **antolhança**” (vv. 85, 104, 126, 148).

Como vemos, na composição mariana, com a variante de *desasperança* para o *esperança* de Airas Nunes, encontramos em rima os mesmos termos que aparecem na cantiga de amor e ainda outros 28 (cf. *infra*). Aliás, cumpre ainda referir que, na lírica profana, *dultança* só foi usado pelo nosso clérigo e por Afonso X em *Don Rodrigo, moordomo, que ben pôs el-rei à mesa* (“e quen estes mata, a ren creede ben sen **dultança**”, v. 11).

O verbo “de(s)bulhar” surge em ambas as fontes com o significado original de ‘despojar’ (<lat. *DEPOLIARE/DESPOLIARE): “Ali me **desbulharon** do tabardo e dos panos” (Airas Nunes, *O meu senhor, o bispo, na Redondela ñu dia*, v. 13); “Que logo mal chagaron / e todo o **debullaron**” (*CSM* 102:37-38), “E maa ventura venna quen altar assi **desbulla**” (*CSM* 273:30). O termo aparece na cantiga de Airas Nunes em que registávamos a rima *panos* = *adianos*, situação que se repete precisamente numa das três composições marianas caracterizadas pela presença em rima destes dois últimos termos.

No caso de *estar*, interessa lembrar que este provençalismo designa, quer na produção de Airas Nunes quer nas *CSM*, uma estalagem num mosteiro (Lapa 1973: 180): “nen o abade [o] jutro[s] si no **estar** / sol non queria que foss’ i pousar / e anda ja fora d[a] abadia” (Airas Nunes, *Porque no mundo mengou a verdade*, vv. 19-21); “[...] pensou que un mõeiteiro / faria con boa claustra, igreja e cimiterio, / **estar** e enfermaria [...]” (*CSM* 45:27-29)¹⁸⁵.

¹⁸² Uma versão galega desse artigo foi incluída em Monteagudo 2021c: 132-134.

¹⁸³ Também se refere, mas apenas na nota de rodapé nº 7, às expressões “chorar de coração” e “valer uma palha” / “valor de uma palha”, registadas, respetivamente, nas composições *Oi oj’eu ña pastor cantar* (v. 20) e *Achou-s’ ñu bispo que eu sei un dia* (v. 21) de Airas Nunes e, por outro lado, em *CSM* 21.15 e 95.46, 117.26-27.

¹⁸⁴ Na cantiga de Airas Nunes rima também com *canos* (‘canos, encanecidos’) termo que, na altura, constitui um claro castelhanismo. Lembremos que na produção profana de Afonso X e no conjunto das *CSM* foram observados diversos elementos linguísticos provenientes do romance central, muitos dos quais usados para “satisfazer necessidades de rima ou de medida” (Rodríguez 1983: 19). Leia-se também Mariño Paz 2018: 40-47.

¹⁸⁵ Como dissemos, Mettmann também se serve do termo *tristura* registado em *Pois min Amor non quer leixar* de Airas Nunes e em *CSM* 40:35, 201:22, 224:23, 312:78, 352:28, 403:60. No entanto, apesar da afirmação de Tavano (1964: 168) sobre a exclusividade dessa forma em Airas Nunes, de que parte o estudioso alemão, ela também surge numa cantiga de Estêvão da Guarda. Apesar de que a cronologia tardia deste último poeta poderá não restar valor probatório a este testemunho lexical, para mantermos a coerência, não o situamos no mesmo nível dos casos restantes.

A partir destas muito expressivas convergências lexicais, e levando em linha de conta a uniformidade estilística predominante nas CSM, Mettmann (1971: 9) deduzia –em conclusão, em boa medida, por nós partilhada– que Airas Nunes terá sido autor da imensa maioria das composições:

Diese auffälligen Übereinstimmungen, die nicht Zufall sein können, lassen die durch den Namensvermerk bei Cantiga 223 ausgelöste Vermutung zur Gewissheit werden. Wahrscheinlich hat Airas Nunes nicht nur einige wenige, sondern die Mehrzahl der *Cantigas de Santa Maria* verfasst. Dafür spricht die relative stilistische Einförmigkeit der meisten Gedichte¹⁸⁶.

Podemos somar outras correspondências lexicais entre Airas Nunes e as CSM não notadas por Mettmann. Entre elas, encontramos os substantivos *grilanda/guerlanda* ou o advérbio *passo* ('devagar') em frases com o verbo "(a)chegar" ('aproximar-se'). Como nos casos anteriores, estamos perante vocábulos que não se registam na restante produção lírica trovadoresca¹⁸⁷.

Airas Nunes

Oi oj'eu ãa pastor cantar: "e fazia **grilanda** de flores" (v. 19), "e eu mui **passo** fui-mi **ache-ga[n]do**" (v. 11).

CSM

De muitas maneiras busca a Virgen esperital (nº 121): "que lle **guerlanda** faria de rosas toda" (v. 8, etc.).

A que por mui gran fremosura é chamada fror das flores (nº 384): "e viu que ao leito se **chega-va passo** indo" (v. 41)¹⁸⁸.

A interpretação das analogias antes notadas é ambígua, pois em princípio não se afigura fácil decidir qual foi a direção do influxo –se é isso que está em questão–, mas elas confirmam, sem margem para dúvidas, o relacionamento de Airas Nunes com as CSM. Como vimos, uma das coincidências lexicais identificadas prende-se ao uso do provençalismo *estar*. Ora bem, o gosto provençalizante parece ser uma característica comum de ambos os *corpora*, não obstante a especificidade de manifestações em cada um dos casos. Este aspeto, como marca distintiva do cancionero mariano (em contraste com a produção profana), foi sublinhado por Mettmann (1971: 9), "Bemerkenswert sind u. a. die zahlreichen Provenzialismen", ou por García-Sabell (1991: 37), "a densidade de provençalismos é maior que no resto dos Cancioneiros"¹⁸⁹.

Por sua vez, Tavani (1964: 28)¹⁹⁰ considerava Airas Nunes como o poeta galego português que mais se aproximou da lírica provençal: "la sua conoscenza della lirica provenzale è più vasta e profonda, come se egli avesse assimilato gli insegnamenti morali ed estetici di quella cultura piuttosto che averne immagazzinato i moduli poetici". A prova mais evidente da proximidade do nosso autor com a lírica occitana encontra-se nos refrões em provençal que intercala na cantiga *Vi eu, senhor, vosso bon*

¹⁸⁶ Schaffer (1997: 23) propõe outras explicações, desvalorizando, em julgamento que cremos um tanto ou quanto caprichoso, as conclusões do investigador alemão: "We may hazard other explanations for the presence of this name in MS E: for example, that Airas Nunes was a proof-reader or corrector or that a project worker tagged these songs with Nunes's name so that the latter might perform or study them. The musicologist Manuel Pedro Ferreira suggested to me, in conversation at the Escorial in January 1995, that the name on fol. 204^r indicated that Airas Nunes was to copy the music for that song. In this context, it is worth noting that the second occurrence on fol. 267^r corresponds to one of just a few songs (E 298) whose music was never copied out in E. Clearly, further conjecture about the reason for the occurrences of this name in MS E is in vain, in the absence of additional information". No entanto, as coincidências linguísticas notadas postulam a intervenção concreta de Airas Nunes na elaboração da obra.

¹⁸⁷ Também podemos incluir as vozes *gage* (substantivo ou forma verbal) e *sergentos* (ou *sergentes*) registadas em *O meu senhor, o bispo, na Redondela ãu dia* com correspondência em *gage* ('garantia, penhor') de CSM 62:18 e *sergente* ('servente') de CSM 54:12, 61:43, 67:27, 67:72, 116:42, 174:25, 255:83, 294:5, 335:51, 349:28. Os problemas que põe a leitura correta desses termos na cantiga satírica de Airas Nunes obrigam-nos a tomar com alguma cautela esses resultados. Monteagudo (2021c: 123), além de considerar as aqui referidas, nota que a "locución adverbial *en mil maneiras* (B872) ten un eco en *mais de cen mil maneiras* (CSM 85)". Também faz alusão a outras concomitâncias não exclusivas de Airas Nunes e das CSM, mas com presença num reduzido número de autores.

¹⁸⁸ Registamos ainda outras oito ocorrências desta forma adverbial (CSM 71:56, 71:65, 83:61, 113:19, 20:40, 205:62, 228:22, 384:41).

¹⁸⁹ De acordo com os dados de García-Sabell (1991), nas CSM encontramos um importante número de termos de origem francesa ou provençal inéditos na lírica profana ou, noutros casos, com maior frequência de uso. Rodríguez (1983: 11) também fala "dos galicismos e provençalismos, em número consideravelmente maior, cremos, que o oferecido pelas composições de tipo profano".

¹⁹⁰ O estudo introdutório da obra do professor italiano conheceu uma versão portuguesa em 1988. Preferimos, contudo, utilizar em todos os casos a versão italiana original de 1964.

parecer, situação que não tem paralelo conhecido, sobretudo no contexto em que se situa a obra de Airas Nunes¹⁹¹.

Nessa conformidade, lembremos ainda que duas das cantigas de amor de Airas Nunes entram no diminuto grupo de cinco composições desse género em que, de modo estrito, podemos detetar a expressão do *joi d'amor*¹⁹², motivo não raro na lírica provençal, mas excepcional na produção trovadoresca galego-portuguesa. Assim, Airas Nunes em *Amor faz a min amar tal senhor*¹⁹³ e, sobretudo, com *Que muito m'eu pago deste verão* torna-se o “cantor por excelência do amor como fuente de contento y felicidad” (Fidalgo Francisco 2016: 116).

Amor faz a min amar tal senhor
que é mais fremosa de quantas sei,
e faz-m'alegr'e faz-me trobador,
cuidand'en ben sempr'; e mais vos direi:
[---]
faz-me viver en alegrança,
e faz-me toda via en ben cuidar.
*Pois min Amor non quer leixar
e dá-me esforç'e asperança
mal venh'a quen se del desasperar.*
(vv. 1-10)¹⁹⁴

Que muito m'eu pago deste verão,
por estes ramos e por estas flores
e polas aves que cantan d'amores,
por que ando i led'e sen cuidado;
e assi faz tod'omẽ namorado:
sempr'i anda led'e mui loução.
(vv. 1-6)

O seu nome é acompanhado, nesse grupo, pelos de D. Dinis (*O gran viç'e o gran sabor*), João Airas (*Algun ben mi deve ced'a fazer*) e Martim Moxa (*Ben poss'Amor e seu mal endurar*)¹⁹⁵. Embora num patamar inferior de aproximação ao tópico em questão, podemos ainda considerar a cantiga de Rui Fernandes de Santiago *De gran coita faz gran lezer*¹⁹⁶. Notemos que quatro dos cinco autores que, junto com o monarca português¹⁹⁷, o perfilharam, com maior ou menor intensidade, pertencem precisamente ao grupo de “clérigos e burgueses”¹⁹⁸.

A identificação de afinidades noutros planos de análise foi muito menos frutífera. Tavanini registou (aparentes) paralelismos estruturais entre algumas cantigas do clérigo e os cantares marianos, mas sempre com o propósito de lhes tirar qualquer valor probatório sobre a

¹⁹¹ Além da cantiga em questão e da citada tenção bilingue, o uso do provençal surge, mas como veículo linguístico exclusivo, numa composição de Garcia Mendes d'Eixo. Sobre o significado desses refrões, veja-se Tavanini 2004: 451-453 e, de outra perspectiva, Ron Fernández 1996.

¹⁹² Veja-se Fidalgo Francisco 1994, 2015, 2016; Mussons 1996: 233 e Lorenzo Gradín 2018, 2022.

¹⁹³ Tavanini (1964: 83) relaciona o primeiro verso desta cantiga com o exórdio de *Amor fez a min amar* de D. Dinis, o que o leva a pensar em algum tipo de relacionamento entre eles. Uma característica marcante da obra de Airas Nunes é a recuperação de fragmentos poéticos provenientes de outros autores, assunto analisado por Ron Fernández (1996).

¹⁹⁴ Lembremos que existem duas versões desta cantiga com variantes muito significativas: *Amor faz a min amar tal senhor* (B 873 / V 457) e *Pois min amor non quer leixar* (B 885bis / V 469) (Tavanini 1964: 14-15).

¹⁹⁵ A respeito de Martim Moxa, Stegagno Picchio (1968: 60) considerava como elo de união desse poeta com o grupo de clérigos: “la profunda conoscenza della poesia occitanica e delle tecniche poetiche in essa maturate”.

¹⁹⁶ Fidalgo Francisco (1994: 68-69), numa primeira proposta, chegou a considerar a presença desse tópico em quinze cantigas. No entanto, posteriormente, reduziu esse número para sete, das quais aproxima outras seis (ou sete?) (Fidalgo Francisco 2016). Do nosso ponto de vista, deve-se subtrair do primeiro grupo uma das duas cantigas de João Airas (*Pero tal coita ei d'amor*), integrando-a no segundo. Apesar de não aparecer referida, talvez por lapso, a cantiga de Rui Fernandes no elenco do segundo conjunto (p. 110), ela é analisada no interior do artigo (pp. 129-130).

¹⁹⁷ Lembremos que o facto de Airas Nunes ter imitado a cantiga *Bailemos agora, por Deus, ai velidas* de João Zorro em *Bailemos nós ja todas tres, ai amigas* é considerado por Beltrán (2002: 7) como um dos indícios de intercomunicação entre as cortes portuguesa e castelhana. Oliveira (1994: 376) considera também a possibilidade de João Zorro ser um autor galego cuja estadia em Portugal “poderia ter-se verificado no terceiro quartel do séc. XIII ou pouco depois, no inícios do reinado de D. Dinis”.

¹⁹⁸ Entre outros aspetos que relacionam a obra desses autores, cumpre notar que cinco deles (Airas Nunes, D. Dinis, João Airas, Martim Moxa e Rui Fernandes) coincidem na inusual utilização do adjetivo *alegre* e de outros termos com a mesma raiz, o que também se repete nas CSM (Fidalgo Francisco 2015: 265). Monteagudo (2021c: 117-124), além desse campo lexical, contempla outras coincidências vocabulares com as CSM, considerando um grupo maior de autores. Por seu turno, Lorenzo Gradín (2021) identifica um diálogo poético sobre o tópico da “renúncia ao lirismo” em que terão participado Airas Nunes, Martim Moxa, Rui Fernandes, D. Dinis, João Airas e Paio Gomes Charinho. Na sua análise, situa a origem do motivo no contexto sociocultural partilhado pelos três clérigos (2021: 544). Leia-se também Lorenzo Gradín 2018.

alegada intervenção de Airas Nunes nas CSM (cf. *supra*). Com esse intuito, ele notava a semelhança entre a estrutura métrica da cantiga 223 –uma das que leva apenas o nome de “Airas Nunez”– e a de *Desfiar enviaron ora de Tudela*: “l’esame della canzone mariana 223 non rivela in essa motivi di affinità con le poesie di Ayra Nunez, all’infuori dello schema metrico (AA – bbba AAA) che, a parte l’estribillo iniziale, è lo stesso della cantiga nº XI” (Tavani 1964: 27)¹⁹⁹. No caso de *Pois min Amor non quer leixar*, faz menção a “una struttura di tipo zagialesco a schema analogo a quello de alcune canzoni mariane di Alfonso X, ad es. del nº 18 dell’ed. METTMANN (ABAB | cd:cd | abad | ABAB)”, mas conclui que “L’analogia è peraltro solo apparente” (*Ibid.*: 43)²⁰⁰.

Na sequência dos dados analisados por Mettmann, verificamos, portanto, a existência de indícios de natureza poética que nos permitem conectar a produção lírica de Airas Nunes com as CSM, quer a nível da conformação linguística, quer no que se refere ao influxo provençal. Sendo, portanto, lógico reconhecer que o poeta participou na elaboração das CSM, podemos perguntar se essas conexões se refletem noutros níveis de análise, como por exemplo no atinente às entidades referenciadas no cancionero mariano e à sua eventual relação com a figura histórica do clérigo luguês. Apesar de reconhecermos que o valor probatório de tais nexos pode ser equívoco, não queremos deixar de considerar alguns casos que podem encerrar algum interesse.

Como vimos anteriormente, o poema CSM 273 (*A Madre de Deus que éste do mundo lum’ e espello*) é um daqueles que melhor reflete os vínculos citados pela coincidência, com uma cantiga de Airas Nunes (*O meu senhor, o bispo, na Redondela ùu dia*), na rima de *adianos* com *panos*, a que se soma o uso do verbo “desbulhar/desbulla” com significados coincidentes. Ora bem, na sexta estrofe daquela composição, essa forma verbal rima com o hidrónimo *Ulla* (*riba d’ Ulla / Riba d’ Ulla*).

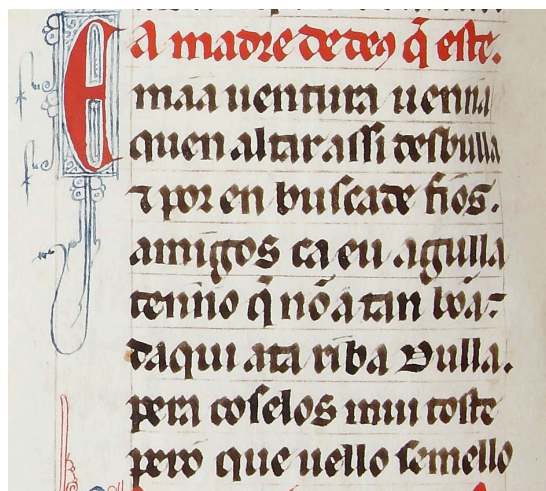


Fig. 13. *Códice dos Músicos* (E), Ms. b-I-2, RBME, f. 246vb

A madre de Deus que éste [...]

E máa ventura venna quen altar assi **desbulla**;
e por én buscade fios, amigos, ca eu agulla
tenno que non á tan bõa d’ aqui até **Riba d’ Ulla**
pera cose-los mui toste, pero que vello semello.

Pode-se tratar de uma indicação espacial genérica (‘até à margem do Ulha’) ou fazer menção a uma antiga terra –hoje arcediagado compostelano–, na área média do rio Ulha, que marca a fronteira entre as dioceses de Lugo, onde nasce esse curso fluvial –em Olveda (Antas de Ulha)–, e de Santiago. Parece lógico atribuir a um compositor galego essa referência, o que depõe, em convergência com os outros traços, a favor da intervenção de Airas Nunes na origem dessa cantiga.

Trata-se de um dado notável, visto o diminuto peso que têm os cenários galaicos nessa obra. De facto, foram tradicionalmente arroladas apenas sete cantigas situadas no território da Galiza, correspondendo àquelas que ocupam os números 22, 77, 104, 184, 304, 317 e 352²⁰¹. Delas, ainda devemos subtrair a última (*Esta é como Santa Maria del Viso guaríu ùu açor dun cavaleiro*), uma vez que o santuário nela mencionado não se encontra no concelho

¹⁹⁹ Notemos que esse esquema métrico, repetido em *O meu senhor, o bispo, na Redondela ùu dia*, foi utilizado por 22 autores num total de 42 composições (Tavani 1967: 61–64).

²⁰⁰ Monteagudo (2021c: 125), que valoriza essas coincidências, sublinha o facto de o esquema métrico da cantiga de Airas Nunes (ababdcddc) ser um caso único na lírica galego-portuguesa (Tavani 1967: 134). Note-se, contudo, que não é idêntico àquele dos cantares marianos citados.

²⁰¹ Este conjunto de cantigas foi considerado num recente trabalho de Negri (2021: 497) com o intuito de apurar “a existência ou non dunhas tradições galegas efectivas precedente a estas CSM”, concluindo que “ainda non é posible extraer conclusións definitivas”.

galego de Redondela, mas (próximo da aldeia de Bamba) no de Madridanos na província (castelhano-)leonesa de Zamora²⁰²; como logo vem sugerido pela referência, na própria cantiga, à também zamorana vila de Toro –situada a 18 km de El Viso de Bamba– e ainda pela presença desse santuário na obra de Juan Gil de Zamora (Lera Maíllo 2012: 57-60, 77-78)²⁰³.

Só em três das seis cantigas restantes a Galiza ultrapassa o estatuto de simples “cenário”; trata-se daquelas em que a intervenção da Virgem é diretamente vinculada a santuários marianos situados no país: Sé de Santa Maria de Lugo (nº 77) e igrejas de Santa Maria do Monte (nº 317) e de Santa Maria de Ribela (nº 304). Se excluirmos esta última, cuja localização coloca numerosas dúvidas²⁰⁴, as duas primeiras poderão apontar, de modo convergente, para a área geográfica cujo epicentro é a cidade de Lugo. Com efeito, além do que respeita à Igreja catedral lucense (cf. *infra*), no atual concelho de Castro Verde (limítrofe com o de Lugo), encontramos uma das duas paróquias galegas denominadas “Santa Maria do Monte”²⁰⁵, identificável com o local em que a Virgem obrou um milagre em favor de uma devota que, fugindo de um agressor, se refugiou no templo. Lembremos que Fernando Pais, tio de Airas Nunes, deteve poses –herdade e casa– na freguesia de S. Pedro de Belvis em Castro Verde (cf. *infra*), portanto apenas a 4 km de Santa Maria do Monte²⁰⁶.

Segundo notou Vázquez Saco (2008: 388), contamos com notícias imprecisas sobre intervenções milagrosas relacionadas com Santa Maria de Lugo desde as primeiras décadas do séc. XII, em concreto em escrituras de que são titulares a rainha Urraca I e o conde Múnió Pais

de Monterroso. Mesmo se essa tradição possibilitava o recurso à “igreja de Santa Maria de Lugo” como local para o milagre, não deixa de ser notável que seja precisamente um dos santuários de maior entidade eclesiástica daqueles que encontramos nas CSM²⁰⁷. Repare-se, por outro lado, que a composição em questão, apesar do seu número de ordem, não aparece no *Códice de Toledo* (To); ela foi incorporada na primeira reorganização das CSM que dará origem ao *Códice Rico* (T)²⁰⁸. Aliás, junto com a que a antecede neste último manuscrito, constitui um acrescento de material poético novo, mas inserido entre as composições preexistentes, o que só se vai repetir com a cantiga nº 85.



Fig. 14. *Códice Rico* (T), Ms. T.I.1., RBME, f. 112va

O protagonismo da Sé galega não basta para presumirmos a existência de vínculos entre as CSM e o clérigo lucense, mas parece ser condição necessária, dado que não se entenderia a omissão da instituição a que ele esteve

²⁰² O erro remonta, naquilo de que temos conhecimento, a um artigo de Fita 1885.

²⁰³ De acordo com Lera Maíllo (2012: 97, nº 8), que descreve a história do santuário e a lenda a ele associada, a primeira referência documental conhecida é de 1230 (“ecclesiam de Sancta Maria del Visu cum omnibus pertinentiis suis”).

²⁰⁴ Filgueira Valverde (1980: 34) –e com ele outros estudiosos– dá por suposto que se trata de Santa Maria de Ribeira (Santa Maria de Mosteiro de Ribeira, conc. Ginzo de Límia), hipótese que logo bate com a forma do topónimo, bem como com o que hoje sabemos sobre esse antigo cenóbio (Pérez Rodríguez 2019: 622-624).

²⁰⁵ No concelho de Triacastela repete-se essa denominação.

²⁰⁶ Filgueira Valverde (1980: 37) ainda considerou a possibilidade de o associar ao monte Meda (conc. Guntim e conc. Lugo), mas nenhuma das freguesias que ocupam essa elevação tem como orago Santa Maria, mas S. Cibrao, S. Martinho e Santa Maria Madalena. Também não parece que possa ser situado no monte Faro (Requeixo, conc. Chantada), como sugeriu esse mesmo estudioso, dado que, como já evidenciam as cantigas de João de Requeixo, o santuário recebia a denominação “de Faro” e não “do Monte”. Seja como for, note-se que, em todos os casos, existiriam nexos “biográficos” com Airas Nunes.

²⁰⁷ Eis o resumo com que se abre: “Esta é como santa Maria guareceu na sa eigreia en Lugo hũa moller que avia encolleitos os pés e as mãos”.

²⁰⁸ Snow (2016-2017: 82, n. 27) faz alusão a essa composição como uma das situadas em território peninsular no “primer centenar de las CSM”, mas toma apenas como referência a posição que ocupam na sequência geral.

vinculado, caso “Aras Nunez” tenha contado com algum poder decisório sobre o conteúdo concreto da obra (cf. *supra*)²⁰⁹.

7. Conclusões

Como indicávamos no início deste trabalho, a junção dos autores em questão parece ter respondido a um critério de natureza sociológica: a pertença à camada clerical. No entanto, esse princípio genérico não é suficiente para individualizar os seis poetas nela inseridos. Antes de mais, cumpre lembrar que todos são galegos ou, considerando o caso de Gomes Garcia, pertencentes a linhagens galegas (cf. *supra*). Por outro lado, estamos perante um grupo de religiosos vinculados, no último terço do séc. XIII, a uma corporação capitular²¹⁰, com claro predomínio daqueles –em número de quatro– ligados à da Sé de Santiago, apenas com as exceções de Airas Nunes e Gomes Garcia, relacionados, respetivamente, com as de Lugo e Toledo²¹¹. Também nos podemos perguntar se, afinal, a junção destes autores não estará, de algum modo, relacionada com a participação de todos eles na elaboração das *Cantigas de Santa Maria*, ainda que não necessariamente com coincidência temporal. Não se afigura fácil achar uma resposta para esta relevante questão.

A própria participação destes (e de outros) clérigos no movimento trovadoresco confirma, mais uma vez, que cultura clerical e cultura laica não podem ser consideradas compartimentos estanques, antes pelo contrário, existe uma continuidade entre elas²¹². Aliás, com

independência dos vínculos com as cortes régias dos poetas em apreço, tal facto sugere que o trovadorismo também foi acolhido no espaço catedralício, nomeadamente no compostelano, como aliás é sugerido pelo pano de fundo histórico de algumas cantigas de João Airas (cf. *supra*).

No que concerne às aptidões literárias, podemos isolar, por um lado, um grupo de três “poetas maiores”, integrado por Airas Nunes, Martim Moxa e Rui Fernandes e, por outro, o trio restante (Gomes Garcia, Pai de Cana e Sancho Sanches), cuja obra conservada, aliás escassa, não revela uma especial originalidade ou mestria poética. No caso dos três primeiros, um dos elos de união entre eles é, como foi antes notado, a inusual manifestação do *joi d’amor* presente em duas cantigas de Airas Nunes e noutras de Martim Moxa e Rui Fernandes (cf. *supra*). Além disso, os dois primeiros compartilham o cultivo do sirventês moral, frequentado sobretudo por Martim Moxa; autor que mostra, assim, o perfil mais clerical de todos os poetas galego-portugueses.

Concluimos, necessariamente, sublinhando o extraordinário interesse que para a história do nosso trovadorismo tem o reconhecimento do excelso *trobador* na figura histórica do clérigo lucense²¹³. O alcance excecional dessa (bem fundamentada) identificação assenta, em boa medida, na sua indubitável intervenção num produto de fasquia cultural tão elevada como são as *Cantigas de Santa Maria*, cuja relação com a lírica profana adquire perspetivas até agora só parcialmente intuídas.

²⁰⁹ Lembremos que S. Domingos de Gusmão (ca. 1170-1221) é o único santo contemporâneo –foi canonizado em 1234– que intervém nas *CSM* como protagonista, em concreto na cantiga *Como Santa Maria guarriu un frade por rogo de San Domingo* (nº 204). Como foi notado, Airas Nunes escolheu, possivelmente, como local para a sua sepultura o convento lucense dos Dominicanos (cf. *supra*). Fernández Fernández (2018: 269-270) fala, contudo, de uma presença muito discreta dessa Ordem nas *CSM*, o que relaciona “con el papel minoritario que tuvieron en la corte alfonsí”. Lembremos que essa congregação acabou por monopolizar o negócio funerário.

²¹⁰ Cabe pensar, portanto, que outros poetas da classe eclesiástica não terão sido integrados nesse grupo. Entre outros, esse será o caso de Bernardo de Bonaval, identificável com quem chegou a ser prior do convento dominicano de Bonaval em Santiago de Compostela (Souto Cabo 2012b: 278-280). Note-se, portanto, o vínculo através dessa Ordem.

²¹¹ A identificação histórica de um determinado ator poético não pode ser alheia, antes pelo contrário, às características do agregado social em que se integra na tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa. Uma anomalia nesse campo poderá ser indicio de que se está a produzir uma identificação inexistente.

²¹² Leia-se Souto Cabo (2012b: 284-285; 2012c: 227-229).

²¹³ Não queremos deixar de notar, contudo, as novidades sobre a biografia de Rui Fernandes de Santiago.

8. Apêndices

8.1. Apêndice 1



Fig. 15. “Arias Nunez” (RBME, *Códice dos Músicos* (E), Ms. b-I-2, f. 204ra)



Fig. 16. “Arias Nunez” (RBME, *Códice dos Músicos* (E), Ms. b-I-2, f. 267ra)

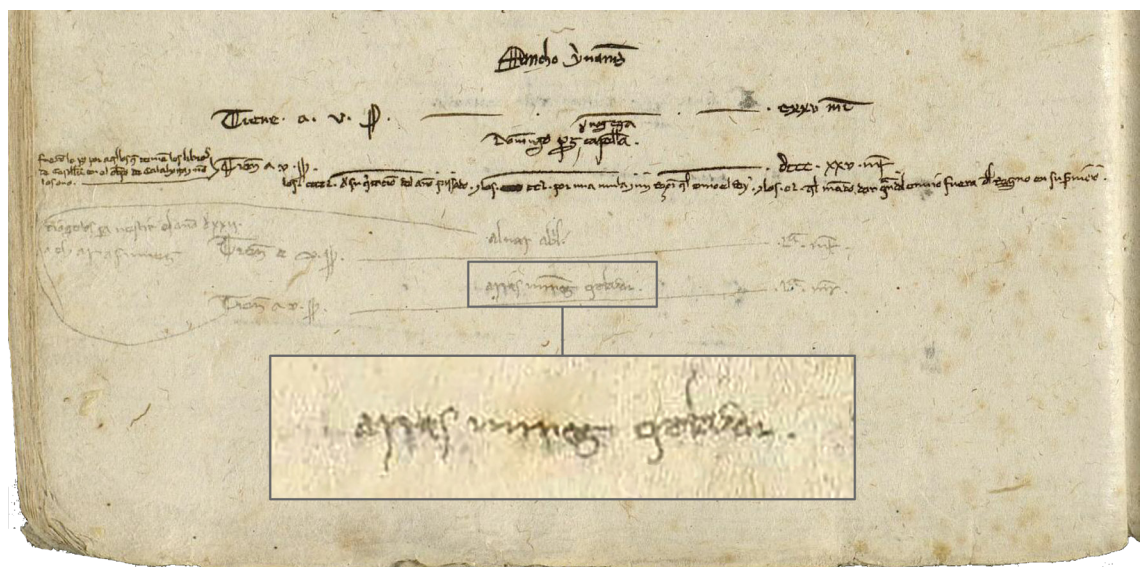


Fig. 17. “Arias Nunez, trobador” (ACT, Supl. 144-1, f. 70v)

8.2. Apêndice 2

Doc. 1

1236.07.25 – Miguel Rodrigues, notário de Santiago de Compostela.

ACS, *Tombo C*, f. 128r.

*Os irmãos Pedro, **Rodrigo** e Sancho Fernandes vendem a Martim Pais de Avanha e à mulher, Elvira Fernandes (irmã dos anteriores), três décimas partes dos moinhos e dos agros do Ribeiro (S. Fins de Briom, conc. Briom).*

In nomine domine, amen. Nos Petrus Fernandi, et **Rodericus Fernandi**, et Sancius Fernandi filii domni Fernandi Sancii et omnis vox nostra vobis Martino Pelaiz filio domni [Pelagii] Pelaiz, dicti de Avania, et sponse vestre, germane nostre, domne Elvire Fernandi, omnique voci vestre, grato animo et spontanea voluntate, vendimus et firmiter concedimus, pro precio nobis et vobis complacabili, videlicet, solidos DC legionensis monete, tres quartas de decima de molendinis et de agris de Ribeyro que habemus ex parte predicti patris nostri, domni Fernandi Sancii, et fuerunt avi nostri, domni Sancii Juliani, et uxoris sue, domne Marie Pelaiz; scilicet in agro de sub carreya et super carreya, in cortinis et exitibus per ubicumque vadit predicta vox in toto ipso Ribeyro, cum montibus, fontibus, pratis, pascuis, rivis, arboribus et cum omnibus directuris et pertinenciis suis per ubicumque ea potueritis invenire. Ab hinc ergo usque in secula seculorum vox et omnis vox vestra habeatis et pacifice possideatis, ita quod omne velle vestrum de eis in perpetuum faciatis, quia tam de precio quam de robore apud vos nichil remansit in debito ad solvendum et nos per nos et per nostra bona semper debemus vobis ea defendere et amparare. Si quis igitur contra hanc vendicionem nostram ad irrumpendum venerit, quisquis fuerit, persolvat vobis solidos mille CC fortis monete, carta et vendicione nichilominus in suo robore permanentibus. Facta kartula VIII^o kalendis augusti, era M^aCC^aLXXIII^a. Nos iam ducti in hac carta manus nostras. Qui presentes fuerunt: domnus Bernaldus Martini, cantor compostellanus; domnus Julianus Johannis, justiciarius; domnus Julianus Martini et domnus Martinus Martini, fratres predicti cantoris; domnus Martinus Pelaiz, “Qui venit”; Laurencius Cansatus de rua de Villari; domnus Julianus Petri, dictus “de Patrono”; Petrus Martini, capellanus Sancti Petri de Acirqua; Michael Ruderici, notarius compostellanus juratus, notuit.

Doc. 2

1272.05.23 – Fernando Pais, cónego de Lugo.

AHN, Mosteiro de Ferreira de Palhares, maço 1091, nº 19.

Testamento de Fernando Pais, cónego e notário da Sé de Lugo.

Sub era M^aCCCX^a et quotum X^o kalendas iunii. Hoc est testamentum quod ego, Fernandus Pelagii, canonicus lucensis, concedo et confirmo de rebus meis, in gravi infirmitate detentus, tamen sensus mei compos. In primis, mando corpus meum sepeliri in c[l]austro lucensi. Et mando, pro anima mea, casa de Feraria in qua modo moratur Petrus Pelagii, nepos meus, uni presbitero qui cantet pro anima mea et animabus illorum quas verbo vel facto offendi in vita, vel de quibus aliqua in debite abui. Et mando quod **Arias Nuniz, presbiter, nepos meus**, teneat in vita sua ipsam casam et cantet pro me et post ipsum ad ordinacionem Pelagii Fernandi detur ipsa casa uni presbitero vel ad ordinacionem episcopi loci, postquam ipse Pelagius decesserit. Mando domno Episcopo D solidos alfonsinos et meum ciphum argenteum meliorem. Mando canonicis CCC solidos alfonsinos per XXX dies, quod vadant super me cum aqua benedicta et oratione dominica. Mando canonicis, in die depositionis mee, X morabitos pro pitancia et lectum meum et pannos meos. Mando ipsis canonicis, pro anniversario meo, meam quartam de illa casa de campo quam comparavi de Tharasia Johannis et de Dominico de Nonio, viro eius. Mando presbiteris XXX solidos. Aliis clericis de choro, XX solidos. Operi Beate Marie, XXX solidos. Albergariis civitatis, ternos solidos. Ponti de Luco, et de Auria et de Umbrario, ternos solidos. Pauperibus <ver...> de civitate, CC solidos pro uno annali. Petro Pelagii de Opere, magistro meo, CC solidos pro uno annali. Johanni Çacot, capellano de Umbrario, LX solidos pro uno annali. Johanni Petri, capellano Sancti Pauli, et Johanni Petri, dicto Mauro, porcionem meam per XXX dies. Marine, soprine et serventi mee, CC solidos et X tercias de pane ad casamentum. Constituo et ordino successores et heredes meos Pelagium Fernandi, notarium lucensem, et fratres et sorores eius per capita, exceptis prius casis meis, quas modo inhabito, et cortinam de Castello cum suo palumbari et hereditate et casam de Belvis, que mando Pelagio Fernandi, notario, et fratribus eius masculis. Ordino et facio executores

testamenti mei domnum Martinum Laurentii, canonicum, cum Pelagio Fernandi, notario, quod ipsa plane et fideliter de consilio domni episcopi exequatur. Mando Alfonso Fernandi, clerico de Cae, D solidos, quos ei debebam de suis ecclesiis. Mando quod idem notarius distribuat inter fratres superlectilia domus mee prout viderit. Mando preconizari in omnibus kalendis pro anima mea Pater Noster, per meam quartam illius case in qua moratur Urraca Martini. Mando quod executores mei faciant elemosinas pro anima mea. Mando Petro Çapata CC solidos; Dominico Ruderici, L solidos; **Arie Nuni, presbitero**, C solidos. Qui presentes fuerunt: Martinus Laurentii, canonicus, testis; Petrus Pelagii de Opere, testis; **Arias Nuni, presbiter**, testis; Johannes Çacot, presbiter; Petrus Johannis, presbiter, testis; Petrus Çapata, testis; Dominicus Ruderici, testis. Ego, Fernandus Pelagii, canonicus lucensis, manu propria scripsi, signavi et meo sigillo sigillavi.

Doc. 3

1289.07.25 – Fernando Rodrigues, notário público de Lugo.

AHN, Catedral de Lugo, maço 1331F, nº 11.

Pedro Rodrigues, filho de Rui Vasques de Santa Ougea, dá a Afonso Eanes, cônego de Lugo, o seu quinhão de uma herdade em Vilalvite (Coeses, conc. Lugo) e em S. João de Pena (conc. Lugo).

Sabam quantos esta carta virem como eu, Pedro Rodriguez, fillo que foy de Ruy Vasquez de Santa Ougea, dou en doaçom entre vivos a vos, Afonso Eanes, coygo de Lugo, o meu quinhom da herdade que Ruy Vasquez, sobredito, comprou e gáano[u] na villa de Villalvite,

sub signo de Santa Maria de Coeses e de Sa-yoane de Pena. A qual herdade el comprou de don Esidro e de sua muler, Sancha Rodriguez, e dou-vo-lla a monte e a fonte e com todas suas pertenenças e com todas suas dereyturas e dou-vos poder que a entredes per vossa autoridade e que façades dela asi como fariades da vosa propria. Feyta a carta da doaçom VII dias por andar de julio, era de mill e CCC e XXVII anos. Os que presentes foron: **Aras Nunez e Ruy Vasquez, clerigos do esleyto, don Fernan Perez**; Ruy Dominguez e Pedro Suarez, escudeyros do esleyto. Eu Fernan Rodriguez, notario publico de Lugo, foy presente e escrivi esta carta per mandado de Pedro Rodriguez, sobredito, e puge y meu signal.

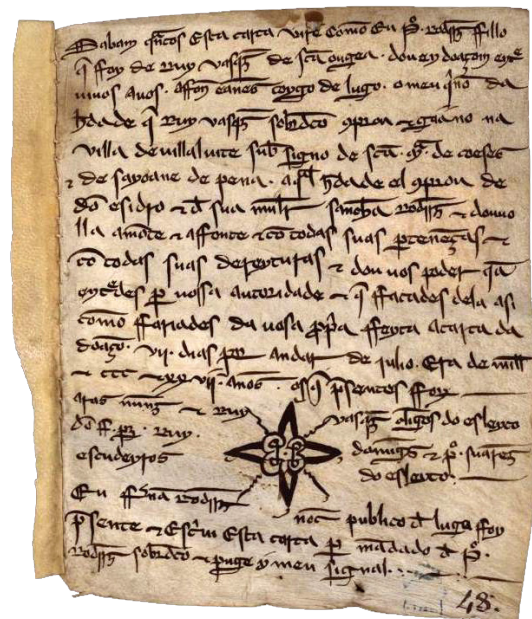


Fig. 18. AHN, Catedral de Lugo, maço 1331F, nº 11

9. Referências bibliográficas

- Afonso, Marta (2023): *Documentos portugueses (1271-1285): edição, estudo linguístico e glossário*. Tese de doutoramento (inérita). Santiago: Universidade de Santiago de Compostela.
- Álvarez Borge, Ignacio (2008): “Los dominios de un noble de la corte castellana en la primera mitad del siglo XIII. García Fernández de Villamayor”, *Hispania* 68, pp. 647-706.
- Arias Freixedo, Bieito (2010): *O cancionero de Roi Fernandiz, clérigo de Santiago*. Vigo: Universidade de Vigo, <http://locuscriticus.webs.uvigo.es/Roi/index8192.html> [consulta: 15/05/2022].
- Assas, Manuel de (1857): *Historia de los templos de España. La catedral de Toledo*. Madrid: Imprenta y Esterotipia Española de los señores Nieto y Compañía.
- Beltran, Vicenç (1989): “Tipos y temas trovadorescos: Bonifaci Calvo y Ayra Moniz d’Asme”, *Revista de literatura medieval* I, pp. 9-13.
- (1996): “Tipos y temas trovadorescos. XI. La corte poética de Sancho IV”, em C. Alvar e J. M. Lucía Megías (eds.), *La literatura en la época de Sancho IV (Actas del Congreso Internacional «La literatura en la época de Sancho IV» (Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994))*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, pp. 121-140.

- (2002): “Tópicos y creatividad en la cantiga de amigo tradicional”, *Santa Barbara Portuguese Studies* VI, pp. 5-21.
- Beltrán de Heredia, Vicente (1970): *Cartulario de la Universidad de Salamanca* (1218-1660). Salamanca: Universidad de Salamanca.
- (1999): *Los orígenes de la Universidad de Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad.
- Bertolucci Pizzorusso, Valeria (2001): “Libro di autore e libro di autori: il caso delle *Cantigas de Santa Maria*”, em P. Botta, C. Parrilla e I. Pérez Pascual (eds.), *Canzonieri iberici*. Noia: Toxosoutos / Università di Padova / Universidade da Coruña, vol. 1, pp. 125-137.
- Bétérus, Paule V. (1983): “Les collections de miracles de la Vierge en gallo et ibéro-roman au XIII siècle”, *Marian Library Studies* 15, pp. 38-663.
- Brea, Mercedes (2009): “*Vos que soedes en corte morar*, un caso singular”, em M. Brea (coord.), *Pola melhor dona de quantas fez Nostro Senhor. Homenaxe á profesora Giulia Lanciani*. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para Investigación en Humanidades, pp. 97-109.
- (2021): “*Quand’eu vejo las ondas*, de Roi Fernandiz de Santiago”, em M. Serrano Marín, B. Almeida e F. Larraz (eds.), *Babel a través del espejo. Homenaje a Joaquín Rubio Tovar*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, pp. 27-35.
- Brea, Mercedes e Pilar Lorenzo Gradín (2020): *Base de datos paleográfica da lírica galego-portuguesa (PalMed)*. Versión 1.2. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, <https://bernal.cirp.gal/ords/palmed/r/palmed/inicio> [consulta: 15/05/2022].
- Cabana Outeiro, Alexandra (2007): *O Tombo H da Catedral de Santiago de Compostela. Edición e estudo*. Santiago de Compostela: Asociación Galega de Historiadores.
- Cañizares del Rey, Ventura (2015): *Colección diplomática III* (Transcripción, edición e índices a cargo de M. Rodríguez Sánchez, O. González Murado, M. Luisa Doval García). Lugo: Publicacións Diócesis de Lugo.
- CDGH = *Colección diplomática de Galicia Histórica*. Santiago: Tipografía Galaica, 1901-1903.
- CDHB = *Colección de documentos históricos do Boletín de la Real Academia Gallega*. Tomo I. Corunha: Litografía e Imprenta Roel, 1915.
- Daumet, Georges (1913): *Mémoire sur les relations de la France et de la Castille de 1255 à 1320*. Paris: Fontemoing & C^{ie}.
- Dellacasa, Sabina (1998): *I Libri Iurium della Repubblica di Genova*. Vol. I/4. Genova: Società Ligure di Storia Patria / Biblioteca digitale.
- D’Emilio, James (2003): “Writing in the precious treasury of memory: scribes and notaries in Lugo (1150-1240)”, em H. Spilling (ed.), *La collaboration dans la production de l’écrit médiéval. Actes du XIIIe colloque du Comité international de paléographie latine (Weingarten, 22-25 septembre 2000)*. Paris: École des Chartes, pp. 379-410.
- Díaz y Díaz, Manuel C. (1971): “Problemas de la cultura en los siglos XI-XII. La escuela episcopal de Santiago”, *Compostellanum* XVI, pp. 187-200.
- Domínguez Sánchez, Santiago (1999): *Documentos de Nicolás III (1277-1280) referentes a España*. Leão: Universidad de León.
- Eubel, Konrad (1913): *Hierarchia catholica medii aevi*. Münster: Sumptibus et typis librariae Regensbergianae.
- Falque, Emma (2003): *Lucae Tudensis Chronicon Mundi (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis LXXIV)*. Turnhout: Brepols.
- Fernández Campo, Francisco (1993): “Martim Moxa”, em L. Lanciani e G. Tavani (orgs.), *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 438-440.
- Fernández Fernández, Laura (2008-2009): “*Cantigas de Santa María*: fortuna de sus manuscritos”, *Alcanate* VI, pp. 323-348.
- (2011): “«Este livro, com’achei, fez á onr’ e á loor da virgen Santa Maria». El proyecto de las Cantigas de Santa María en el marco del escritorio regio. Estado de la cuestión y nuevas reflexiones” em L. Fernández Fernández e J. C. Ruiz Souza (dirs. e coords.), *Alfonso X el Sabio. Las Cantigas de Santa Maria. Códice Rico, Ms. T-I-1*. Madrid: Patrimonio Nacional, vol. 2, pp. 45-78.
- (2012-2013): “Los manuscritos de las cantigas de Santa María: definición de un proyecto regio”, *Alcanate* VIII, pp. 81-117.

- (2018): “Cultura visual monástica en las Cantigas de Santa María”, em J. Á. García de Cortázar e R. Teja (coords.), *El monasterio medieval como célula social y espacio de convivencia*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real.
- Fernández Valverde, Juan (1987): *Roderici Ximenii de Rada. Historia de Rebvs Hispanie sive Historia Gotica. (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis LXXII)*. Turnhout: Brepols.
- Ferreira, João Paulo Martins (2019): *A nobreza galego-portuguesa da diocese de Tui (915-1381)*. Santiago de Compostela: Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento, CSIC-Xunta de Galicia (Anexo XLVIII de *Cuadernos de Estudios Gallegos*).
- Ferreira, Manuel Pedro (1997): “Música das cantigas galego-portuguesas: balanço de duas décadas de investigação”, em *Actas do congreso O mar das cantigas*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp. 235-266.
- (2009): *Aspectos da música medieval no ocidente peninsular. Volume I. Música Palaciana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira Priegue, Elisa (1988): *Los caminos medievales de Galicia*. Ourense: Museo Arqueológico Provincial (Anexo 9 de *Boletín Avriense*).
- Ferreiro, Manuel (dir.) (2018): *Universo Cantigas. Edición crítica da poesía medieval galego-portuguesa*. Corunha: Universidade da Coruña, <https://www.universocantigas.gal/> [consulta: 15/05/2022].
- Fidalgo Francisco, Elvira (1994): “Joi d’amor na cantiga de amor galego-portuguesa”, em E. Fidalgo e P. Lorenzo Gradín (coords.), *Estudios galegos en homenaxe ó profesor Giuseppe Tavani*. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, Xunta de Galicia, pp. 65-78.
- Fidalgo Francisco, Elvira (2002): *As Cantigas de Santa María*. Vigo: Xerais.
- (coord.) (2003): *As cantigas de loor de Santa María*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- (2015): “Usos do adxectivo *alegre* na lírica galego-portuguesa”, em M. Brea (ed.), *La expresión de las emociones en la lírica medieval*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, pp. 263-280.
- (2016): “La expresión del *joi* en la escuela trovadoresca gallego-portuguesa”, *Revista de Cancioneros, Impresos y Manuscritos* 5, pp. 107-141.
- (2020): “Afonso X, trovador religioso: Las Cantigas de Santa María”, em E. Fidalgo (ed.), *Alfonso X el Sabio: cronista y protagonista de su tiempo*, pp. 185-208.
- Filgueira Valverde, Xosé (1980): *Alfonso X e Galicia e unha escolma de cantigas*. Corunha: Real Academia Galega.
- Fita, Fidel (1885): “Traslación e invención del cuerpo de San Ildefonso. Reseña histórica por Gil de Zamora”, *Boletín de la Real Academia de la Historia* VI, pp. 60-71, <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcm87x5> [consulta: 15/05/2022].
- Gaibrois de Ballesteros, Mercedes (1922-1928): *Sancho IV de Castilla*. Madrid: Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos, 3 vols.
- García Conde, Antonio e Amador López Valcárcel (1991): *Episcopologio Lucense*. Lugo: Fundación Caixa Galicia (separata de *Liceo Franciscano*).
- García-Fernández, Miguel (2021): “Las mujeres en las estrategias familiares de las élites urbanas bajomedievales: un ejemplo compostelano”, em J. Á. Solorzano Telechea, J. Haemers e C. Liddy (eds.), *La familia urbana: matrimonio, parentesco y linaje en la Edad Media*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos.
- García-Sabell Tormo, Teresa (1991): *Léxico francés nos cancioneros galego-portugueses. Revisión crítica*. Vigo: Galaxia.
- González Arévalo, Raúl (2021): “*Ad terram regis Castelle*. Comercio, navegación y privilegios italianos en Andalucía en tiempos de Alfonso X el Sabio”, *Alcanate* XII, pp. 125-162.
- González Jiménez, Manuel (1998): *Crónica de Alfonso X. Según el Ms. II/2777 de la Biblioteca del Palacio Real (Madrid)*. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio.
- (2004): *Alfonso X el Sabio*. Barcelona: Ariel.
- González Jiménez, Manuel e María Carmona Ruiz (2012): *Documentación e itinerario de Alfonso X el Sabio*. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- Gutiérrez García, Santiago (2009): “Las cantigas de romería y la peregrinación de Sancho IV a Santiago”, em M. Brea (coord.), *Pola melhor dona de quantas fez Nostro Senhor. Homenaxe á profesora Giulia Lanciani*. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, pp. 277-290.

- Haro Cortés, Marta (2016): “Semblanza iconográfica de la realeza sapiencial de Alfonso X: las miniaturas liminares de los códices regios”, *Revista de poética medieval* 30, pp. 131-153.
- Hernández, Francisco J. (2016): “Ascenso y caída de Gómez García, abad de Valladolid y privado de Sancho IV de Castilla”, em H. Vasconcelos Vilar e M. J. Branco, *Ecclesiastics and political state Building in the Iberian monarchies, 13th-15th centuries*. Évora: Publicações do Cidehus, <https://books.openedition.org/cidehus/1539> [consulta: 15/05/2022].
- (2021): *Los hombres del rey y la transición de Alfonso X el Sabio a Sancho IV (1276-1286)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2 vols.
- Jiménez Gómez, Santiago (1987): “O «Memorial de Aniversarios» da Catedral de Lugo como fonte para o estudo da sociedade medieval”, em *Jubilatio. Homenaje de la Facultad de Geografía e Historia a los profesores D. Manuel Lucas Álvarez y D. Ángel Rodríguez González*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago, vol. 1, pp. 161-227.
- (1989): *Discurso, documento y territorialización en el ámbito de la sociedad lucense del siglo XIII (1180-1302)*. Tese de doutoramento (inédita). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2 vols.
- Lagares, Xosé Carlos (2000): *E por esto fez este cantar. Sobre as rubricas explicativas dos cancioneiros profanos galego-portugueses*. Santiago: Laiovento.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1973): “Recensão a Tavani (Giuseppe), *Le poesie di Ayra Nunez*”, *Boletim de Filologia* XXII, pp. 177-185.
- (1981): *Lições de literatura portuguesa. Época medieval*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Larson, Pär (2010): “Da un mare all’altro”, em M. Brea e S. López Martínez-Morás (coords.), *Aproximacións ao estudo do vocabulario trobadoresco*. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro, pp. 75-90.
- (2019): “Dalla fucina di Universo Cantigas: una nuova lettura della tenzone bilingüe T 21,1 (UC 475)”, *Medioevo Romanzo* XLIII, pp. 430-439.
- Lera Maíllo, José Carlos (2012): *Bamba y su Santuario de Santa María del Viso. Historia y leyenda*. Zamora: Semuret.
- Leza Tello, Prudencio e Pilar Pérez Formoso (2016): “Aproximación a un priorologio de los conventos dominicos de la diócesis de Lugo”, *Lycensia* 53, pp. 9-29.
- Linehan, Peter A. (1975): “La iglesia de León a mediados del siglo XIII”, em *León y su historia*. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, Archivo Histórico Diocesano, Caja de Ahorros y Monte de Piedad de León, vol. 3, pp. 11-76.
- Lopes, Graça Videira e Manuel Pedro Ferreira (2011-): *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, <https://cantigas.fcsh.unl.pt/> [consulta: 15/05/2022].
- López Carreira, Anselmo (2016): *Documentos do arquivo da catedral de Ourense (1289-1399)*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- López Ferreiro, Antonio (1902): *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*. Vol. V. Santiago de Compostela: Imp. y Enc. del Seminario Conciliar Central.
- Lorenzo Gradín, Pilar (1996): “Gómez García, abade de Valadolide”, em C. Alvar e J. M. Lucía Megías (eds.), *La literatura en la época de Sancho IV (Actas del Congreso Internacional «La literatura en la época de Sancho IV» (Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994))*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, pp. 213-226.
- (2018): “La cantiga de amor: entre tradición y recepción”, em M. Simó, A. Mirizio e V. Trueba (eds.), *Los trovadores: recepción, creación y crítica en la Edad Media y la Edad Contemporánea*. Kassel: Reichenberger, pp. 59-80.
- (2021): “Les troubadours galégo-portugais et la dialectique du silence et du chant poétiques”, *Le Moyen Âge* CXXVII, pp. 537-557.
- (2022): “De amor y primavera: el debate entre don Denis y Airas Nunez”, *Zeitschrift für romanische Philologie* 138/3, pp. 876-897.
- Lorenzo Gradín, Pilar e Simone Marcenaro (2021): “O espazo poético de Afonso X: trovadores e textos”, em M. Brea e P. Lorenzo Gradín (eds.), *Afonso X e Galicia*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp. 259-310.

- Lucas Álvarez, Manuel (1989): “El notariado en Galicia hasta el año 1300”, em *Notariado público y documento privado: de los orígenes al siglo XIV. Actas del VII Congreso Internacional de Diplomática, Valencia, 1986*. Valencia: Generalitat Valenciana, vol. 1, pp. 331-480.
- (2003): *El monasterio de San Martiño Pinario de Santiago de Compostela en la Edad Media*. Sada: Edicións do Castro.
- Manso Porto, Carmen (1993): *Arte gótico en Galicia: los Dominicos*. Vol. I. Corunha: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- Mariño Paz, Ramón (2018): “Hipercorrección y castellanismo en las leyendas de las miniaturas de los códices T y F de las *Cantigas de Santa María*”, *Estudis Romànics* 40, pp. 37-57.
- Marques, José (2018): *Confirmações de Tui (1352-1382). Aspectos do episcopado de D. João de Castro*. Braga: Arquivo Distrital de Braga / Universidade do Minho.
- Martín Martín, José Luis, Luis Miguel Villar García, Florencio Marcos Rodríguez e Marciano Sánchez Rodríguez (1977): *Documentos de los archivos catedralicio y diocesano de Salamanca (siglos XII-XIII)*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- Martínez Díez, Gonzalo e Vidal González Sánchez (2000): *Colección diplomática. Monasterio cisterciense de Santa María la Real. Villamayor de los Montes*. Burgos: Caja de Ahorros Municipal.
- Mettmann, Walter (1971): “Airas Nunes, Mitautor der «*Cantigas de Santa María*»”, *Iberoromania* 3, pp. 8-10.
- (1981): *Cantigas de Santa María*. Vigo: Xerais [reimpressão da edição de Coimbra pela Universidade de Coimbra em 1972].
- (1987): “Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de las *Cantigas de Santa María* y sobre el problema del autor”, em I. J. Katz e J. E. Keller (eds.), *Studies on the «Cantigas de Santa María»: Art, Music, and Poetry. Proceedings of the International Symposium on the «Cantigas de Santa María» of Alfonso X, el Sabio (1221-1284)*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, pp. 355-366.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1897): *Geschichte der portugiesischen Litteratur*, em Gustav Groeber (dir.), *Grundriss der romanischen Philologie II*, 2. Estrasburgo, pp. 129-382.
- (1990): *Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, vol. II [reimpressão da edição de Halle por Max Niemeyer em 1904 com prefácio de Ivo Castro e glossário das cantigas].
- (2004): *Glosas marginais ao cancioneiro medieval português de Carolina Michaëlis de Vasconcelos* (Ed. por Y. Frateschi Vieira, J. L. Rodríguez, M. I. Morán Cabanas e J. A. Souto Cabo). Coimbra: Universidade de Santiago de Compostela, Universidade de Coimbra, Universidade de Campinas.
- Molina Martínez, Luis (1981): “Las campañas de Almanzor a la luz de un nuevo texto”, *Al-qantara: Revista de estudios árabes* 2, pp. 209-264.
- Monteagudo, Henrique (2021a): “Afonso o Sabio na lírica trobadoresca galego-portuguesa: da historia literaria á política cultural”, em J. M. Andrade Cernadas e S. R. Doubleday (eds.), *Galicia no tempo de Afonso X*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, pp. 381-403.
- (2021b): “Para a análise comparativa da escrita das *Cantigas de Santa María* (1). O códice de Toledo (To)”, *Signum* 22/2, pp. 150-178, <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/654/565> [consulta: 15/05/2022].
- (2021c): “Ayras Nunes, Afonso o Sabio e as *Cantigas de Santa María*”, *Boletín da Real Academia Galega* 382, pp. 113-134 [publicado em 27/04/2022].
- (no prelo): “A integración do «cancioneiro dos xogres galegos» na *Compilación Xeral* da lírica trobadoresca. Scriptolingüística, codicología e tradición manuscrita”.
- Mosquera Agrelo, Manuel (2002): “Códice y catedral: el Tumbo Viejo entre los códices del Archivo medieval de la sede lucense”, em *Iglesia y religiosidad en España. Historia y archivos. Actas de las V Jornadas de Castilla-La Mancha sobre investigación en archivos (Guadalajara, 8-11 mayo 2001)*. Guadalajara: Anabad Castilla-La Mancha / Asociación de Amigos del Archivo Histórico Provincial de Guadalajara, vol. 2, pp. 921-939.
- Mussons, Anna Maria (1996): “Los trovadores en los últimos años del siglo XIII. Ayra Nunez y la romería de Sancho IV”, em C. Alvar e J. M. Lucía Megías (eds.), *La literatura en la época de Sancho IV (Actas del Congreso Internacional «La literatura en la época de Sancho IV» (Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994))*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, pp. 227-233.
- Negri, Manuel (2021): “Afonso X e as *Cantigas de Santa María* localizadas en Galicia”, em M. Brea e P. Lorenzo Gradín (eds.), *Afonso X e Galicia*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp. 459-506.

- Oliveira, António Resende de (1988): “Do Cancioneiro da Ajuda ao «Livro das cantigas» do conde D. Pedro. Análise do acrescento à secção das cantigas de amigo de ω ”, *Revista de História das Ideias* 10, pp. 691-751.
- (1994): *Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhidas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Colibri.
- (2010): “D. Afonso X, infante e trovador I. Coordenadas de uma ligação à Galiza”, *Revista de Literatura Medieval* 22, pp. 257-270.
- (2021): “A Galiza e os galegos nos cantares e na corte do Sábio”, em M. Brea e P. Lorenzo (eds.), *Afonso X e a Galicia*. Santiago de Compostela: Xunta da Galicia, pp. 311-327.
- Pallares Gaioso, Juan (1700): *Argos Divina Sancta Maria de Lugo de los Ojos Grandes, fundación y grandezas de su Iglesia, Sanctos naturales, Reliquias y Venerables varones de su ciudad y obispado. Obispos y Arçobispos que en todos los imperios governaron*. Santiago de Compostela: Imprenta de Antonio Benito Fraiz.
- Paredes, Juan (2020): “Afonso X, trovador profano”, em E. Fidalgo (ed.), *Alfonso X el Sabio: cronista y protagonista de su tiempo*. San Millán de la Cogolla: Cilengua, pp. 163-184.
- Pellicer de Ossau y Tovar, José (1663): *Informe del origen, antigüedad, calidad, i sucesssion de la excelentissima casa de Sarmiento de Villamayor y las unidas a ella por casamiento*. Madrid.
- Penafiel, André B. (2019): “Compilação dos cancioneiros galego-portugueses primitivos”, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 46, pp. 161-206.
- Pérez Rodríguez, Francisco Javier (1996): *La iglesia de Santiago de Compostela en la Edad Media: el cabildo catedralicio*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- (2004): *Os documentos do Tombo de Toxosoutos*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- (2018): “Los mendicantes en el reino de Galicia: instalación, problemas y adaptación (siglos XIII-XIV)”, em D. Chao Castro, I. González e F. López Alsina (coords.), *Franciscanos en la Edad Media. Memoria, cultura y promoción artística*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, pp. 97-115.
- (2019): *Los monasterios del reino de Galicia entre 1071 y 1540: de la reforma gregoriana a la observante*. Santiago de Compostela: Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento, CSIC-Xunta de Galicia (Anexo XLVII de *Cuadernos de Estudios Gallegos*).
- Pizarro, José Augusto Sotto Mayor (2011): “Os Limas: da Galiza a Giela (séc. XII a XV), em *Actas do 1º Congresso Internacional Casa Nobre: um património para o futuro*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez, pp. 53-73.
- Placer López, Gumersindo (1945): “Airas Nunes (Poeta compostelano del siglo XIII)”, *Boletín de la Real Academia Gallega* XXIII/274-276, pp. 411-431.
- Portela Silva, María José (2007): *Documentos da Catedral de Lugo, século XIV*. Vol. I. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- Quintana Prieto, Augusto (1987): *La documentación pontificia de Inocencio IV*. Roma: Instituto Español de Historia Eclesiástica, 2 vols.
- Ramos, Maria Ana (2008): *O Cancioneiro da Ajuda. Confecção da escrita*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2 vols.
- Rey Caña, José Ángel (1985): *Colección diplomática del monasterio de Ferreira de Pallares*. Tese de doutoramento (inérita). Granada: Universidad de Granada, 2 vols.
- Ripoll, Thomae e Antonino Bremond (1729): *Bullarium Ordinis Fratrum Praedicatorum*. Tomus Primus (1215-1280). Roma: Typographia Hieronymi Mainardi.
- Rodríguez, José Luís (1980): *El cancionero de Joan Airas de Santiago*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (Anexo 12 de *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*).
- Rodríguez, José Luís (1983): “Castelhanismos no galego-português de Afonso X, o Sábio”, *Boletim de Filologia* XXVIII, pp. 7-19.
- Ron Fernández, Xabier (1996): “Citar es crear. El arte de la cita en Airas Nunez”, em C. Alvar e J. M. Lucía Megías (eds.), *La literatura en la época de Sancho IV (Actas del Congreso Internacional «La literatura en la época de Sancho IV» (Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994))*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, pp. 487-500.
- (2005): “Carolina Michaëlis e os trovadores representados no Cancioneiro da Ajuda”, em M. Brea (coord.), *Carolina Michaëlis e o Cancioneiro da Ajuda, hoxe*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp. 121-188.

- (2021): “Parentelas aristocráticas galegas na corte de Castela e León desde Alfonso X. Os Churrichao e os Rodeiro”, em M. Brea e P. Lorenzo (eds.), *Afonso X e Galicia*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Ruiz García, Elisa (2012-2013): “Modernidad y pulcritud en la composición material de los códices ricos de las *Cantigas*”, *Alcanate* VIII, pp. 119-160.
- Sánchez Prieto-Borja, Pedro (2009): *Afonso X el Sabio. General Estoria. Primera Parte*. Madrid: Biblioteca Castro / Fundación José Antonio de Castro, 2 vols.
- Sánchez Sánchez, Xosé Manoel (2018): “Compostelano, Bernardo”, em Real Academia de la Historia, *Diccionario Biográfico electrónico*, <https://dbe.rah.es/> [consulta: 15/05/2022].
- Schaffer, Martha (1995): “Marginal Notes in the Toledo Manuscript of Alfonso El Sabio’s *Cantigas de Santa Maria*: Observations on Composition, Correction, Compilation, and Performance”, *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria* VII, pp. 65-84.
- (1997): “Questions of Authorship: The *Cantigas de Santa Maria*”, em A. M. Beresford e A. Deyermund (eds.), *Proceedings of the Eight Colloquium. Papers of the Medieval Hispanic Research Seminar* 5. London: Queen Mary & Westfield College, pp. 17-30.
- Snow, Joseph T. (2009): “El yo anónimo y las *Cantigas de Santa Maria* de Alfonso X”, *Alcanate* VI, pp. 309-322.
- (2012): “Alfonso X y la cuestión de la autoría de las *Cantigas de Santa Maria* (otra vez)”, em P. Botta, A. Garribba, M. L. Cerrón Puga e D. Vaccari (coords.), *Rumbos del hispanismo en el umbral del Cincuentenario de la AIH*. Roma: Bagatto Libri, vol. 2, pp. 143-149.
- (2016-2017): “La utilización política de la devoción mariana en el reinado de Alfonso X, el Sabio (1252-1284)”, *Alcanate* X, pp. 61-85.
- (2019): “Clues to the authorship of the *Cantigas de Santa Maria* from the Toledo manuscript”, *Romance Quarterly* 66, pp. 135-146.
- (2022): “Como la primera redacción de las *cantigas de Santa Maria* (To) de Alfonso X nos prepara para las siguientes”, *Incipit* XLII, pp. 11-24.
- Souto Cabo, José António (2001): *Rui Vasques. Crónica de Santa Maria de Íria* (Estudo e edizón de ———). Sada: Ediciós do Castro.
- (2011): “Lopo Lias: entre Orzelhão e Compostela”, *Diacrítica. Ciências da Linguagem* 25/1, pp. 109-133.
- (2012a): “*In capella dominis regis in Ulixbona* e outras nótulas trovadorescas compostelanas”, em *Actas del XIV Congreso de la AHLM (Murcia, 6-9 de septiembre, 2011)*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 777-784.
- (2012b): *Os cavaleiros que fizeram as cantigas. Aproximação às origens socioculturais da lírica galego-portuguesa*. Niterói / Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- (2012c): “*En Santiago, seend’ albergado en mia pousada*. Nótulas trovadorescas compostelanas”, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 39, pp. 273-298.
- (2018): “*Et de dona Guiomar nascio don Rodrigo Diaz de los Cameros*. Figuras femininas no patrocínio da lírica galego-portuguesa (I)”, em E. Corral Díaz (ed.), *Voces de mujeres en la Edad Media*. Berlin / Boston: De Gruyter, pp. 9-32.
- (2020): “*De illis de Mirapixe: Monio Fernandi*. O trovador Múnio Fernandes de Mirapeixe e a sua parentela”, *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos* 23, pp. 335-373.
- (2022): “*Aparecerá porla presente escriptura até o tempo en que somos*. Ainda sobre a *Crónica de Santa Maria de Íria*” em R. Pichel (ed.), «*Tenh’eu que mi fez el i mui gram bem*». *Estudos sobre cultura escrita medieval dedicados a Harvey L. Sharrer*. Madrid: Sílex, pp. 591-644.
- Souto Cabo, José António e Yara Frateschi Vieira (2003): “Para um novo enquadramento histórico-literário de Airas Fernandes, dito «Carpancho»”, *Revista de Literatura Medieval* XVI/1, pp. 221-277.
- Stegagno Picchio, Luciana (1968): *Martin Moya. Le poesie*. Roma: Edizioni dell’Ateneo.
- Tavani, Giuseppe (1964): *Le poesie di Ayra Nunez*. Milão: Ugo Merendi.
- (1967): *Repertorio metrico della lirica galego-portoghese*. Roma: Edizioni dell’Ateneo.
- (1988): “O clérigo Ayra Nunez”, em G. Tavani, *Ensaio portugueses*, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, pp. 191-243.
- (2004): “O galego de Raimbaut de Vaqueiras e o provençal de Airas Nunez”, *A Trabe de Ouro* IV, pp. 445-454.
- Vázquez Saco, Francisco (2008): “Consideraciones en torno a la cantiga LXXVII del Rey Sabio”, *Lycensia* 37/XVIII, pp. 383-391.